

**ADRIANA PATRÍCIA COSTA DAS DÔRES SOUSA**

**MOVIMENTOS SOCIAIS DIGITAIS EM PORTUGAL:  
UM ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

**2016**

**ADRIANA PATRÍCIA COSTA DAS DÔRES SOUSA**

**MOVIMENTOS SOCIAIS DIGITAIS EM PORTUGAL:  
UM ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO**

**Mestrado em Educação Social**

**Trabalho efetuado sob a orientação:**

**Professor Doutor António Almeida Fragoso**

**VOLUME II**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

**2016**

## ÍNDICE

---

<b>Anexo I</b> - Cronograma .....	2
<b>Anexo II</b> - Questionário .....	3
<b>Anexo III</b> – Guião para as entrevistas on-line e presenciais.....	12
<b>Anexo IV</b> – Consentimento Informado.....	19
<b>Anexo VI</b> – Transcrição das Entrevistas .....	32
<b>Anexo VII</b> – Quadro da Análise Categorical.....	132
<b>Anexo VIII</b> – Amostra de 8 MSD de 16 analisados previamente .....	206
<b>Anexo IX</b> – Grelha de Convites para as Entrevistas .....	217

## Anexo I - Cronograma

---

<b>Etapas</b>	<b>SET</b>	<b>OUT</b>	<b>NOV</b>	<b>DEZ</b>	<b>JAN</b>	<b>FEV</b>	<b>MAR</b>	<b>ABR</b>	<b>MAI</b>	<b>JUN</b>	<b>JUL</b>	<b>AGO</b>	<b>SET</b>
<b>Pesquisa e leitura bibliográfica</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>									
<b>Elaboração de questionários</b>			<b>X</b>										
<b>Aplicação de questionários</b>					<b>X</b>	<b>X</b>							
<b>Entrevistas</b>			<b>X</b>	<b>X</b>									
<b>Reuniões de orientação</b>	<b>X</b>		<b>X</b>		<b>X</b>		<b>X</b>		<b>X</b>		<b>X</b>		
<b>Processamento e análise de dados</b>					<b>X</b>	<b>X</b>							
<b>Elaboração da dissertação</b>							<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>			
<b>Retificação/Revisão da dissertação</b>											<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>Entrega da dissertação</b>													<b>X</b>

## Os Movimentos Sociais Digitais em Portugal

No âmbito de uma Dissertação do Curso de Mestrado de Educação Social da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, pretende-se saber a sua opinião sobre “Os Movimentos Sociais Digitais em Portugal na rede social Facebook.” A sua colaboração no preenchimento deste questionário é fundamental para o trabalho que estamos a realizar. Garantimos o anonimato e a confidencialidade dos dados. Tempo médio de resposta: 10 minutos. Muito obrigado pela sua colaboração!

**\*Obrigatório**

### Parte I – Utilização da Internet

1.1. Com que frequência utiliza diariamente a Internet? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Menos de 1 hora
- Entre 1 a 2 horas
- Entre 2 a 4 horas
- 5 ou mais horas

1.2 Quais as suas principais atividades on-line diárias? (Selecione um máximo de quatro opções) \* Marcar tudo o que for aplicável

- Atividade profissional
- Ler, escrever ou enviar e-mails
- Seguir notícias
- Procurar informações sobre interesses pessoais (passatempos)
- Escrever no blogue
- Participar em grupos de discussão e/ou movimentos sociais
- Conversar com os amigos, conhecidos e colegas
- Conversar com pessoas desconhecidas
- Jogar jogos on-line
- Descarregar músicas e filmes
- Vender e comprar coisa
- .....
- Namorar

Outra:

1.3. Por favor indique, aproximadamente, o número de amigos que tem na rede social Facebook:

Marcar tudo o que for aplicável.

- Menos de 50
- 50 a 100
- 100 a 200
- Mais de 200

1.4 Para além da rede social Facebook, que outras redes sociais utiliza? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Twitter
- Badoo
- LinkedIn
- Google+
- Blogue
- Nenhuma
- .....

Outra:

## Parte II – Movimentos Sociais Digitais

2.1 Na sua opinião considera que os grupos sociais existentes no Facebook como o “Geração à Rasca”, “Que se Lixe a Troika” ou os “Precários Inflexíveis” em Portugal, ou os “Indignados em Espanha” se podem designar como movimentos sociais digitais (MSD)? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Sim
- Não
- Não sei

2.2. Um movimento social digital (MSD) possui uma estrutura social heterogénea que assenta numa rede à escala global, rápida, acessível e barata com base nas tecnologias de informação e da comunicação (TIC). Contribui para múltiplas formas de ação e de interação no espaço virtual visando uma nova conceção da democracia através de novas propostas de participação cívica, de mobilização e de solidariedade com as injustiças sociais. Concorda com esta afirmação? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Concordo
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Não tenho opinião formada

2.3. Na sua opinião, quais os principais objetivos dos MSD? (Selecione no máximo quatro opções). \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- Construir consensos
- Estabelecer relações com outros atores políticos
- Melhorar a participação cidadã em qualidade e quantidade
- Pressionar o sistema político através de diferentes formas de protesto
- Influenciar a opinião pública como ferramenta para alcançar os seus objetivos
- Expor as fraquezas de determinada decisão política
- Promover mudanças na sociedade
- Dar voz aos cidadãos que estão descontentes
- Ter objetivos comuns e de solidariedade social
- Construir novas propostas de participação cívica e de mobilização

2.4. Na sua opinião, quais são as principais características dos MSD? (Selecione no máximo quatro opções). \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- Uma estrutura organizativa horizontal assente na participação
- Uma postura crítica em relação às instituições públicas
- A partilha de poder
- Uma alternativa a um sistema hegemónico
- Possuir uma identidade coletiva
- Contruir um movimento social que não se institucionalize
- Uma nova forma de fazer política para lá dos partidos políticos
- Composição social heterogénea
- Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)
- Articulação entre o espaço local e global

2.5. Concorda que nos MSD devem existir líderes? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Concordo plenamente
- Concordo, mas apenas alguém que trate da organização
- Discordo plenamente
- Discordo, pois todos/as devem decidir
- Não concordo nem discordo

2.6. Na sua opinião, estes movimentos: \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Tratam de problemas que afetam apenas uma minoria
- Tratam de problemas que afetam o conjunto da sociedade
- Tratam de problemas que, embora apenas de uma minoria, dizem respeito a todos
- Nenhuma das referidas
- ..... Outra:

2.7 Qual acha ser a inspiração política destes movimentos? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- São movimentos politicamente mais de esquerda
- São movimentos politicamente mais de direita
- São movimentos sem tendência política concreta
- Nenhuma das referidas
- ..... Outra:

2.8. Acha que existem, em número: \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Muitos movimentos deste género
- Poucos movimentos deste género
- Não tenho opinião

2.9 Qual a sua opinião relativamente à continuidade, no tempo, destes movimentos, de uma forma geral. \* Marcar tudo o que for aplicável.

- São muito efémeros, durando pouco
- Conseguem ter continuidade ao longo do tempo
- Não tenho opinião

2.10. Acha que estes movimentos poderão acabar por se converter num partido político? \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- Sim
- Não
- Não sei

2.11. Acha que estes movimentos poderão ser cooptados por um partido político já existente? \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- É muito provável
- É pouco provável
- É imprevisível
- Não tenho opinião

2.12. Na sua opinião, quais as ações que estes movimentos devem utilizar, para lutar por aquilo que defendem? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Boicotes
- Invasões
- Uso da violência
- Abaixo-assinados
- Petições on-line
- Manifestações públicas
- Nenhuma das referidas

2.13 O uso estratégico da comunicação social para a cobertura das ações coletivas destes movimentos influencia a opinião pública. Concorda com esta afirmação? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Concordo
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Não sei

### **Parte III - Participação política/Participação social**

3.1 Antes do aparecimento dos movimentos sociais digitais, alguma vez participou ou considerou participar em alguma das seguintes ações de forma a influenciar o Governo ou as suas políticas: \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca considerarei	Pensei nisso mas nunca fiz	Fiz apenas uma vez	Já fiz algumas vezes
Recolher assinaturas ou assinar petições	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrever uma carta para um jornal, televisão ou para instituições públicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Criar ou trabalhar numa iniciativa de índole social	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Organizar ou participar em manifestações/protestos de rua	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.2. Participou nas últimas eleições legislativas de 2015? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Sim  
 Não

3.3. Participou nas últimas eleições presidenciais de 2016? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Sim  
 Não

3.4. É militante de algum partido político? \* Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não      Passe para a pergunta 23.  
 Já fui      Passe para a pergunta 23.

### Secção sem título

3.5. Participa ativamente nos eventos e/ou iniciativas do partido? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Sim  
 Não  
 Às vezes

### Secção sem título

3.6. Faz parte de alguma associação cívica e/ou social? \* Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não      Passe para a pergunta 25.
- Já fiz parte      Passe para a pergunta 25.

### Secção sem título

3.7. Participa ativamente nos eventos e/ou iniciativas da associação? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Sim
- Não
- Às vezes

### Secção sem título

3.8 Como seguidor de um movimento social no Facebook, qual o seu papel? \* Marcar tudo o que for aplicável.

- Seguidor, mas não participo nos eventos e/ou iniciativas
- Seguidor, mas participo ativamente nos eventos e/ou iniciativas
- Como membro da direção/núcleo duro do poder de decisão
- ..... Outra:

3.9 Quais os motivos que o levaram a ser seguidor de um movimento social no Facebook? \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- Para realizar coisas que não conseguiria fazer sozinho(a)
- Para manter-me atualizado sobre assuntos que considero importantes
- Para conhecer novas pessoas
- Para partilhar os mesmos interesses com os outros membros do grupo
- Apenas para fazer parte de um grupo
- ..... Outra:

3.10. Como explica a falta de participação de outras pessoas nestes movimentos sociais no Facebook? \*

Marcar tudo o que for aplicável.

- Falta de tempo para participar em grupos ou organizações
- Falta de interesse em participar em grupos ou organizações
- Muitas pessoas não têm acesso à Internet
- Há pessoas que têm dificuldades em utilizar tecnologias/ Internet
- Muitas pessoas não encontram grupos com os quais se identificam
- Outra:

#### **Parte IV - Caracterização sociodemográfica do inquirido(a):**

##### 4.1 Género: \*

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
- Feminino

##### 4.2 Idade: \*

.....

##### 4.3 Estado civil: \* Marcar apenas uma oval.

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- União de facto
- Divorciado(a)
- Separado de facto
- Viúvo(a)

##### 4.4 Nacionalidade: \*

.....

##### 4.5 Área de residência: \*

.....

##### 4.6 Situação profissional: \* Marcar apenas uma oval.

- Empregado(a)
- Empregado Precário(a)
- Desempregado(a)
- À procura do 1º emprego
- Reformado(a)

### Secção sem título

4.7 Caso esteja empregado(a) mencione a sua profissão:

.....

### Secção sem título

4.8 Estudante: \* Marcar apenas uma oval.

- Sim Não
- 
- 
- Trabalhador-estudante

### Secção sem título

**Grau de escolaridade \* Marcar apenas uma oval.**

- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento
- Outra: .....

Com tecnologia



### Anexo III – Guião para as entrevistas on-line e presenciais

GUIÃO DE ENTREVISTA			
<b>Tema:</b> <b>MOVIMENTOS SOCIAIS DIGITAIS EM PORTUGAL</b>		<b>Problemática:</b> Se os MS possuem, verdadeiramente, uma identidade coletiva e se têm o objetivo geral de emancipação? Adesão e Participação. Se os movimentos analisados serão efetivamente considerados como movimentos sociais.	
<b>Título:</b> MOVIMENTOS SOCIAIS DIGITAIS EM PORTUGAL – UM ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO			
Blocos Temáticos	Objetivos	Questões	Questões de Apoio
<b>Legitimação do estudo</b>	Informar os entrevistados sobre o objeto de estudo da investigação, consentimento informado e sobre a confidencialidade dos dados.	A presente investigação pretende conhecer a realidade dos movimentos sociais digitais presentes na rede social Facebook e aferir e compreender se se tratam verdadeiramente de um movimento social, assim como, compreender qual a sua importância para a promoção da participação social.	
<b>A –Organização do movimento (Parte I)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar movimentos sociais digitais (MSD) existentes na rede social Facebook;</li> </ul>	<p><b>A1</b> –Antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?</p> <p><b>A2</b> –Como se posiciona em termos ideológicos? E os seus colegas do movimento?</p> <p><b>A3</b> –Como é que surgiu o movimento?</p> <p><b>A4</b> –Identifique um ou vários dos principais objetivos do movimento.</p>	<b>A21</b> - Concorda que os grupos existentes semelhantes a este no Facebook podem-se considerar

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os objetivos e características dos MSD;</li>   <li>• Estudar a origem, constituição, a durabilidade no tempo e no espaço, ou outras características emergentes a partir dos casos selecionados, dos movimentos analisados;</li>   <li>• Compreender se os movimentos analisados serão efetivamente considerados como movimentos sociais;</li>   <li>• Problematizar de que forma, os MSD conseguem lograr os objetivos a que se propõem, sobretudo se</li> </ul>	<p><b>A5</b> –Quantos elementos compõem o movimento?</p> <p><b>A6</b> –Existe algum ou alguns líderes(es) no movimento?</p> <p><b>A7</b> –O grupo de administradores já se conhecia anteriormente?</p> <p><b>A8</b> –A exemplo do UNIDOS PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?</p> <p><b>A9</b> –As vossas atividades têm a capacidade para mudar a situação política? Porquê?</p> <p><b>A10</b> –Com que frequência se reúnem?</p> <p><b>A11</b> –O que leva à marcação dessas reuniões?</p> <p><b>A12</b> –Atuam e trabalham de modo regular, ou em função de factos que vão surgindo e que chamam a vossa atenção?</p> <p><b>A13</b> –Há delegação de responsabilidades e de tarefas?</p> <p><b>A14</b> –A informação que partilham na página do movimento é composta maioritariamente por: informação sobre a orientação e objetivos das vossas ações, partilha de notícias e artigos de opinião, partilha de imagens, vídeos ou informação sobre outros movimentos? Qual o teor destas partilhas? Político? Económico? Social?</p> <p><b>A15</b> –De que modo é tomada a decisão de realizar um evento? Quantas pessoas, geralmente, participam nestas decisões?</p> <p><b>A16</b> –Há iniciativas propostas pelos seguidores? Pode indicar algum exemplo?</p> <p><b>A17</b> –Trabalham todos na organização dos eventos ou existe sempre um mesmo “núcleo duro”?</p>	<p>como movimentos sociais digitais?</p>
--	---	---	--

	<p>conseguem mobilizar os cidadãos para a mobilização social.</p>	<p><b>A18</b> –Sente que o movimento tem conseguido alcançar os objetivos iniciais traçados?</p> <p><b>A19</b> –Quais são as atividades que tem neste momento a decorrer/que estão previstas?</p> <p><b>A20</b> - Continua a fazer sentido a existência do movimento?</p>	
<p><b>B –Dinâmica da Página do Facebook (Parte II)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Problematizar de que forma, os MSD conseguem lograr os objetivos a que se propõem, sobretudo se conseguem mobilizar os cidadãos para a mobilização social;</li> <li>• Compreender a dinâmica da página do Facebook do respetivo MSD e a sua relação com os outros meios de comunicação social.</li> </ul>	<p><b>B1</b> –Em que contexto surgiu a presença do movimento no Facebook?</p> <p><b>B2</b> – Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?</p> <p><b>B3</b> – Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?</p> <p><b>B4</b> – Que diferenças considera que o Facebook tem face a outros meios de mobilização?</p> <p><b>B5</b> – Como se relacionam com os meios de comunicações social de massas?</p> <p><b>B6</b> – Como percecionam o papel destes meios de comunicação, seja na cobertura da atividade do vosso movimento, seja na cobertura dos demais?</p> <p><b>B7</b> – Que meio de comunicação torna mais visível a vossa atividade? Porquê?</p> <p><b>B8</b> – Considera que os objetivos do movimento se sobrepõem aos objetivos de outros movimentos existentes? Alguma vez tentaram lutar entro de organizações e/ou partidos já existentes, como forma de unir esforços? Porquê?</p> <p><b>B9</b> – Considera que existe um trabalho coletivo no que se refere às vossas atividades? Se sim, acha que esse trabalho é desenvolvido de forma articulada?</p>	

		<p><b>B10</b> – Como percebe o trabalho desenvolvido pelo seu movimento, comparando o trabalho dos outros movimentos da mesma natureza?</p> <p><b>B11</b> – Têm algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais?</p> <p><b>B12</b> – Como e em que termos se processa esse relacionamento?</p> <p><b>B13</b> – E com as organizações mais institucionalizadas, como os sindicatos e partidos políticos?</p> <p><b>B14</b> – Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página?</p> <p><b>B15</b> – Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor? Porquê?</p>	
<p><b>C –Iniciativa E Pró-Atividade dos Seguidores (Parte III)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender em que medida a relação entre os seguidores e os respetivos movimentos se pode classificar como participação social;</li> <li>• Aferir se a Internet e as redes sociais se podem constituir como um instrumento que dê</li> </ul>	<p><b>C1</b> –Quantos seguidores tem a vossa página?</p> <p><b>C2</b> –Como percebe a participação dos seguidores, no que toca à vossa página no Facebook?</p> <p><b>C3</b> –Qual é o recurso mais utilizado pelos vossos seguidores? Comentários, imagens, vídeos?</p> <p><b>C4</b> –Tendo como referência as manifestações de vontade por parte dos vossos seguidores em participar nos eventos, previamente anunciadas, como avalia a efetiva mobilização e participação em contexto real ou em contexto local desses seguidores?</p>	

	expressão a diversas formas de ação, as suas limitações e potencialidades.		
<b>D –Recurso àSátira, Humor, Cartoons e Caricaturas (Parte IV)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o repertório e/ou estratégias que utilizam os MSD para potenciar a mobilização e a participação social.</li> </ul>	<p><b>D1</b> –Como percebe o papel da sátira, humor, <i>cartoons</i> e caricaturas, na ação do movimento? Recorrem a eles com que frequência? E com que finalidade?</p> <p><b>D2</b> –Fazem uso de outros meios, que extravasem o Facebook? Nomeadamente cartazes, murais, grafitis? Como conseguem mobilizar financiamento para estes meios?</p> <p><b>D3</b> –Qual a eficácia desta estratégia ou forma de expressão? Tem influência na capacidade de mobilização no seio do seu movimento?</p> <p><b>D4</b> –Considera que o recurso a esta forma de expressão não deve ter qualquer tipo de restrição?</p>	
<b>Caraterização sociodemográfica do(a) entrevistado(a) (Parte V)</b>	Caraterização dos entrevistados/as.	<p><b>Género:</b></p> <p>Masculino <input type="checkbox"/></p> <p>Feminino <input type="checkbox"/></p> <p>Outro <input type="checkbox"/></p> <p><b>Idade:</b> _____</p> <p><b>Estado civil:</b></p> <p>Solteiro(a) <input type="checkbox"/></p>	

		<p>Casado(a) <input type="checkbox"/></p> <p>União de facto <input type="checkbox"/></p> <p>Divorciado(a) <input type="checkbox"/></p> <p>Separado de facto <input type="checkbox"/></p> <p>Viúvo(a) <input type="checkbox"/></p> <p><b>Nacionalidade:</b></p> <hr/>	
		<p><b>Área de residência:</b></p> <hr/>	
		<p><b>Situação profissional:</b></p> <p>Empregado(a) <input type="checkbox"/></p> <p>Precário(a) <input type="checkbox"/></p> <p>Desempregado(a) <input type="checkbox"/></p> <p>À procura do 1º emprego <input type="checkbox"/></p> <p>Reformado(a) <input type="checkbox"/></p> <p><b>Caso esteja empregado(a) mencione a sua profissão:</b></p> <hr/>	
		<p><b>Estudante:</b></p> <p>Sim <input type="checkbox"/></p> <p>Não <input type="checkbox"/></p>	

		<p>Trabalhador-estudante <input type="checkbox"/></p> <p>Licenciatura – Qual: _____</p> <p>Ano: _____</p> <p>Mestrado – Qual: _____</p> <p>Ano: _____</p> <p>Doutoramento – Qual: _____</p> <p>Ano: _____</p> <p>Outra escolaridade:</p> <p>_____</p>	
--	--	---	--

## Anexo IV – Consentimento Informado

Entrevistadora: Adriana Sousa

Entrevistado: Élio Arenga

Data da entrevista: 22/03/2016 19.30h



### CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

(participação em estudo de investigação)

Solicitámos a sua participação no estudo de investigação no âmbito da Dissertação do Curso de Mestrado de Educação Social. O estudo “**Movimentos Sociais Digitais em Portugal**” pretende analisar o conceito de movimento social (MS) criado na Internet, de que forma surgem estes MS, se possuem identidade coletiva e o nível de participação nos MS por parte dos seus utilizadores.

Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é necessário proceder à gravação áudio desta entrevista. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar.

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela entrevistadora suprarreferida. Aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária faculto, confiando que apenas serão utilizados para este estudo nas garantias de confidencialidade e anonimato que me é dada pela entrevistadora.

Nome do entrevistado (R1) Élio Filipe Dos Santos Ribeiro ARENGA

Assinatura

Data 27/04/2016

Nome da entrevistadora (E1) **Adriana Sousa**

Aluna do Curso de Mestrado de Educação Social Correio Eletrónico [movimentosdigitaisportugal@gmail.com](mailto:movimentosdigitaisportugal@gmail.com)

Assinatura

Data: 22/03/2016

**Entrevistadora: Adriana Sousa**

**Entrevistado: João Batalha**

**Data da entrevista: 24.03.2016 às 16h**

### **CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**

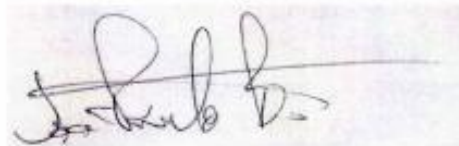
(participação em estudo de investigação)

Solicitámos a sua participação no estudo de investigação no âmbito da Dissertação do Curso de Mestrado de Educação Social. O estudo “**Movimentos Sociais Digitais em Portugal**” pretende analisar o conceito de movimento social (MS) criado na Internet, de que forma surgem estes MS, se possuem identidade coletiva e o nível de participação nos MS por parte dos seus utilizadores.

Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é necessário proceder à gravação áudio desta entrevista. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar.

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela entrevistadora suprarreferida. Aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária faculto, confiando que apenas serão utilizados para este estudo nas garantias de confidencialidade e anonimato que me é dada pela entrevistadora.

**Nome do entrevistado:** João Paulo Batalha



Assinatura

Adriana Sousa

Data 24/03/2016

**Entrevistadora: Adriana Sousa**

**Entrevistado: Fernando Dias**

**Data da entrevista: 09.04.2016 às 15h**

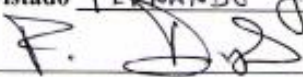
### CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

(participação em estudo de investigação)

Solicitámos a sua participação no estudo de investigação no âmbito da Dissertação do Curso de Mestrado de Educação Social. O estudo “**Movimentos Sociais Digitais em Portugal**” pretende analisar o conceito de movimento social (MS) criado na Internet, de que forma surgem estes MS, se possuem identidade coletiva e o nível de participação nos MS por parte dos seus utilizadores.

Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é necessário proceder à gravação áudio desta entrevista. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar.

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela entrevistadora suprarreferida. Aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária faculto, confiando que apenas serão utilizados para este estudo nas garantias de confidencialidade e anonimato que me é dada pela entrevistadora.

Nome do entrevistado FERNANDO JORGE GOURIA DIAS  
Assinatura  Data 09/4/2016

**Nome da entrevistadora - Adriana Sousa**

Aluna do Curso de Mestrado de Educação Social Correio Eletrónico [movimentosdigitaisportugal@gmail.com](mailto:movimentosdigitaisportugal@gmail.com)

Assinatura  Data: 28/03/2016

**Entrevistadora: Adriana Sousa**

**Entrevistado: João Martins**

**Data da entrevista: 28/03/2016 17.30h**

### CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

(participação em estudo de investigação)

Solicitámos a sua participação no estudo de investigação no âmbito da Dissertação do Curso de Mestrado de Educação Social. O estudo “**Movimentos Sociais Digitais em Portugal**” pretende analisar o conceito de movimento social (MS) criado na Internet, de que forma surgem estes MS, se possuem identidade coletiva e o nível de participação nos MS por parte dos seus utilizadores.

Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é necessário proceder à gravação áudio desta entrevista. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar.

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela entrevistadora suprarreferida. Aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária faculto, confiando que apenas serão utilizados para este estudo nas garantias de confidencialidade e anonimato que me é dada pela entrevistadora.

Nome do entrevistado (R1) João Beluca de Rodrigues Castro  
Assinatura [assinatura] Data 28/03/2016

Nome da entrevistadora (E1) **Adriana Sousa**

Aluna do Curso de Mestrado de Educação Social Correio Eletrónico [movimentosdigitaisportugal@gmail.com](mailto:movimentosdigitaisportugal@gmail.com)  
Assinatura [assinatura] Data: 28/03/2016

Adriana Sousa (E1)

Élio Arenga (R1) – Geração à Rasca

Informação concedida ao entrevistado R1:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

**Legenda:**

☺ – Risos

... – Momento curto de silêncio

(...) – Momento longo de silêncio

**Notas à posteriori - Reflexão**

A realização da entrevista tinha sido combinada com o entrevistado para se fazer através do Messenger do Facebook, aliás, a ideia partiu do entrevistado. Tinha tudo preparado e encontrava-me no Campus da Penha na ESEC quando iniciámos a entrevista. Iniciada, a ligação da Internet caiu várias vezes cortando a entrevista e perdendo algumas informações tendo que se recuar naquilo que se estava a dizer. O Élio é administrador da página de Facebook da Geração à Rasca convidou-me para me deslocar à sua casa sito em Faro para acabarmos a entrevista pessoalmente. A entrevista acabou por se tornar uma conversa informal e agradável sobre a GR, melhor sobre este movimento social que o Élio considera sem sombra de dúvida que a GR o é assim as demais congéneres. A entrevista foi bastante rica em informações sendo que, algumas destas informações me deixaram perplexa pela sua gravidade. A entrevista correu bem e as questões a que me propus estavam a ser respondidas, A par disso, o entrevistado concedeu-me mais informação do que estava previsto. Senti também que o entrevistado estava à vontade comigo. Senti que existe um desconhecido mundo novo por detrás destes MSD dos quais conhecemos apenas aquilo que consta no *feed* de notícias. Contudo, por detrás existe uma complexidade de relações, interesses, inúmeros contactos que desconhecia. Este jovem e a namorada atualmente são os únicos administradores da GR e ambos são namorados e residentes em Faro. Os outros administradores com o tempo foram saindo porque sofreram represálias. Mesmo o R1 afirma que sente na pele e pensa duas vezes antes de fazer e/ou escrever sobre qualquer assunto. O

R1 elogiou bastante o tema deste trabalho, referiu que não há muitos estudos sobre esta temática o que poderá complicar um pouco a investigação. Por outro lado, refere que, é original e pertinente ressaltando que é complexo porque está relacionado com inúmeros fatores, nomeadamente, a comunicação social, a participação e a mobilização dos cidadãos e até com os decisores políticos. A par disso, referiu que ia entrar em contacto com os colegas de Lisboa para saber qual era a possibilidade de me concederem uma entrevista visto que, nos dias seguintes iria estar pela capital. A entrevista durou cerca de 02.45h.

**DC da entrevista de R1 efetuado a 22.03.2016 pelas 23.10h**

**Entrevista realizada a 22.03.2016**

## Notas de Campo

Adriana Sousa (E1)



**João Batalha (R2) – Transparência e Integridade, Associação Cívica (TIAC)**

Informação concedida ao entrevistado R2:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

### **Notas à *posteriori*– Reflexão**

A entrevista foi combinada e decorreu na sede do TIAC sito no Lumiar em Lisboa. Esta sede encontra-se num espaço partilhado com outras ONG's. O João (R2) diretor executivo do TIAC recebeu-me com toda a disponibilidade para ajudar naquilo que fosse preciso mesmo após a entrevista. O TIAC que desconhecia até ao momento que pesquisei sobre a associação tem cerca de 1000 associados cujas quotas tem o valor anual de 12 euros. R2 referiu concordar que a associação presente na plataforma do Facebook e no Twitter, embora com menos regularidade, se pode considerar como um MSD. Ademais, refere que, gostaria por sua vez, que esta plataforma não servisse apenas para a difusão ativa das atividades do TIAC, mas, simultaneamente como uma plataforma de mobilização dos cidadãos. Mobilização esta, em prol da luta contra a corrupção em qualquer domínio da sociedade. Referiu que a TIAC tem conseguido alcançar alguns dos seus objetivos, nomeadamente, o de ser já uma associação reconhecida por entidades institucionais e pela comunicação social que de vez em quando os consulta para determinado estudo e/ou parecer sobre a corrupção. Concomitantemente, a TIAC produz conhecimento científico nesta matéria, elaborando projetos, estudos, pareceres, *rankings*, entre outros. A entrevista durou cerca de 01.30h. A entrevista correu bem e as questões a que me propus estavam a ser respondidas, A par disso, o entrevistado concedeu-me mais informação do que estava previsto. Senti também que o entrevistado estava à vontade comigo.

**DC da entrevista de R2 efetuado a 24.03.2016 pelas 20.30h**

**Entrevista realizada a 24.03.2016**

## Notas de campo

Adriana Sousa (E1)



João Martins (R3) – Indignados do Algarve

Informação concedida ao entrevistado R3:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

### Notas à posteriori– Reflexão

A entrevista decorreu em Loulé num banco de jardim porque o café anteriormente combinado pelo entrevistado estava fechado à segunda-feira. R3 professor universitário de profissão na área de sociologia mostrou-se desde logo disponível para a entrevista. Notei que conforme íamos falando de movimentos sociais o R3 estava bem informado sobre a temática. Sobre a ausência de hierarquia, sobre as redes sociais, sobre o hiato entre o gosto nas redes e a participação efetiva nas ruas, entre outros. Considera que os Indignados Algarve não se trata de um movimento em si mas concorda em absoluto que estes grupos que existem nas redes sociais são efetivamente movimentos sociais em contexto digital, embora com outras características. Conforme a entrevista se ia desenrolando apercebi-me e confirmei algumas das informações dadas nas entrevistas anteriores, ao mesmo tempo, verifiquei que alguns estados de espírito, estados de desilusão naqueles que administram as páginas destes grupos, até ao momento, vão todos no mesmo sentido, denotando muita coerência nos testemunhos. Relativamente à perceção quanto à participação e à mobilização por parte dos cidadãos também se verifica esta coerência. R3 aconselhou-me a entrevistar a Plataforma Livre de Petróleo do Algarve (PALP) porque considera que é um grupo muito dinâmico e com as características de um verdadeiro movimento social digital. Mais uma vez tive um choque com a realidade com algumas das informações e o meu sentimento e reflexão após esta entrevista é que em tempos digitais impera a lei da mordaza. Este anacronismo não deveria ter lugar neste tempo e neste espaço. Por fim, o entrevistado desejou-me um bom trabalho e considerou o tema bastante pertinente.

**DC da entrevista de R3 efetuado a 28.03.2016 pelas 19.36h**

**Entrevista realizada a 28.03.2016**

## Notas de Campo



**Adriana Sousa (E1)**

**João Henriques (R4) – RiseUp Portugal**

Informação concedida ao entrevistado R4:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

### **Notas à posteriori– Reflexão**

A entrevista decorreu através do Skype visto que o entrevistado se encontra a residir na Irlanda sendo emigrante. Informe sobre consentimento e sobre a confidencialidade dos dados. O entrevistado questionou se a entrevista seria gravada em imagem à qual respondi que não sendo apenas áudio. O entrevistado João Henriques estava muito confortável durante a entrevista demonstrando um conhecimento aprofundado de que se passa com os grupos sociais no Facebook. Considera que estes grupos que existem nas redes sociais não são movimentos sociais em contexto digital porque considera que, o conceito de movimentos sociais é um conceito mais abrangente e com outras características. A entrevista correu bem e as questões a que me propus estavam a ser respondidas. A par disso, o entrevistado concedeu-me mais informação do que estava previsto. Senti também que o entrevistado estava à vontade comigo. Mostrou-se disponível para qualquer questão que surgisse após a entrevista.

**DC da entrevista de R4 efetuado a 08.04.2016 pelas 23h**

**Entrevista realizada a 08.04.2016**

## Notas de Campo



**Adriana Sousa (E1)**

**Fernando Dias (R5) – Plataforma Livre de Petróleo do Algarve (PALP)**

Informação concedida ao entrevistado R5:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

### **Notas à posteriori– Reflexão**

A entrevista decorreu em Faro num café. Apresentei o consentimento o qual leu atentamente e assinou. O entrevistado Fernando Dias não estava confortável durante a entrevista. Foi eleito como representante da PALP para efetuar a entrevista. As respostas às questões colocadas foram pouco aprofundadas sendo muito concisas. Reparei que em algumas questões o entrevistado não soube de imediato responder, tendo que pensar na resposta, deduzi por isso que o entrevistado se viu pela primeira vez a pensar em alguns assuntos e a responder a algumas das questões. Considera que estes grupos que existem nas redes sociais são efetivamente movimentos sociais em contexto digital. Refere também que assim que alcançarem o seu objetivo a Plataforma acaba não fazendo sentido a sua continuação.

Após a entrevista continuamos a conversar sobre as entrevistas que já tinha realizado para a dissertação. Mostrou-se disponível para qualquer questão que surgisse após a entrevista.

**DC da entrevista de R5 efetuado a 09.04.2016 pelas 17.30h**

**Entrevista realizada a 09.04.2016**

## Notas de Campo



**Adriana Sousa (E1)**

**Fernando Dias (R6) – Movimento Sem Emprego (MSE)**

Informação concedida ao entrevistado R6:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

### **Notas à *posteriori*– Reflexão**

A entrevista decorreu através de vídeo chamada do Facebook. Informe sobre o consentimento o qual iria ser enviado por correio eletrónico para ser assinado digitalmente. O entrevistado João Vilela não estava muito confortável durante a entrevista, mas por fim já se sentia mais à vontade. As respostas às questões colocadas foram pouco aprofundadas sendo muito concisas até porque o entrevistado informou que o MSE estava desativado. Considera que estes grupos que existem nas redes sociais podem ser considerados movimentos sociais em contexto digital. Refere que atualmente a página do MSE apenas serve para partilhar informação. Mostrou-se disponível para qualquer questão que surgisse após a entrevista.

**DC da entrevista de R6 efetuado a 24.04.2016 pelas 17.30h**

**Entrevista realizada a 22.04.2016**

## Notas de Campo



**Adriana Sousa (E1)**

**Joana Louca (R7) – Precários Inflexíveis**

Informação concedida ao entrevistado R7:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

### **Notas à *posteriori*– Reflexão**

A entrevista decorreu através de videochamada no Skype. Informei sobre o consentimento o qual iria ser enviado por correio eletrónico para ser assinado digitalmente. A entrevistada Joana Louca não estava confortável durante toda a entrevista apesar da informalidade no tratamento pessoal. As respostas às questões colocadas foram pouco aprofundadas e vagas sendo muito concisas tendo por vezes a entrevistadora que tentar dar outra perspetiva ou dar a volta às questões para obter mais informação por parte da entrevistada. No entanto, a entrevistada conseguiu dar informações importantes para a investigação. Considera que estes grupos que existem nas redes sociais podem ser considerados movimentos sociais em contexto digital. Refere que atualmente os Precários já se converteram numa associação. Mostrou-se disponível para qualquer questão que surgisse após a entrevista através do correio eletrónico.

**DC da entrevista de R7 efetuado a 01.06.2016 pelas 17.30h**

**Entrevista realizada a 31.05.2016**

## Notas de Campo



**Adriana Sousa (E1)**

**Joana Dias (R8) – Academia Cidadã**

Informação concedida ao entrevistado R8:

- ✓ Tema de investigação;
- ✓ Anonimato da confidencialidade;
- ✓ Se necessário mais sessões de entrevistas;
- ✓ Após a transcrição terá acesso à mesma e o direito à última palavra.

### **Notas à *posteriori*– Reflexão**

A entrevista decorreu através de videochamada no Skype. Informei sobre o consentimento o qual iria ser enviado por correio eletrónico para ser assinado digitalmente. A entrevistada Joana Dias sentia-se à vontade com as questões que lhe eram colocadas. As respostas às questões foram pertinentes e esclarecedoras, tendo a entrevistada conseguido dar informações importantes para a investigação. Considera que estes grupos que a associação não é um movimento social, mas que faz parte de um grande movimento social no seu conjunto que são as pessoas se juntarem para lutar. Mostrou-se disponível para qualquer questão que surgisse após a entrevista através do correio eletrónico.

**DC da entrevista de R8 efetuado a 02.06.2016 pelas 20.30h**

**Entrevista realizada a 01.06.2016**

## Anexo VI – Transcrição das Entrevistas

---

**Transcrição da Entrevista (02h:15min)**

**Geração à Rasca**

**E1 – Adriana Sousa**

**R1 – Élio Arenga**

Data: 22.03.2016

Hora: 19.30h – 21.45h

Local: Residência do entrevistado – Penha em Faro

**E1 - Olá R1.**

**R1 - Olá.**

### **Parte II - Organização do movimento**

**E1 - Antes de pertences a este movimento, fizeste ou fazes parte de alguma organização política ou cívica?**

**R1 – Não.**

**E1 - Como te posicionas em termos ideológicos? E os teus colegas do movimento?**

**R1 - Mais de esquerda. Aliás, sem o saber estou filiado no PS.**

**E1 - Como é que surgiu o movimento?**

**R1 - Surgiu da vontade de uns amigos que queriam mudar alguma coisa. Havia muito descontentamento em 2011 por causa do Sócrates (Primeiro-Ministro), da crise e a ideia da manifestação convocada através das redes sociais, nomeadamente, o Facebook foi uma forma de dar voz às pessoas que estavam descontentes com aquilo que se estava a passar no país.**

**E1 - Achas que o Geração à Rasca (GR) se pode considerar como um movimento social?**

Depende da definição, daquilo que se pode considerar o que é um movimento social, mas a meu ver acho que faz todo o sentido ser considerado um movimento social. Por todas as razões e mais algumas, por ... é pá, é como eu te disse antes disto o que é que tu tinhas na rua... as pessoas ... tu não vias só jovens na rua, tu não vias só velhos na rua, tu não vias pessoas de meia-idade na rua, tu vias desde os 8 aos 80, aos 90. E nós de repente naquele Largo de São Francisco estávamos à espera de ter... é pá sou te sincero, estávamos à espera de 500/600

peessoas ali à minha frente e quando de repente começo a ver todas as artérias do Largo de São Francisco ... e como dizem as autoridades foram 8.000 pessoas. Até o próprio comissário da PSP que tava lá com a gente disse “é pá a gente não estávamos à espera de tanta gente, pensei que tínhamos 4 gatos-pingados, isto por alguma razão dá para o torto, o que é que a gente faz?!” Aquilo também o objetivo não era haver qualquer distúrbio, era as pessoas, não sei se tiveste lá...

**E1 – Não, não estive**

**R1** – Ahh ... nós falamos durante um bocadinho, e depois dissemos, está aqui um microfone, está um sistema de som ligado, vamos convidar as pessoas a virem aqui e dizerem de sua justiça. Dizerem o que lhes apetecia, o que lhes vai na alma, porque acho que é isso que falta é as pessoas não terem voz, é as pessoas ... enfim, todos temos o Facebook, todos podemos falar, todos podemos desabafar, mas pra quê? Pra quem? Percebes? Eu acho que o que falta é as pessoas serem ouvidas.

**E1 – Eu vou focar essa parte, das pessoas estarem nas suas casas a comentar, mas depois não conseguem ou não podem transpor... lá está...**

**R1** – É assim, é uma cultura muito nossa portuguesa é muito fácil estar sentado por trás de um computador e estás a escrever ... ali toda a gente fala e diz e ... posso te dizer que tivemos o microfone ligado quase duas horas e a primeira meia hora pra conseguir que alguém se chegasse à frente pra falar foi muito complicado porque as pessoas não estão habituadas a falar, as pessoas estão habituadas a falar pra ti, pra mim, na família, no café, pra um grupo de amigos, agora é pá, foi intimidatório pra mim, eu não tou habituado a isto, ainda por cima quer dizer, estavam 8.000 pessoas, nem que fossem 1.000, eu não estou habituado a falar pra 8.000 pessoas e vi aquela gente e pensei meu que é tu vais fazer agora?!! Tanto que depois falámos um pouco e decidimos dar a palavra às pessoas porque ... ninguém tava à espera ... ninguém ... por um lado, acho que foi muito bom, porque conseguimos tirar pessoas de casa que chegaram ao pé da gente e disseram “eu nunca tive a oportunidade de manifestar pró que quer que fosse” daí, ah ... o que estávamos a falar antes do movimento social, quando tu tens pessoas que nunca saíram à rua ou nunca se manifestaram, há pessoas que não tem Facebook, ou seja, aquilo pra eles foi fazer o que tu fazes no Facebook, foi o desabafar, falarem pra alguém. Se calhar muito deles vivem em casa com a mulher ou ... e não falam com mais ninguém, têm a televisão e papam os programas da televisão e se calhar tem muita coisa pra dizer. Um das grandes, dos grandes ... dos nossos grandes objetivos, muito lá em Lisboa

porque era muita gente, muita gente, foi criar uma folha onde as pessoas deixavam o seu contacto, o seu e-mail, o seu telefone, e o objetivo era criar assembleias locais, a freguesia x criava uma assembleia, a freguesia y criava outra assembleia percebes? E ali juntar-se um grupo de opiniões, as pessoas tem oportunidade de debater, oportunidade de falar. Depois desses pequenos grupos alargar para um grupo maior, no fundo é fazer uma assembleia, é fazer aquilo que devia ser feito na Assembleia da República (AR) onde há um representante de cada partido que supostamente ouve os seus ... prontos, percebes, o que nós pretendíamos fazer era isso. Já que na AR devem ser debatidos os assuntos que são ligados a ti, a mim, ao Zé-povinho, não, estão ali é pra debaterem os assuntos entre eles, o que tu fizestes, não fizestes, e agora vou fazer e não faço, prometer, percebes. O nosso grande objetivo era pôr as pessoas a falar, ahhh entre elas porque dez cabeças pensam melhor que uma, nós podíamos ter feito isto como um grupo de elite como fomos chamados, mas o nosso objetivo não éramos ser 10 ou 20, ou 100 pessoas a pensar, era 2.000, 3.000, porque podia ser uma coisa mais vasta.

**E1 - A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R1** - Isso era um ... aqui houve um grande entrave. Não é um entrave é um pouco da mentalidade portuguesa que é o facto de todos os partidos políticos, ou o PS no caso que estava no poder, uma das formas que eles tiveram pra rebaixar um bocado este movimento foi ah eles fazem parte do bloco de esquerda, eles são comunistas, ou seja, fomos conotados com, uma conotação partidária pra quê? As pessoas que não eram desses partidos, os do boco de esquerda, os comunistas, começaram a pôr este movimento de parte percebes? Ou seja, eles foram tentando destruir isto aos poucos. Se conseguiram? Para te ser sincero conseguiram porque fez desmobilizar, as pessoas tiveram mobilizadas durante o primeiro mês. Tu não fazes ideia da quantidade de mensagens e de e-mails que nós recebíamos, e depois as pessoas desmobilizam.

**E1 – Em 2011 não foi?**

**R1** - Foi em 12 de março de 2011. E o que é verdade é que foi conseguido por parte de quem mandava, assim como conseguimos atrair a atenção de muita gente ... O PODEMOS em Espanha o que é que fez? Eles aproveitaram-se um bocado da ideia que foi criada e ainda bem que o fizeram, e falando bom português tiveram os tomates que não houve cá em Portugal. Porque pra te ser sincero, ahh não saiu nas notícias, não deu nas notícias, porque não interessa dar nas notícias, mas muitas pessoas que fizeram parte do movimento tiveram que abandonar

porque simplesmente foram ameaçadas ponto, não há outra palavra a dizer. Funcionários públicos, pessoas que estavam a acabar cursos na universidade e foi lhes logo dito que não valia a pena continuarem o curso porque não iam ter entrada onde quer que fosse e isso tirou um bocado a vontade às pessoas porque a mal ou bem somos todos muito sonhadores, queremos todos muito que isto mude, toda a gente quer que isto mude mas todos temos contas pra pagar, todos temos filhos, todos temos família, pá e houve casos mais complicados de ameaças e de situações. Em Espanha o que aconteceu com o PODEMOS foi que eles conseguiram ter um apoio a nível do povo tás a ver que, enquanto aqui se desmobilizou, ou seja, houve aquela febre como tudo em Portugal, na primeira semana, as primeiras duas semanas de febre, ah a loucura, o fazemos e acontecemos, e eles lá conseguiram nesse curto espaço de tempo juntaram assinaturas, conseguiram criar todos os trâmites para que fosse possível a criação desse partido e ainda bem, tanto que as pessoas de Lisboa tiveram reunidas com eles, os da GR e, o objetivo era fazer exatamente o mesmo cá mas não foi possível por essa mesma razão.

**E1 – É como já dissestes, está ligado à nossa cultura, não só, mas em grande parte...**

**R1** – Pra te ser sincero, está ligado ao sistema em que vivemos, a nível de Portugal, a nível europeu, o que está a acontecer atualmente, tu vives consoante como te deixam viver basicamente. Eles no PODEMOS tiveram também muitas represálias só que eles tiveram coragem de seguir em frente. Correu bem, percebes. Cá infelizmente (...)

**E1 - As vossas atividades têm a capacidade para mudar a situação política? Porquê?**

**R1** - Sinceramente não. Ah ou melhor mudar a atividade política, foi assim que disseste? A situação política acho que não. Acho que há um sistema tão bem implementado que dificilmente alguém consegue penetrar como que está a haver atualmente mas eu acho que o nosso, e falo pela GR, o maior objetivo não é mudar a situação política é mudar a situação do povo, é mudar... se formos 10 é difícil, se formos 1.000 ou 10.000 continua a ser difícil, mas se formos 1 milhão de pessoas a pensar da mesma forma pá é muito simples, se não forem 50% de abstenção se forem uns 10% e se 40% votarem noutra situação pode-se mudar alguma coisa percebes, e acho que é aqui também que estes movimentos vão fazer muita diferença se for dada força suficiente para tal. É... isto nunca vai tirar votos a um PS, a um PSD, nunca, acho que a busca que se tem que fazer, se algum dia se tentar fazer alguma coisa parecido com o PODEMOS é ir buscar naqueles que não tem voto. Ir buscar votos que não estão direcionados pra nenhum lado, acho que é por aí que se podia fazer algum tipo de luta política,

em relação à política. Acho que tem mesmo a ver com a mentalidade das pessoas Adriana. Se as pessoas quiserem mudar alguma coisa, se quiserem fazer alguma coisa... tu com um movimento destes não faz sentido nenhum se as pessoas não lhes derem a devida importância, não lhes derem a devida atenção, o que é que serve eu estar aqui a falar contigo ou com mais dez pessoas se ninguém vai querer saber o que é que estás a fazer ou o que não estás a fazer, percebes. Depois há um... outros... há determinadas situações, a comunicação social olha sempre pró mesmo lado, percebes. Não há (...)

**E1 - Também vou focar um pouco sobre a comunicação social.**

**R1** – Tens mesmo que falar com a Raquel, porque ela está a fazer uma tese algo do tipo do que tu estás a fazer, aliás, acho que a tese dela vai ser mesmo... exatamente a mesma coisa... não te quero estar a mentir é qualquer coisa do género. Ela neste momento está a fazer um documentário sobre o que aconteceu, o que está a acontecer, o que aconteceu depois e o que está a ser preparado e a comunicação social não lhe está a dar atenção se não fosse uma ferramenta que todos nós temos neste momento que é o Facebook ninguém tinha conhecimento do que ela está a fazer, percebes. Há muita vontade da parte das pessoas de fazer alguma coisa diferente no sentido de um movimento social há, mas se não houver alguém que dê um empurrão na situação também não se faz milagres, porque as pessoas também não podem fazer milagres sozinhos, é a minha opinião.

**E1 - Com que frequência se reúnem?**

**R1** - Neste momento para te ser sincero com muita pouca frequência aqui no Algarve porque... por essa situação que eu já te expliquei. Porque das 5, 6, 7 pessoas, duas emigraram não estão cá no país, uma delas trabalha aqui em baixo na minha casa que é bombeiro e foi aconselhado a acalmar-se, ahhh e outras duas são funcionárias públicas e tiveram um convite para se acalmar. Por isso aqui no Algarve, infelizmente, fiquei... ficamos um bocado sozinhos e não... para te ser sincero não temos feito muita coisa mas quando tiveres oportunidade de falar com a Raquel ou com o Labrincha, eles em Lisboa continuam a fazer as tais assembleias, continuam a apelar principalmente também os mais velhos, mais os jovens no sentido de tentar essa situação do PODEMOS, ou seja, tentar que se crie nem que seja uma associação, algo que possa movimentar, que possa chamar à atenção das pessoas. Aqui ao nível do Algarve para te ser sincero e infelizmente com muito degradado meu está ... ou melhor tivemos meses... ou melhor, tivemos um ano a trabalhar, a fazer assembleias, a reunirmos na baixa, no Coreto, ahhhh a falar com as pessoas, a juntar problemáticas, a enviar problemáticas para

Lisboa que depois o objetivo era fazer o que ela está a fazer. É juntar tudo e apresentar na AR as situações. É pá não íamos falar da tia Maria que não lhe punham calçada à frente de casa, não íamos falar disso, íamos tentar generalizar um pouco a problemática das pessoas até isso nos foi vedado. Porque não havia tempo de antena, não havia disponibilidade, não interessava, basicamente. Vais-te desiludir muito, eu vou-te ser muito sincero. Eu na altura tinha 25 anos hoje tenho 31 e hoje e se tu hoje disseses Élio se tu voltasses 5 anos atrás fazias a mesma coisa? Eu digo-te fazia exatamente a mesma coisa. Mas sabendo o que sei hoje, tu ao expores-te daquela forma, eu expunha-me outra vez, porque alguém tinha que o fazer, alguém tem que o fazer, mas tens 90% a perder e 10% a ganhar. E ... tens a tua vida toda investigada, se estiveres a dever alguma coisa às finanças estás lixado, é pá é muito complicado. As pessoas não têm noção nenhuma, mas nenhuma...

### **E1 – Chegam a vocês através do Facebook?**

**R1** – Se lá tiveres o teu nome, é tão simples quanto isso. Tens um nome, tens um número de contribuinte, tens os dados nas finanças, tens um carro, tens uma casa, tens tudo aquilo que eles te podem tirar. E as pessoas não têm noção de como é que as coisas funcionam. Falamos de ditaduras, em Iraques, falamos em Estados Unidos, em Méxicos, repressões e (...) tu aqui vives numa democracia ditatorial. Porque é muito complicado, muito complicado. É por isso que as pessoas não fazem, percebes. É por isso que ninguém se chega à frente porque as pessoas vão tomando consciência de como é que isto funciona. Tu chegaste à frente és abatido, entre aspas, ainda não chegamos a tanto, e depois é claro que o que está atrás de ti ... porque é que me vou chegar à frente se vou-me lixar também... é complicado, é muito complicado. Mas dou-te os parabéns pelo que tu estás a fazer. Vais ter uma luta muita grande, mas se conseguires que essa luta seja bem-sucedida, possivelmente isso que tu tens aí vai ser objeto de estudo. Te garanto.

### **E1 - O que leva à marcação dessas reuniões?**

**R1** - É o poderes debater, é o poderes saber o que é que se passa, o que é que não se passa. O que é que se pode... que soluções, objetivos, o máximo de soluções. Não é só dizer isto está mal, isto está mal, tentar apresentar propostas que é o não é feito hoje em dia.

### **E1 – E essas soluções não chegam à Assembleia, por exemplo?**

**R1** – Pois, ou melhor chegam. Chega lá uma caixa com as propostas que foi o que aconteceu, mas não houve tempo para vê-las, elas são arquivadas, aliás, hoje em dia as propostas podem

ser consultadas por ti ou por qualquer pessoa no mundo lá no arquivo deles, mas ahhh estão em arquivo. E de que é que servem em arquivo? Era excelente que eu conseguisse falar com a Raquel esta noite se ela conseguisse falar contigo ou se conseguisses chegar até ela. Pra ti era excelente falares com ela, excelente, excelente, excelente. Era 100 vezes melhor do que estares aqui a falar comigo te garanto. A nível de... porque isto aqui em baixo morreu um bocado, percebes e eles lá em cima continuam mais ou menos ativos. E ela... eu posso-te dar o feedback de 2, ou 3 meses ou 5 vá daquilo que aconteceu, ela pode te dar o feedback de 2, ou 3, 4 ou 5 anos. Pode-te dar muito mais do que aquilo que eu te posso dar estás a perceber.

**E1 – Mas também é bom saber o que é que se passa no Algarve.**

**R1 – Sim.**

**E1 - Atuam e trabalham de modo regular, ou em função de factos que vão surgindo e que chamam a vossa atenção?**

**R1 -** E felizmente há associações que o fazem mas, o grupo Geração à Rasca perdeu muita força. Muita, muita, muita. Tenta-se trabalhar as problemáticas atuais, ou seja, posso-te dizer que hoje rebenta uma bomba aqui, surgem problemáticas e a gente tenta resolver, não. Uma das questões que se falou bastante foi a dos falsos recibos verdes, por exemplo. Foram apresentadas duas propostas na Assembleia da República para tentar contornar, uma delas foi aceite, mudou um pouco a situação do que são os recibos verdes mas, eles contornaram a conversa como quiseram, mudaram uma vírgula, um ponto final, mas aquilo depois, ah mudou, não, não mudou nada foi dar exatamente à mesma coisa. O que se tentou trabalhar foi isso, foi as problemáticas a nível social, perceber se poderíamos ir por um caminho e não por outro, se era viável... o que nós tentamos fazer foi o que devia se passar todos os dias na Assembleia da República que era eles olharem para os problemas das pessoas. Há um problema há, tem solução tem, que solução é que tem? Esta solução é viável? É, não é viável, pronto, vamos tentar arranjar... isto é o que na teoria devia acontecer todos os dias lá e que não é feito e foi o que se sentiu necessidade. Um dos nossos objetivos era apresentar propostas, se tu conseguires reunir acho que são 5 mil assinaturas podes apresentar uma proposta perante a AR, uma proposta de lei. Tu podes apresentar mil propostas por semana mas elas vão ser sempre vetadas, percebes. Um dos nossos grandes objetivos era esse, era apresentar propostas de lei para serem inseridas na constituição mas, eram vetadas, porque não interessam. Tu tentas tocar naquela ferida ... tu tentas mudar um pouco a ferida para não sangrar tanto, para curar um bocadinho a ferida, mas isso não te interessa, tu vives num sistema económico onde

se calhar faz-lhes bem a ferida estar ali a sangrar porque isso lhes interessa, percebes. Tens problemas a nível de saúde... vais acabar... no outro dia vi um comentário real sim ou não, pronto não sei até que ponto aquilo é... mas onde se tinha descoberto uma possível cura não total ou parcial para o cancro. 70%, 80% nunca ouviu falar disso. Porquê? Porque a indústria farmacêutica depende disso, esses zyncas, essas gripes das aves são coisas que são criadas em laboratório e que são feitas para... e depois eu tenho que vender isso porque se não vais morrer. Percebes?

**E1 - Há delegação de responsabilidades e de tarefas?**

**R1** - Neste momento como te disse aqui não. Mas em Lisboa...

**E1 – Mas delegam-te estando aqui no Algarve?**

**R1** – Aqui não é... não funcionamos como um partido onde tu és responsável de imprensa, tu tens que ir pra rua tentar perceber... Aqui não há... é como te disse... Eu percebi o que queiras que eu te respondesse. Se havia uma liderança ou não. Aqui ninguém procurou ser líder. Aqui somos um grupo de pessoas que tem opiniões contraditórias e acredita que muito contraditórias muitas delas e o objetivo é ter um consenso, não é... não há ninguém com uma verdade única. Para já não há verdades únicas mas eu posso te dizer este telefone é preto e tu dizes que não é preto, é cinzento, prontos se calhar é preto e cinzento. A ideia aqui não tem que haver uma verdade única. Aqui tem que haver uma verdade que seja lógica e que seja comum a um grupo de pessoas. Pode não ser verdade pra ti ou pode não ser tão verdade pra ti nem pra mim mas é para a maioria e faz sentido pensarmos em grupo que é nós tentamos que aconteça. Sabemos que nunca se pode agradar a gregos a troianos é impossível, é completamente impossível mas se não conseguires agradar a dez mas se conseguires agradar a mil, esses dez infelizmente vão ficar contrariados mas, é como funciona um bocado a política em Portugal, percebes. Não há um tu tens que fazer isto, tu tens que fazer isto, tem que haver uma organização entre aspas, tem que haver alguém que faça um tipo de tarefa, mas nunca na situação do tu tens que fazer isto. Quem é que pode fazer isto? Quem é que está disponível para? Portanto, somos pessoas que trabalhamos, alguns, outros infelizmente não, uns tem mais disponibilidade, outros tem menos disponibilidade e é sempre naquela de quem pode, quem pode vir naquela data, quem pode contribuir naquela data, mas nunca naquela de tens que vir, tens que dar, nunca nisso, nunca com a obrigatoriedade do que quer que seja.

**E1 - A informação que partilham na página do movimento é composta maioritariamente por: informação sobre a orientação e objetivos das vossas ações, partilha de notícias e**

**artigos de opinião, partilha de imagens, vídeos ou informação sobre outros movimentos? Informação sobre as vossas ações e objetivos... se calhar já o foi mais, agora será mais a partilha de notícias... opiniões...**

**R1** – Já o foi muito mais... é isso. Neste momento é o tentar debater e tentar perceber ... o que eu tenho notado muito ali é as pessoas lêem o título da notícia e fazem a notícia por elas. As pessoas não se preocupam em abrir a notícia e tentar perceber. Mas é a tal coisa, tu ligas a televisão e vês ultima hora rebentaram duas bombas em Bruxelas. E porquê que as bombas rebentaram? O que é que se passou? O que é que aconteceu? E o nosso objetivo é pegarmos de algum modo pegar, e é uma luta muito grande, é pegar nos *media* que vendem aquilo que o Governo, a nível governamental, querem que tu comas e tentar perceber isto passou-se assim, isto não se passou assim, o que é que está a acontecer, o que é que não está a acontecer. A ideia é em grupo mais uma vez tentar perceber o que é que se passa à nossa volta, o que é que se pode fazer para solucionar os problemas que temos à nossa volta. É claro que é complicadíssimo. O grupo neste momento tem 14 mil...

**E1 – 16 mil...**

**R1** – Já vai em 16 mil, pronto. É complicadíssimo. No outro dia apareceu na televisão os 5 anos que apareceu a manifestação, tu não tens noção. Foram tipo mil e tal pessoas a pedirem para aderirem ao grupo, e uma série de coisas e eu já estava um bocado calmo em relação a isso. É pá porque a idade leva-nos um bocadinho a ter mais calma, a não ser tão espontâneo. E comecei a ser bombardeado outra vez com... já tinha tido essa rapariga que era jornalista, que me queria entrevistar e que eu disse simplesmente não porque... uma coisa é estar a fazer uma coisa como estou a fazer contigo agora, outra coisa é estar a dar uma entrevista para alguém que eu sei que possivelmente vai usar as minhas palavras pra... é pá... se for uma coisa gravada onde eu estou a falar diretamente é pá é uma coisa, agora estar a dar uma entrevista por escrito é complicado...

**E1 – As coisas são retiradas do contexto...**

**R1** – É complicado, porque eu mais uma vez estou a dar o meu nome, percebes. Estou a dar a cara, estou ... e ... felizmente ou infelizmente já vivi muitas coisas depois do Geração à Rasca da manifestação que me ensinaram que, podes ser ativista ou podes tentar fazer alguma coisa mas com muita calma. E levou-me a pensar primeiro em mim e infelizmente... é pá porque tem que ser. Porque posso te dizer que fui a um congresso de um partido aqui em Faro depois disso e cheguei lá e estava com o meu pai que é uma pessoa que é completamente pacífica,

não tem partido. Simplesmente fomos lá perceber o que se passava e pronto ver o que se estava a passar, ver o que eles estavam a dizer e quando dei por mim tinha dois polícias à paisana ao meu lado e que sabiam que eu era o Élio Arenga e que sabiam que eu tinha feito a manifestação cá em Faro, que eu também nunca me escondi de ninguém, nunca fiz mal a ninguém. Vais ver o meu registo criminal está completamente limpo e não sei porquê agrediram o meu pai 😊 é claro que, se tiveres com um familiar teu e te agredirem o familiar teu, é claro que tu não ficas impávido e sereno à espera que... é claro que eu tive que me manifestar, pois estava a ver o meu pai ali à minha frente porque me tentou defender, porque as pessoas me estavam a pressionar, porque eu estava assim encostado à parede e as pessoas chegaram-se os dois à minha frente e decidiram que ali era o lugar deles e que não tinha que ser o meu. E eu decidi que não estava a fazer mal a ninguém e que simplesmente estava na rua a ver um comício e prontos... depois eles agrediram o meu pai e... eu não os agredi apenas empurrei-os porque estavam a agredir o meu pai. Pode vir o Presidente da República, quem quiser... tenho a obrigação de o defender e fomos os dois à esquadra e fui identificado... e... queriam me levar a tribunal e isto e aquilo. É complicado, é muito complicado fazer parte de um movimento social e dares a cara por um movimento social, porque és sempre um alvo a abater e as pessoas não tem noção nenhuma disso e tu ou te afastas e te defendes ou continuas a dar a cara e sofres as represálias disso. Eu tive que ficar no meio da situação. Vou fazendo coisas, mas sempre com um pé atrás. É muito complicado.

### **E1 - Qual o teor destas partilhas? Político? Económico? Social?**

**R1** – Sim, sim é problemáticas sociais, pá se tu fores a ver domina quase sempre questões políticas, porqueeee pá, porque as pessoas estão revoltadas. As pessoas... as pessoas encontraram naquele cantinho que foi criado ali um sítio onde se podem expressar, onde podem falar porque não há manifestações todos os dias... não pode haver manifestações todos os dias. Porque uma coisa é teres um movimento social, é queres criar um movimento social com o objetivo de dares voz às pessoas. O que eu acho e afastei-me um bocadinho também por causa disso foi que se banalizou muito o fazer uma manifestação. Porque houve uma altura em que de 15 em 15 dias havia uma manifestação. É pá e... banalizou-se essa situação. É a mesma coisa que teres uma banda e dares um concerto e o concerto ali em baixo correu bem tiveste 500, 200, 100 mil pessoas a ver e pra semana vais dar o mesmo concerto ali no mesmo sítio pra ver 100 mil pessoas. Isso não acontece duas vezes. Podes vir a ter 10 gatos-pingados ali, mas não vais conseguir a mesma coisa. O que eu acho que falhou um bocadinho e foi... o não se ter... quis se absorver tudo de todaa gente..., mas... depois não se fez nada. Ou melhor

não se conseguiu absorver tudo de toda a gente e dar resposta a toda a gente, percebes. Acho que devia... é assim, também se tivéssemos aqui a falar de uma associação, uma situação onde tu tens uma sede, onde tu tens um local onde as pessoas vão lá como há nos partidos seria diferente. Assim, eu trabalho, a minha namorada trabalha, os outros trabalhavam todos e ninguém tava ali num sítio específico onde tu ias dizer “olha tenho este problema, gostava de debater este problema contigo”, percebes, foi o grande falhanço, nesse sentido. Prontos, em Espanha o PODEMOS essa... colmatar essa lacuna, mas nós aqui, infelizmente, pelo menos a nível regional não conseguimos.

**E1 - De que modo é tomada a decisão de realizar um evento? Quantas pessoas, geralmente, participam nestas decisões?**

**R1** – É tudo muito esporádico, é tudo muito espontâneo. É assim, neste momento em Lisboa há coisas, há situações como te disse, há assembleias, há coisas mais regulares, ou seja, eles conseguiram arranjar um núcleo de pessoas que se... por exemplo, os Precários Flexíveis, eles constantemente fazem situações no metro, na rua, percebes para tentar manter viva o propósito deles e tentar trazer pessoas e que as pessoas olhem pra eles. A precariedade a nível laboral, por exemplo, é uma coisa que está na berra tás a ver, é uma coisa que tu vês nas notícias todos os dias, que acontece todos os dias. Ou fechou uma fábrica e foram não sei quantos pra rua, ou como vi no outro dia, aceitavam-te como estagiário e pagavam-te em refeições e davam-te x, davam-te em refeições, em faturas para tu descontares no... isto está a ser de tudo infelizmente. E a grande questão aqui é... o grande feito que eu acho que aconteceu com o GR e acho que é o que me leva a deixar contente por ter acontecido é o facto de conseguirem... nasceram pequenos grupos como os Precários, nasceram de lá (do GR) o que não se conseguiu juntar no GR num todo, fez com que existissem... criaram daqui e dali vários movimentos, associações... foi excelente. Porque nós nunca íamos conseguir dar conta de tudo. Tínhamos que nos despedir todos, e criar uma associação, ter uma sede onde pudéssemos reunir com as pessoas, isso era impraticável naquela altura e acho que nesta altura sinceramente também. O que é que aconteceu? Cresceram esses movimentos, de um movimento global cresceram outros pequenos movimentos e ainda bem. Mantiveram essa situação viva com as diferentes problemáticas da sociedade, percebes. Um dedica-se à precariedade, outro sei lá, à situação económica mais específica do país. Foram criadas várias vertentes do movimento GR. Acho que aí... podes pegar por aí no teu trabalho, tentar perceber o que nasceu, o que havia, o que não havia, o que é que cresceu depois, acho que é interessante. Tentares perceber o que a GR... pra mim foi o dia 12 de Março, ponto, percebes. Depois daí, a GR conseguiu manter

um núcleo em Lisboa que constantemente estava a criar, a criar, a criar coisas e depois nasceram dentro das várias problemáticas foram nascendo associações, movimentos, acho que é por aí que vais ter que tentar pegar no teu trabalho. Vais ter de... é assim, tu tens muito sumo por onde... tens muita fruta por onde fazer sumo. Agora, espremer essa fruta (...)

### **E1 – Há iniciativas propostas pelos seguidores?**

**R1** – Sim tem. Por exemplo, essa situação dos Precários foi algo que foi explorado por pessoas que vieram de fora do grupo e que mostraram essa problemática. É claro que essa problemática estava à vista de todos mas, sentiu-se... é pá... havia grande parte das pessoas que reclamavam do mesmo, percebes. A precariedade no trabalho, os estágios não remunerados, de terem a trabalhar a recibos verdes, de receberem pouco e ainda tinham que estar a pagar sobre os recibos verdes, ahhh todas as problemáticas que foram debatidas e que são debatidas lá em Lisboa donde nasceram, tudo isso foi do movimento social das pessoas. Nós simplesmente tentamos dar voz às pessoas, as pessoas é que trouxeram as problemáticas, as pessoas muitas delas eram as problemáticas, percebes. O objetivo... nós não éramos nenhuns iluminados, olha há isto, isto e isto, não, não, não, aliás, o eu nós queríamos era dos pedidos que nós fizemos às pessoas, vocês é que tem que trazer as problemáticas. Nós estamos aqui para criar meios pra que vocês sejam ouvidos pelo menos uma vez, daí que as pessoas vieram com cartazes, com faixas. Um velhote apareceu ao pé de mim com um papel do café todo escrito com tópicos e não sei quê, é pá, apareceram-nos coisas... apareceu-nos uma miúda de 10/11 anos que escreveu um texto que a mãe dela estava desempregada há 6 anos e quase não tinha dinheiro para comer e viviam de... era mãe solteira. Todas essas problemáticas, todas essas situações foram apresentadas pelas pessoas, percebes. Não fazia sentido sermos nós a apresentar o que quer que seja às pessoas, as pessoas é que tinham que apresentar e não era a nós, era a elas próprias. E o que é que aconteceu? Muitas delas estavam a falar e olhavam para o lado e a pessoa do lado tinha exatamente o mesmo problema que elas, e depois as dez pessoas que estavam a lado tinham o mesmo problema. O objetivo aqui era consciencializar as pessoas que o teu problema é o meu problema. O nosso lema é o problema de mais de mil pessoas, pá, dez mil tem o mesmo problema porquê que não nos juntamos e não debatemos sobre o problema. Aqueles filhos de uma puta, não fazem nada ... porquê que não tentamos nós arranjar uma solução. Apresentar uma solução. Se tu chegares a uma AR com uma solução eles só não a aceitam se não lhes interessar, ou melhor, eles sabem a solução, ponto. Só que não... enquanto ninguém tocar nesse assunto lá, essa solução não existe. Se tu apareceres com uma solução, vai haver um dos partidos que de certeza que se interessa por essa solução e

infelizmente isso não acontece. Porque as pessoas não se interessam, porque as pessoas enquanto ouvem na televisão as pessoas tudo muito bem, estou aqui, eu faço e aconteço, mas depois deixa-se de falar na televisão, as pessoas não querem saber mais das situações, percebes. Ahhhh, ou melhor, enquanto isto tudo tiver um mediatismo muito exponents e muito... as pessoas estão todas muito interessadas e é toda a gente muito interessada e quer participar e não sei quê. Mas depois começa a dar o Big Brother e essas porcarias e as pessoas começam ...

**E1 – Vou aprofundar esse lado, o nível de participação das pessoas...**

**R1** – Ahhh tens muito, muito, muito. Isto do movimento social é um trabalho participativo de um grupo de pessoas, não é de duas nem de três, tem que ser de uma população, tem que ser... tem que ser.... Porquê que as pessoas se rodeiam à volta de um clube de futebol, por exemplo. Porque têm todos o mesmo interesse, não é. Gostam todos de ver aquela equipa, tem os mesmos interesses, gostam da cor bahbahbahbah porque é que as pessoas não fazem isso em relação à vida delas? Percebes. E ainda pra mais pagam para ver um jogo de futebol, percebes. Porque não pagam para ter uma associação onde todos contribuem com 10 euros por mês e essa associação tem o poder nem que seja para ter alguém que vá a Lisboa apresentar a causa deles. Olha, por causa da situação da Ria Formosa que estão a deitar as casas abaixo e não sei quê. Toda a gente se juntou em prol de uma questão, mas fora aquilo, não falam mais nada. Quando aquilo passar e conseguirem resolver a questão não fazem mais nada e vai cada um pro seu caminho outra vez e acabou. Porquê? Porquê que as pessoas não se juntam? Porquê que as pessoas não falam? Nem que seja no café? Foi excelente semanas depois da situação, as pessoas falavam no café, haviam problemas, as pessoas debatiam os problemas. Pra mim isso já foi ganhar porque conseguiu-se nesse bocadinho, nem que fosse temporariamente pôr as pessoas a falar porque tu tomas a liberdade de chegares a um café, tomar o teu café e fumares o teu cigarro. Aqui falam da Bernardina que tem a xoxota não sei quantos. Ali falam do Benfica que está em primeiro lugar. Ali falam... Porquê que não falam de política? Porquê que não pressionam as situações? Foi isso que aconteceu no dia 12 de março, mas depois acabou. Porque se não tiveres audiências num programa de televisão, a televisão não está lá a fazer nada, percebes. Explica-te muito o que é que acontece aqui no Algarve. As pessoas deixaram de ter interesse. Por mais que nós tentássemos, por mais que nós.... Fizemos três assembleias no mesmo sítio depois do dia 12 de março. Semanas depois fizemos... tentámos manter uma periodicidade de assembleias, ou seja, vinha quem quisesse, não havia cá.... Pessoas a participar de partidos foi excelente, havia uma visão diferente de cada uma das

problemáticas. Mas depois chegámos à situação de sermos os mesmos dez ou os mesmos quinze durante... pá não é mau, mas depois já conheces a opinião dessa pessoa, essa pessoa já te apresentou essas soluções. O objetivo era cem porque cem pensam mais do que quinze, não é que esses quinze seja mau, mas é que chegas a uma altura em já se esgotou as soluções. Faz falta vir alguém de fora e isso não aconteceu, infelizmente e aqui morreu muito por isso. Ahhh lá em Lisboa sei que cresceram esses movimentos que tu estavas a dizer foi o que foi mantendo viva a situação.

**E1 - Trabalham todos na organização dos eventos ou existe sempre um mesmo “núcleo duro”?**

**R1** – Ahhh, é pá tem que haver sempre alguém que lidera um bocado a questão, se não isto era uma anarquia em que cada um fazia o que queria e não era esse o objetivo. Tinha que haver umas diretrizes para tentar perceber como é que a coisa funcionava... pelo menos para tentar perceber como é que a coisa funcionava. Eu nunca tinha feito organização do que quer que seja, a nível secundário... nunca tinha feito organização do que quer que fosse. É claro que os de Lisboa que estão mais habituados dizem “olha, tens que ir aqui, tens que pedir autorização, tem que haver vedamento de ruas...” é pá tem que haver sempre alguém a liderar sempre essas situações. Se quiseres dizer que há um líder nessa situação, sim, tem que haver um líder. Agora, o propósito não é haver um líder, o propósito é haver alguém que oriente, que tem mais experiência e orienta a situação. Não é tar ali a dizer olha tens que fazer, não. Tens que ter orientação.

**E1 - Sentes que o GR tem conseguido alcançar os objetivos iniciais traçados?**

**R1** – A meu nível pessoal do que eu procurava no movimento GR, pra mim, alcançamos muitos objetivos. Só o simples facto de...

**E1 – Então ultrapassaram as vossas expetativas...**

**R1** – Eu sinceramente sim, passei de longe todas as expetativas que tinha em relação a isto. Agora é assim, se me perguntares o que é que mudou... de há cinco anos pra cá, aliás, sei que muitas coisas agravaram-se. Mas também não sou nenhum lunático, não era com isto que eu estava à espera que caísse o Governo... que... pá temos noção que fomos muito responsáveis por o Sócrates ter caído. Tenho muita noção, muita da responsabilidade foi nossa. Porque era insustentável continuar naquela situação. Mas, pá (...) sem uma... lá está, nada funciona neste país sem teres uma organização (...) lá está, sem teres alguém que diga sim, tens aquele líder,

tens aquele... percebes. Movimentos soltos não... porque as pessoas não têm interesse, porque o português é assim, porque o português interessasse por o que é mediático na televisão, por... se der muito trabalho o português não se mexe. Daí eu estar-te a dizer que fiquei muito contente com o que aconteceu porque tiramos cerca de 8.000 pessoas de casa.

**E1 - Continua a fazer sentido a existência do movimento?**

**R1** – Continua, continua a fazer sempre sentido porque há sempre ideias novas, tem que haver sempre uma ideia nova. Se um dia alguém te disser que não há ideias novas, eh pá, então estamos mesmo muito mal. Porque um movimento podes mesmo tu criá-lo, posso eu criá-lo mas um movimento social é onde tu juntas um determinado número de pessoas por uma causa e faz sempre sentido nem que seja pelos animaizinhos abandonados, nem que seja pelos idosos que estão num lar... faz sempre sentido.

**Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Em que contexto surgiu a presença do movimento no Facebook? Já falámos sobre isto.**

**R1** – Sim.

**E1 - Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?**

**R1** - Não. Foi uma plataforma extremamente essencial.

**E1 - Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?**

**R1** – Pronto por telefone. Mas havia o objetivo de criar uma plataforma não tão exposta como o Facebook, porque no Facebook mesmo que crie um grupo privado, quem quiser lá de cima consegue sempre ter acesso ahhh..., mas foram criados montes de entraves para criações de plataformas e (...) como te disse não é fácil tentar mudar alguma coisa neste país.

**E1- Que diferenças consideras que o Facebook tem face a outros meios de mobilização?**

**R1** – É o facto de conseguires chegar a um número sem fim de pessoas neste mundo e teres a liberdade para o fazer, não depender... acho que o Facebook veio combater muito os meios de comunicação tradicionais.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social de massas?**

**R1** – É claro quem quer que seja que tenha um movimento, instituição, associação depende sempre deles. É lunático pensar que não dependes porque dependes. Porque eles movimentam massas. Mas nem sempre é positivo tu lidares com eles. Porque eles podem-te dar muita coisa, mas também te podem tirar muita coisa. Esta é a tal conversa que estávamos a ter ainda há bocadinho... Eu tenho noção hoje em dia que um Correio da Manhã ou um Diário de Notícias antes de sair às 7h da manhã pra rua... já não se fala em lápis azul, mas continua a existir. Continuas a ter jornalistas a tentarem publicarem notícias que simplesmente não são publicadas porque são incómodas, porque não interessa, porque vão afetar alguém com poder. E, nós tentamos desassociar sempre muito... pra já porque tínhamos uma plataforma que era o Facebook e cresceu gigantescamente a nível de grupo, a nível de página, cresceu de uma forma brutal que ninguém estava á espera. E então baseávamos um pouco nesse crescimento e poder chegar à massa de pessoas, percebes. E depois chegamos a uma altura que não podíamos confiar quase uns nuns outros quanto mais numa comunicação social que fazia o que quer. Porque eles acontecia uma coisa qualquer na manifestação ou um desacato qualquer já eram as... o próprio comandante da polícia me disse “vocês tem a noção de que se ocorrer alguma coisa aqui, as pessoas que vão ser culpabilizadas são vocês não vão ser as pessoas que vão provocar os desacatos” e nós deparávamos com as oito mil pessoas que tínhamos ali à nossa frente e só pensávamos era por favor... aliás, dissemos várias vezes ao microfone pra toda a gente ouvir que ninguém estava ali para provocar desacatos, estávamos ali para debater e falar sobre assuntos da vida do pessoal. Porque é muito complicado, é muito complicado tu gerires. Pra já tu vives ... pra já as pessoas fazem o que querem. Uma coisa é teres um filho e dizes “olha não faças isso” mas no caso dos adultos que fazem o que querem, não podes controlar, é complicado.

**E1** – **Li num artigo que os meios de comunicação social até vos davam cobertura noticiosa até certo ponto, mas que na maior parte das vezes mostravam só o lado dos desacatos, de serem os rufias...**

**R1** – Exatamente. Chegou a uma altura em que de início nós éramos os chamados revolucionários. Éramos chamados de muitas vezes de lunáticos pela comunicação social, mas a comunicação social estava no nosso lado, entre-aspas, ou seja, queriam ter uma notícia do que estava a passar. Ah, porque depois houve uma reportagem na televisão no dia da manifestação em que vários comentadores políticos... hoje em dia um deles é o nosso Presidente da República, ahhhh que diziam isto faz-se bem com o povo, os jovens venham e saiam à rua, e depois perceberam que não eram só os jovens e perceberam que estavam

500.000 mil pessoas na rua com uma brincadeira, entre aspas, num evento no Facebook. Pá, isto causou a nível político, isto foi um choque pra eles, porque ninguém estava á espera desta grandiosidade. O que que levou a acontecer, automaticamente os meios de comunicação social que tavam disponíveis pra nós deixaram... continuaram a haver notícias mas... telefonávamos uns aos outros e perguntávamos se foste tu, foste tu, foste tu que falaste e ninguém tinha falado, ou seja, começaram a sair notícias que ninguém da organização tinha falado, ou seja, se nós não falamos, se o grupo não falou, se não foi por iniciativa nossa, então porquê que está a haver uma notícia de uma coisa que ninguém disse, ou seja, começou-se a tentar fazer a manipulação da situação inversa, pá, eu falo por mim deixei... houve uma altura que era... porque também tirei comunicação social na Universidade do Algarve e queria ser jornalista mas percebi que não és jornalista... tu vais lá escrever o que os outros querem, pronto. E os vários colegas meus dali e que hoje em dia são jornalistas da TVI... Pá, eles ligavam todos os dias e eu dizia-lhes “pá, não leves a mal, amigos como dantes, mas neste momento sobre isso eu não vou falar contigo”. E eles tiveram que respeitar porque são dados viciados. Mas eles são essenciais. A verdade seja dita. São essenciais até um ponto.

**E1 - Que meio de comunicação torna mais visível a vossa atividade?**

**R1** - Para te ser sincero é o Facebook. Porque lá conseguimos ser independentes, ou seja, o que sai, seja do GR, seja dos Precários Inflexíveis, ou seja, o que sai no Facebook foram esses movimentos que escreveram não foi ninguém que escreveu por eles, percebes. E isso a meu ver é muito importante num movimento social. Porque quando tu deixas alguém escrever por ti deixam de ser as tuas ideias, deixam de ser as tuas vontades, ou seja, passam a ser as ideias de alguém ou a vontade de alguém.

**E1 - Consideras que os objetivos do movimento se sobrepõem aos objetivos de outros movimentos existentes? Alguma vez tentaram lutar entro de organizações e/ou partidos já existentes, como forma de unir esforços? Porquê?**

**R1** – Pra já é muito mais fácil trabalhar cada problemática em cada um dos núcleos, ou seja, tu não podes juntar 500 pessoas numa sala e esperar que as pessoas consigam debater umas com as outras, é tipo utópico que isso aconteça. Mas se tiveres a associação onde as pessoas com Alzheimer ou a associação das pessoas... se tiveres as situações de vida divididas por pólos é muito mais fácil... tu tens um problema, eu tenho um problema vamos debater o problema e achar uma solução pra ele. É claro que faz todo o sentido o que tu estás a dizer. É pá, porque é que não se juntam todos? E eu respondo-te porque não estarem separados entre

aspas e cada um debater a sua problemática e todos juntos depois apresentarem as soluções. Acho que faz mais sentido no sentido de organização, a meu ver.

**E1 - Consideras que existe um trabalho coletivo no que se refere às vossas atividades? Se sim, achas que esse trabalho é desenvolvido de forma articulada?**

**R1** – Sim pronto. Pronto é nesse sentido da pergunta que tavas a dizer, o bom disto tudo é que as questões dividiram-se, ou seja, cada associação, movimento está a trabalhar a sua problemática pra tentar resolver essa problemática. Uns resolvem uma situação, outros... ou seja, está tudo muito direcionado. É claro que há questões mais gerais e que são debatidas num contexto mais geral, mas aquelas problemáticas que afetam mais a sociedade estão a tentar ser debatidas por secções e acho que não faz sentido de outra forma.

**E1 - Como percecionas o trabalho desenvolvido pelo teu movimento, comparando o trabalho dos outros movimentos da mesma natureza?**

**R1** – Neste momento.... Eu... pra te ser sincero, ahhhhh (...) eu acho que não há grande trabalho a ser feito neste momento a nível do que tu podes chamar de um grupo de GR ou do movimento GR. Porquê? Porque houve essa necessidade de fazer o que eu te estava a dizer agora mesmo. Tu podes estudar o movimento GR por aquele bocado de espaço e por aquilo que ele despoletou na sociedade, nos jovens pró depois. Acho que isso é o ponto fulcral neste movimento que é, sim há um problema, ou melhor sim, há vários problemas, o que é que vamos fazer? Lá está, não conseguimos resolver 30 problemas, 100 pessoas não conseguem 30 problemas. Isso foi... o engraçado nisto tudo é que foi espontâneo. Se fores perguntar a quem quer que seja daqueles que organizou isto, o que é que é feito do GR, toda a gente te vai dizer o mesmo do que eu que é, o grupo GR não existe. O grupo GR foi um grupo de pessoas que se juntaram naquele momento porque havia umas problemáticas... havia uma problemática e depois outra vez espontaneamente dividiram-se em associações, em movimentos. Porque pra já aconteceu uma coisa muito má. O grupo GR por causa das notícias e muita gente também tentou se desmarcar da situação da conotação GR porque não interessava. Porque depois havia a conotação do partido A do partido B porque toda a gente teve a vida investigada. Eu como te disse pelos vistos sou militante do PS desde os meus 18 anos e tenho quotas pagas até hoje. Eu nunca... eu nunca... tás a ver. E saiu uma notícia aqui num jornal local, ah o Élio Arenga é do GR mas, no entanto é do PS e eu tipo... ohhhhhh o que é que se está a passar aqui, percebes, é complicado. É complicadíssimo.

**E1 - Tens algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais?**

**R1** - O contato são os outros movimentos, ou seja, o contato como disse cá no Algarve tem sido complicado, mas lá em cima os movimentos que foram criados, os contatos entre eles debatem as situações, se juntam-se e falam, ou seja, hoje em dia o grupo, tu possivelmente viste no Facebook, que é o que ainda se mantêm, houve a questão de desativar aquele grupo. Mas depois houve uma tal questão que é o grupo GR conseguiu motivar milhares de pessoas a saírem á rua e se calhar a falarem pela primeira vez na vida. Se vamos estar a desativar isto que foi o que deu coragem para falarem não vamos estar a desativar a vontade das pessoas de falarem, percebes. Não era retroceder outra vez sobre a situação? Aí foi decidido manter. Depois fiquei eu, a minha namorada e mais dois e outros entretanto saíram. Por isso é um bocado complicado falar na atividade GR como tu estás a perguntar, percebes, porque a atividade GR morreu um bocadinho. Felizmente criaram-se as outras situações que mantêm a atividade.

**E1 – Mas aqui onde eu quero chegar é se vocês contactam-se uns com os outros ou é cada um por si? Como e em que termos se processa esse relacionamento?**

**R1** – Da minha parte existe com as pessoas. Só que neste momento aqui a nível regional eu sozinho não consigo fazer muita coisa para te ser muito sincero e muito prático sem tar aqui a enrolar.

**E1 - E com as organizações mais institucionalizadas, como os sindicatos e partidos políticos?**

**R1** – Essas perguntas se tu conseguisses falar com a Raquel eles então são as pessoas indicadas para te responderem a isso.

**E1 - Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página? Tenho aqui apontado “ATENÇÃO! ESTE É APENAS UM GRUPO E DEBATE DA GERAÇÃO Á RASCA” é apenas esta ou tem mais?**

**R1** – Exatamente. O que acontecia era, aquilo era um grupo geral, e o que aconteceu foi, sentimos a necessidade de criar grupos que não estão acessíveis ao utilizador comum, onde regionalmente tínhamos o grupo GR Algarve, Lisboa, Madeira, Açores, dentro de pólos que depois debatíamos entre a gente. E depois era apresentado no geral, o grupo também não era acessível pra todos e depois desse geral as conclusões e as temáticas é que eram apresentados

no grupo público para recebermos opiniões das pessoas, percebes, ou seja, se quiseres dizer que existe uma pequena organização sim, tem que haver se não isto era uma bandalheira e ninguém se entendia.

**E1 - Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor? Porquê?**

**R1** – Sim claro, óbvio. Centenas pra te ser sincero porque pessoas que iam ali destabilizar.

**E1 – De propósito?**

**R1** – Pá porque já tínhamos partidos políticos infiltrados ali no meio, não que nós tivéssemos algum problema que isso acontecesse, mas é pá quando eu estou a falar contigo como eu estou agora. Isso senta-se aqui uma pessoa e diz “você são malucos, acham que vão fazer alguma coisa” aliás, tivemos várias ameaças a pessoas...

**E1 – Tornou-se então um problema sério?**

**R1** – Exatamente. Porque é complicado. Porque tu não podes mandar na cabeça das pessoas e há pessoas que não concordam com tudo o que tu dizes. Há pessoas que não aceitam isso.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-atividade dos Seguidores**

**E1 - Quantos seguidores tem a vossa página? Já sabemos que são cerca de 16 mil.**

**R1** – Exatamente.

**E1 - Como percecionas a participação dos seguidores, no que toca à vossa página no Facebook?**

**R1** – Isto é como tudo. Há, há muita participação, mas é como te disse ainda há bocado. Tem tudo a ver com o nível de mediatismo das questões. Se nós publicarmos lá uma notícia e se essa notícia não aparecer na televisão há os mesmos 4 ou 5 sempre que nós já conhecemos, conhecemos *on-line* que debatem a situação connosco. Se aparecer no Jornal da 8 nas notícias tens mil pessoas a responderem-te, porque foi notícia. É o que eu estava a dizer-te, isto gira tudo à volta dos *media*. Porque se for notícia as pessoas vêm porque passam tudo na televisão. Se na televisão te disserem que é bom as pessoas beberem gasolina, as pessoas vão beber gasolina. E tás-me a dizer “tás é maluco” não sou maluco, é a verdade. As pessoas papam tudo o que querem na televisão. Se as pessoas... se tu reparares sai uma notícia na televisão a dizer que o leite faz mal as pessoas deixam de comprar leite. Mas o leite faz mal... a minha avó

bebe leite desde sempre, não morreu por causa disso. Tu bebes leite, os teus pais devem beber leite, toda a gente bebe leite nunca ninguém morreu por causa disso. Agora está na moda ser alérgico à lactose, pá possivelmente muita gente poderá ser alérgico à lactose, mas agora como há produtos que não tem a lactose é fixe dizer no telejornal que o leite faz mal. Porquê? Porque é os produtos que tem que vender.

**E1 – Lá está... cada um pensar pela sua própria cabeça.**

**R1** – É pá, desliga a TVI e pensa.

**E1 - Isso dá trabalho ☺**

**R1** - Isso devia estar na capa do teu trabalho e o título da tua tese, dissertação devia ser “desliga a TVI e pensa” é uma proposta que eu te faço. Porque tudo o que pesquisares e vais falar com as pessoas e acredito que vais falar com muitas pessoas garanto-te que com 90% das pessoas com quem vais falar se tiverem o mínimo de consciência do que anda a fazer num movimento social ou numa associação, vai-te dizer isso. Os *media* manipulam segundo... tudo o que eles querem. Pá tu és pequenino, não tens poder, não tens visibilidade, é pá, eles não te vão dar visibilidade nenhuma, percebes. Porque tu não interessas a ninguém... a ninguém.

**E1 - Tendo como referência as manifestações de vontade em participar nos eventos, previamente anunciadas, como avalias a efetiva mobilização e participação em contexto real ou em contexto local desses seguidores?**

**R1** – O interesse existe. Existir interesse existe, percebes. Nós temos noção de uma coisa, no dia 12 de março saiu tanta gente à rua... eu vou-te ser sincero.. eu tenho noção de que as pessoas estavam fartas queriam falar e blá blá blá blá blá mas, nós tivemos... aquilo foi marcado para tu teres noção, aquilo foi marcado para o meio-dia e meia, uma da tarde. Começaram a chegar pessoas às três e meia da tarde sabes porquê? Porque foi noticiado no jornal na hora de almoço que o pedido, o convite manifestação que tinha sido feito tinha sido um fracasso que ninguém tinha aparecido. E por ter aparecido no telejornal, as pessoas almoçaram e vieram pra rua porque se não tivesse sido noticiado... é por isso que eu te digo até certo ponto os *media* são positivos porque as pessoas... se não tivesse havido na televisão aquilo do “ah tão ali 100 gajos estão a aparecer na televisão e estão se a manifestar” tenho noção que 50% tinham noção que sabiam que iam aparecer na televisão. Tenho amigos meus que foram lá que foram agarrar nos cartazes porque iam aparecer na televisão. Eu tenho noção que isso aconteceu em muitos sítios do país. Porque as pessoas queriam aparecer, ponto. E

depois eu perguntava-lhes “então estás a reclamar do quê?” “estás a manifestar-te contra o quê?” E eles “contra nada” (...). Podes ter 100 mil *likes* numa organização do que é que isso te serve se depois só te parecem 10, percebes. Correu bem naquele dia mas, 3 ou 4 depois tiveram 10% daquelas pessoas que tiveram ali no dia 12 de março. Infelizmente é assim. E vais ter muita noção disso quando fores falar.

**E1 - Auscultam os vossos seguidores? Auscultam outros movimentos sociais na definição dos objetivos e eventos/iniciativas levados a cabo pelo movimento?**

**R1** – É o objetivo principal. Pelo menos pra mim é o objetivo principal. É que as pessoas falem não é que eu fale. Eu dou a minha opinião, mas as pessoas é que tem que falar senão não faz sentido.

**Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1 - Como percecionas o papel da sátira, humor, *cartoons* e caricaturas, na ação do movimento? Recorrem a eles com que frequência? E com que finalidade?**

**R1** – Muito importante. Porque é a forma mais fácil de e menos trabalhosa para quem recebe a informação. Tu não tens que pensar muito, as pessoas não têm que pensar muito. Consegues receber facilmente a atenção das pessoas, percebes, e as pessoas não tem que estar a preocuparem-se muito. Se tu puseres uma notícia que é realmente importante, e que te falam de uma coisa realmente importante, e que te fala de uma problemática que toda a gente devia ler, e se puseres um cartoon a falar da mesma problemática ou a tentar transmitir a mensagem da mesma problemática te garanto que 99% das pessoas vão ver o cartoon do que se puseres uma notícia, e isto estudei eu em Comunicação Social, e é a pura da realidade. Porque ali vai dar menos trabalho às pessoas. Porque é que os cartoonistas do Je Suis Charlie, o Charlie Hebdo, porquê que eles tiveram tanto mediatismo de forma tão rápida? Pá aquela imagem do miúdo refugiado que deu à costa que estava na praia morto, porquê que teve um impacto brutal? Porque as pessoas absorveram aquela imagem e não tiveram que ler nada, os cérebros delas não tiveram que pensar em nada, aquela imagem fala por si só. Tu não precisas de ter nenhum texto ali. Prontos, uma pessoa que esteja minimamente informada e que queira saber o que se passa alguma coisa, o que se passa à volta dela, olha pra ali e percebe isto, porque se aplica o passar da mensagem porque o português é preguiçoso, tem o cérebro preguiçoso. Se tiveres que ler um livro ou se tiveres que ler um livro de banda desenhada, eles vão ler a banda desenhada. Não deixa de ser importante desde que passe a mensagem, percebes. Pá não vai

por um lado, vai por outro, em que haver uma forma de chamar a atenção às pessoas. Não deixa de ser tão importante como outra coisa qualquer.

**E1 - Fazem uso de outros meios, que extravasem o Facebook? Nomeadamente cartazes, murais, grafitis? Como conseguem mobilizar financiamento para estes meios?**

**R1** – Sim, sim, sim, sim. Os Precários Inflexíveis recorrem bastante a ... especialmente quando são questões a nível laboral. Na AR eles... lixaram aquela merda toda com cartazes, colaram aquilo tudo com cartazes, lá está a imagem é muito importante, muito importante. E tens que arranjar alternativas porque nem toda a gente tem acesso a um computador, porque nem toda a gente... no jornal não vai aparecer o cartaz que tu vais publicar não... ou seja, tens que tentar abranger todos os públicos, percebes. Porque senão...

**E1 – Tens ideia como conseguem financiamento para esses cartazes?**

**R1** – Não. Não faço a mínima ideia.

**E1 - É voluntário?**

**R1** – Pá tem que ser. Eu dou 1 euro, tu dás 1 euro... nós fomos a Lisboa para irmos à reunião do GR a nível nacional, pá fui muito prático, cheguei ao pé de um amigo meu que tem uma rent-a-car, sim uma rent-a-car e disse-lhe “olha, estou metido neste projeto, neste, neste e neste e preciso de uma carrinha para levar 7 pessoas a Lisboa e sabes quanto dinheiro é que eu tenho, tenho zero” pá, e a pessoa chegou ao pé de mim e disse “devia haver mais jovens como tu, fazes bem” e disponibilizou uma carrinha, um dispositivo de portagens e um tanque da carrinha cheio com um vale de mais 50 euros para pôr gasóleo. Pá, se eu não tinha tive que bater às portas, o outro não tinha... ia tar a pedir ao outro que pagasse, percebes. Pá, a questão aqui é ir até onde é preciso ir. Se for preciso íamos ao IPJ, aliás, fomos ao IPJ eles imprimiram os cartazes é um bocado de contrassenso não é, porque estamos a manifestarmo-nos contra as entidades públicas, é uma entidade pública, mas, custo zero sempre, tipo investimento zero, é claro que há coisas que tem que ser... tem que haver dinheiro. Isto não é uma associação, tu dás 5 euros eu dou 5 euros e ali temos um bolo para quando é preciso temos onde ir buscar, não. O dinheiro tem que aparecer de algum lado, é tipo, eu dou 5, tu dás 5, ele dá 5, que pode dar 1 dá 1, quem pode dar 2, dá 2.

**E1 - Qual a eficácia desta estratégia ou forma de expressão? Tem influência na capacidade de mobilização no seio do seu movimento?**

**R1** – Claro que tem. Já falamos disto.

**E1 - Consideras que o recurso a esta forma de expressão não deve ter qualquer tipo de restrição?**

**R1** – Tudo o que tu fazes na vida... para cada ação há uma reação, ou seja, é assim, não concordo... ou melhor, há coisas que são exageradamente, são fortíssimas não é, mas se calhar se não fossem fortíssimas tu não estavas a falar delas, eu não estava a falar delas. Choca muita gente, tu vives num país conservador que tudo é mau. Metes uma imagem com Jesus Cristo e ai meu Deus que... pá, mas é preciso passar uma imagem, uma mensagem às pessoas. Achas que se metesses lá um cartaz todo bonitinho com texto as pessoas iam olhar praquilo ou iam falar daquilo, não. O objetivo é não tens que chocar as pessoas, não tens que insultar, mas é assim, vais falar mal de uma religião é mau. Para mim não fez mal nenhum (Charlie Hebdo), mas houve pessoas que se sentiram afetadas tanto que fizeram o que fizeram, não é. Agora isto correu o mundo, era o objetivo deles, pá foi morto, foram mortos. Mas tens que ter consciência de uma coisa a minha liberdade acaba onde começa a tua. É assim, uma coisa é teres liberdade de expressão, outra coisa é abusares da liberdade de expressão ao expoente máximo de partires pró insulto a outra pessoa, ou a outra entidade. Aí é preciso ter um bocadinho de cuidado não é. Também não vivemos na república das bananas. Isto não pode ser... ninguém pode... não podemos andar a dizer aquilo que queremos, pá tem que haver bom senso nas situações, é claro que, se fizeres um cartoon eu posso achar imensa piada porque não interfere na minha com as minhas crenças religiosas ou partidárias, mas, é de certeza que no outro lado do mundo vai haver um maluco que há de te querer limpar o sebo. Mas isso, pra isso ficas em casa sentadinha numa cadeira o resto da vida e não fazes nada da tua vida. Claro que a tua opinião vai sempre ser contrária á de alguém e isso é tira e queda e tu não podes evitar isso. Caso contrário, não tens opinião e simplesmente trabalhas, casa, casa, trabalho, não falas com ninguém. Não se pode dizer tudo o que se quer, mas às vezes é necessário, às vezes é necessário para passar a mensagem. O mundo inteiro ficou de olho nessa situação, debateu-se sobre essa situação, pá, uns foram contra, outros foram a favor, mas é o objetivo, é as pessoas pensarem, é a minha grande luta. As pessoas têm que pensar pela própria cabeça, ponto.

Eu fiz um exercício muito simples, eu de verão... tu és cá de Faro, pronto. Eu sou um dos privilegiados em Faro que tem uma roulotte no Parque de Campismo de Faro, e eu passo lá 3 meses de verão apesar de pagar um ano inteiro ao contrário do que as outras pessoas dizem. Eu pago mensalmente cerca de 80 euros para ter aquilo lá o ano inteiro. Ahhh e eu de verão faço um exercício muito simples, eu levo uma televisão lá pró parque, prontos temos

eletricidade, ligamos lá à roulette mas eu não vejo televisão e tu não fazes ideia a diferença a nível... eu quando quero saber informação sobre alguma coisa, ou interesse-me por alguma coisa eu vou procurar, não preciso de... é claro, tenho que ver notícias, não é. Mas a tua cabeça fica tão mais liberta para obteres informação, quando a informação não te é dada na cara, estás a perceber, tu ficas tão mais aberto e mais pronto pra receber informação se fores tu a interessar-te pela informação. É claro, eu imagino, isto hoje estar sentado o dia inteiro, eu imagino, isto hoje o dia inteiro deve ter sido sobre ataques bombistas (Bruxelas), a passar imagens... foda-se, cabrões dos iraquianos vão todos morrer, quero que eles morram todos e agora vem para a Europa pá, não funciona assim. É claro que há pessoas de merda em todo o lado e, e preferia mil vezes que em vez de estarem a ajudar os refugiados ajudassem as pessoas que temos portugueses que temos aí na rua a morrer à fome, mas vivemos numa comunidade europeia somos obrigados a ajudar querem fazer o quê? É impossível tu seleccionares o trigo do joio, é impossível tu dizeres este é bombista, este é uma criança que tem fome. A criança que tem fome hoje pode ser um bombista amanhã. Assim como tu estás aqui a pedir amanhã pode chegar um maluco ao pé de ti e dizer “não, não, o Islão é que é bom” e tu cagas nisto tudo e convertes-te. Ninguém está indiferente à situação, ninguém pode dizer desta água não beberei, tás a perceber. É por isso que eu acho que as pessoas deviam informarem-se sobre as situações sim, mas não deixarem que as informações cheguem até elas. Elas é que tem que ir ate à informação e vais sentir muita dificuldade em obter a informação das pessoas, mas acho que vais ter um trabalho brutal.

### **E1 – Vamos agora à caracterização sociodemográfica.**

Masculino

31 anos

União de Facto

Portuguesa

Faro

Empregado

Administrativo

Não Estudante - Licenciatura Ciências da Comunicação

**R1** – Mas... ahhhh, estava-te a dizer para não nos alongarmos muito mais se não saís daqui às duas da manhã, acredita que vais ter muitas dificuldades, mas essas dificuldades vão ser as que te vão dar mais gozo para teres um trabalho final muito bom. O que tu estiveste aqui a fazer e o que vais fazer com mais pessoas vais ver que te vai dar arcaboço para fazeres isso numa assentada. Um movimento social são as pessoas, não são os livros, não é o que se escreve nos livros.

## **Transcrição da Entrevista (01:30:39)**



**E1 – Adriana Sousa**

**R2 – João Batalha**

**TIAC – Transparência e Integridade – Associação Cívica**

Data: 24.03.2016

Hora: 16h – 17.30h

Local: Lumiar - Lisboa

### **Parte II - Organização do movimento**

**E1 – João, considera que a associação que está presente no Facebook se pode considerar um movimento social?**

**R2** – Já agora eu sou de história é a minha formação. Embora tenha trabalhado a maior parte do tempo como jornalista, faço parte da direção da TIAC (Transparência e Integridade – Associação Cívica) e depois fui diretor executivo há cerca de um ano e tal num projeto. Entretanto, o financiamento e esse projeto já acabou e agora estou aqui numa lógica de voluntariado. Nós somos uma associação cívica e a direção concordaria que nós somos e queremos ser um movimento social. O objetivo dessa organização é congregar esforços dos cidadãos para o combate à corrupção. Quer as pessoas denunciarem qualquer situação que tenham conhecimento, quer sobretudo agindo como grupo de pressão junto dos decisores públicos. Queremos que as nossas políticas de combate à corrupção sejam conhecidas, portanto, é uma situação para além do conhecimento, académico, legal nessas instituições, portanto, o que nós temos é uma coisa que exige vontade cívica e só com pressão é que se conseguem fazer essas reformas, portanto, nós somos um movimento cívico contra a corrupção.

**E1 – Antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?**

**R2** – Eu pessoalmente não. Fiz parte da associação de estudantes no liceu e pouco mais.

**E1- Como se posiciona em termos ideológicos?**

**R2** – Eu pessoalmente considero-me ideologicamente neutro, ah sei lá, se tivesse ... se me definisse seria como um liberal mais de esquerda, como a liberdade de comportamento, a liberdade de ação, etc. e liberal em termos de iniciativas, iniciativa económica...

**E1 - Identifique um ou vários dos principais objetivos do movimento.**

**R2** – Sensibilizar os cidadãos. Promover melhores políticas de combate à corrupção através da associação de forma crítica.

**E1 - Quantos elementos compõem o movimento? Há um núcleo duro?**

**R2** – Há uma direção que tem sete membros e depois há os associados normais... núcleo duro envolvido com cargos na associação de forma voluntária somos cinco pessoas e depois temos perto de mil membros, portanto, associados que pagam quotas.

**E1 – Todos vocês trabalham a página do Facebook?**

**R2** – Basicamente sou eu que trabalho. Há um ... Mas na associação essa tarefa cabe-me a mim.

**E1 - O grupo de administradores já se conhecia anteriormente?**

**R2** – A associação foi criada por um grupo de pessoas que já se conheciam. Um grupo de reflexão informal de combate à corrupção. Eu pessoalmente não conhecia ninguém. Entrei na fundação da associação, mas não conhecia ninguém, foi por acaso. Na altura ainda não havia nenhuma associação de combate à corrupção em Portugal e através da Transparency International eles é que me puseram em contacto e a trabalhar com o núcleo da fundação da associação em 2010, foi quando nasceu.

**E1 - A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R2** – Não, não. De vez em quando há pessoas que falam nisso, mas nunca foi o nosso objetivo. Por um lado, dentro da associação há pessoas que são de todos os quadrantes políticos de esquerda ou de direita, e depois nós achamos que aquilo porque estamos a lutar é uma coisa de ação cívica, precisa de alguma pressão dos cidadãos sobre os partidos políticos, sim, mas é uma questão que tem que vir de fora. E depois, dentro dos partidos políticos existem pessoas que se interessam por essa luta e vai havendo, mas o nosso papel é fazer pressão dos cidadãos sobre os partidos políticos e não tentar substituir os partidos políticos. Portanto, nunca se colocou, quer dizer há pessoas que sei lá porque tem uma perceção da elevada corrupção que existe em Portugal, que nos incentivam ou que nos perguntam, mas dentro da associação não.

**E1 – Estive a ver a vossa página de Facebook, vocês organizam seminários, conferências, apresentações, eventos, encontros... isto é recorrente?**

**R2 –** Sim, sim é recorrente.

**E1 - As vossas atividades têm a capacidade para mudar a situação política?**

**R2 –** A ideia é essa. É sensibilizar o máximo de cidadãos e conseguir colocar algumas questões práticas em cima da mesa. Para contextualizar nós trabalhamos em cinco áreas grandes. Primeira é a sensibilização pública que é isto, é a organização de conferências, seminários, é a participação da comunicação social, das redes sociais e tudo isso. Há uma segunda fase que é de pesquisa, de investigação, de desenvolvimento para a produção de conhecimento, sobre questões de combate à corrupção nas várias áreas, há material que nós temos andado a trabalhar, portanto, produção de conhecimento e até académico que depois permite fazer recomendações para fazer reformas políticas, etc. A terceira, políticas de combate à corrupção que estão a ser implementadas e há até organizações internacionais que fazem avaliações periódicas a Portugal para saber como é que nós estamos a aplicar as convenções internacionais de combate à corrupção. Nós sempre que possível participamos nessas missões de avaliação, somos ouvidos, portanto, à partida esse é trabalho de monitorização que está a ser feito. Uma quarta fase que é a proteção dos denunciantes dando conselhos a pessoas que querem fazer denúncias sobre corrupção, acompanhamento, etc. E uma última fase que é a do lóbi político, ou seja, é fazer pressão com base no conhecimento que temos, fazer pressão para as reformas, fazendo pressão nessas áreas. O objetivo é sobretudo na área da sensibilização pública que é uma área crucial para que as pessoas sejam por um lado, mais informadas, mais atentas a estes problemas para que depois possam ajudar-nos a fazer pressão para as reformas políticas. É um trabalho que nós sentimos que está a dar frutos, mas dá frutos muito lentamente. Basicamente construir uma comunidade de pessoas que até estão mais atentas, até por causa da crise, estão mais atentas a esta questão da corrupção, mas é preciso convencê-las que há possibilidade de haver reformas, de haver alterações e isso demora mais tempo até porque as pessoas são muito descrentes em relação ao sistema político.

**E1 - Com que frequência se reúnem?**

**R2 –** A nível interno, tentamos fazer reuniões pelo menos mensais, reuniões de direção e depois de acordo com os projetos que existam, têm que haver um acompanhamento mais próximo e há trabalho que tem que ser feito todos os dias connosco e com outras pessoas envolvidas nestes projetos. Estes projetos são projetos internacionais pedidos pela rede

Transparency International feito a nível europeu, estão vários países europeus envolvidos onde há associações semelhantes à nossa. Nós vamos agora começar um projeto sobre contratação pública, portanto, vamos fazer o acompanhamento de um processo de uma contratação de uma obra pública para garantir que em cada passo o contrato está a ser bem desenhado e bem estruturado para não haver complicações. Portanto, este é o tipo de coisas que vai haver trabalho todos os dias e reuniões muito regulares. Em termos de reuniões da associação, a direção geralmente reúne-se uma vez por mês, existe alguma dificuldade em reunir toda a gente, não conseguimos manter esse compromisso mensal, mas nós queremos manter isso, a regra é essa.

**E1 - A informação que partilham na página da associação no Facebook é composta maioritariamente por: informação sobre a orientação e objetivos das vossas ações, partilha de notícias e artigos de opinião, partilha de imagens, vídeos.**

**R2** – Por um lado, é mais fácil, não temos recursos, não há uma equipa a trabalhar nisso, por outro lado, o que vimos que tem algum impacto é a partilha de notícias, geralmente com um comentário ou outro que enquadra qual é o nosso ponto de vista. Geralmente é o que nós fazemos que tem visibilidade. Quando temos algum evento ou quando estamos a trabalhar com alguma parceria ou outra associação também fazemos isso, mas o grosso é a partilha de notícias porque mexe mais com as pessoas e é mais mobilizador.

**E1 - Tive a ver a vossa página, têm muitos artigos de opinião, muitas notícias sobre as medidas adotadas pelo Governo, poucos vídeos...**

**R2** – Alguns vídeos, também não temos muita capacidade para produzir vídeos próprios. Sei lá, às vezes um de nós vai à televisão e nós pegamos nesse vídeo e colocamos lá, mas a maior parte é notícias sobre questões políticas de combate à corrupção, o que se está a fazer e o que não se está a fazer ou sobre casos concretos.

**E1 - Também vi que tinham fotos maioritariamente das vossas iniciativas, encontros, seminários, etc., também aferi uma grande participação por parte dos vossos seguidores, e contributos por parte deles, existindo um número elevado de entre estes.**

**R2** – Geralmente as nossas publicações é uma notícia com uma frase qualquer. Não é uma coisa que tenha muita leitura. Transformar esta massa de seguidores em militantes e isso é uma coisa que ainda não fizemos essa prova. Estamos a começar a desenvolver outro tipo de ferramentas e coisas desse género e também promover encontros não só cá em Lisboa, mas

também no Porto para tentar mobilizar mais as pessoas. Também acontece que as pessoas nos contactam a perguntar e nós não temos imediatamente resposta para lhes dar porque o trabalho que nós fazemos é um trabalho um pouco especializado, de pesquisa ou de (...) portanto, pra nós ainda é uma incógnita, é a principal incógnita... É arranjar mecanismos, iniciativas, para que estas quarenta e tal mil pessoas que nos seguem no Facebook, caso queiram, possam fazer um bocado mais para além disso e mesmo aquelas que nunca pensaram que se sintam mais motivadas para ter ação no Facebook. Esse é o principal desafio. Como não temos resposta pra isso, é tentar arranjar mecanismos de comunicação e outros pontos de encontro para as pessoas e a tentar comunicar melhor o impacto do trabalho que temos e fazemos que é lento e para que as pessoas sintam que vale a pena ter uma participação maior para além das redes sociais. Eu gostava que as redes sociais fossem um ponto de mobilização e não apenas um ponto de informação ou de difusão. Para nós está a ser mais um ponto de difusão da informação, estamos a difundir para muitas pessoas e isso é bom, mas não estamos ainda a conseguir propriamente motivá-las ou mobilizá-las a partir das redes sociais. Acho que isso vai ser um grande desafio.

**E1 – Falou-me em associados...**

**R2** – Somos mil e poucos.

**E1 – Tem quotas?**

**R2** – Temos uma quota anual que neste momento está em 12 euros por ano. Dá um euro por mês.

**E1 – Vocês trabalham todos na associação, ou seja, trabalham a tempo inteiro ou em termos de voluntariado?**

**R2** – Neste momento ninguém trabalha a tempo inteiro. No final do ano passado nós tínhamos quatro pessoas a tempo inteiro e uma pessoa a meio tempo por causa dos projetos que existiam. Neste momento não trabalha ninguém. Daqui a dois meses hão-de estar a trabalhar provavelmente mais cinco pessoas por causa dos projetos que vem por aí.

**E1 – Tem a ver com financiamentos?**

**R2** – Tem a ver com financiamentos. Vamos fazer este sobre contratação pública e depois naturalmente as pessoas que estão nas equipas dos projetos quando há disponibilidade dão alguma ajuda à associação, etc., mas o número de colaboradores são muito flutuantes pode não haver ninguém, depois há.

**E1 - Sente que o movimento tem conseguido alcançar os objetivos iniciais traçados?**

**R2** – Sim. Havia dois objetivos principais. Um de carácter de organização que era sermos integrados na rede da Transparency International e o que está a ser conseguido, isto tem sido um processo evolutivo e isso está a ser atingido. Até sermos um capítulo nacional de direito e nós estamos a fazer esse processo, portanto, isto está a ser atingido. O objetivo externo e mais importante era trazer a corrupção para o domínio público. A associação foi fundada em setembro de 2010 e na altura não se falava muito de corrupção e era um assunto mais ou menos tabu e era uma questão que não havia o mínimo de interesse em discutir publicamente. Agora de facto é um tema que está na praça pública para o bem e para o mal e isso não é só trabalho nosso, não é só mérito nosso, mas é uma coisa para a qual nós contribuímos, e isso era um dos nossos principais objetivos, portanto, nesse sentido, sim, as coisas estão a correr bem. Em termos de sensibilização pública estamos a atingir os nossos objetivos. Gostávamos que a associação pudesse crescer mais e ter mais membros/associados a pagar quotas, etc., mas isso também depende da organização externa que nós ainda também estamos a estruturar.

**Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?**

**R2** – Temos um site, tínhamos um blogue, mas não estávamos a conseguir dinamizá-lo o suficiente. Mas o Facebook é a nossa principal plataforma.

**E1 - Que diferenças considera que o Facebook tem face a outros meios de mobilização?**

**R2** – O Facebook tem imensas coisas e é onde nós conseguimos chegar a muitas pessoas. Tem essa capacidade de ser relativamente abrangente. O Twitter, por exemplo, não é tao abrangente como o Facebook nem de perto nem de longe, mas tem algum público que também seria interessante pra nós, jornalistas, deputados, portanto, eles também seriam úteis. O Facebook tem mais projeção e estamos mais à vontade. Ainda em relação ao Twitter, o Twitter não é gerido com todas as suas potencialidades... eu sou responsável, mas não tenho muita queda para fazer a gestão do Twitter. Exige mais regularidade e até um pouco mais de interação com os outros utilizadores. Não consigo tirar completo partido do Twitter precisava de estar um bocado mais capaz pra isso.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social de massas?**

**R2** – Sim. A relação com a comunicação social tem sido boa. Nós fazemos comunicados de imprensa e fazemo-lo há algum tempo. Temos tido alguma cobertura no que tem a ver com relatórios ou coisas que acrescentam alguma coisa em termos de conhecimento sobre o fenómeno da corrupção. Nós estamos a dinamizar já há três anos um índice de transparência municipal que faz o ranking das câmaras municipais nacionais em termos de contratação pública que tem tido uma excelente cobertura quando sai o índice quer a nível nacional, quer depois e se calhar mais importante, quer a nível regional quer a nível local, e há sempre órgãos de comunicação social regionais que fazem o comparativo com os municípios que estão à sua volta criando uma dinâmica muito interessante. Portanto, aliás, a maior parte das câmaras começou a publicar muito mais por causa deste ranking. De resto, relativamente às iniciativas que temos e às tomadas de decisão que temos e mais do que isso começamos a ser procurados pelos próprios órgãos de comunicação social quando é preciso comentar alguma coisa. Vamos à televisão ou saímos nos jornais em casos, como por exemplo. o do Sócrates ou dos Vistos Gold. A comunicação social já vem ter connosco, portanto, é sinal que nos reconhecem como porta-vozes idóneos nessa área.

**E1 - Têm algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais?**

**R2** – Internacional temos uma relação formal. A nível nacional temos contacto com algumas associações, por exemplo, a questão daqueles ativistas presos em Angola temos trabalhado muito com outras associações como a Solidariedade Emigrante, com a SOS Racismo e até com alguns elementos informais que apoia esses ativistas. Vamos procurando associações em Portugal que tenham objetivos semelhantes aos nossos e que tenham casos concretos ou situações concretas que possam ter iniciativas connosco.

**E1 – E com outras associações que também tem a corrupção como...**

**R2** – Em Portugal não há grandes organizações deste género. Há um Observatório da Economia da Faculdade de Economia do Porto com quem temos alguns contactos esporádicos, aliás, um dos membros da primeira direção da TIAC era membro e presidente desse observatório e colaboramos nalguns projetos, mas era uma coisa mais episódica porque às vezes há competências que se complementam. Eles são mais um Think Tank, mais uma organização de pesquisa académica do que propriamente uma organização de mobilização de massas, portanto, colaboramos mais nessas áreas de conhecimento académico do que outras.

**E1 - E com as organizações mais institucionalizadas, como os sindicatos e partidos políticos?**

**R2** – Estamos a começar a montar esse tipo de relações com esse tipo de organizações. A direção quer algum tipo de cuidado com esse tipo de parcerias porque há muitas organizações que querem eventualmente fazer boa figura, mostrar que estão do lado do combate à corrupção, mas depois... nós queremos e precisamos fazer essas parcerias, mas com quem dê provas de quem está verdadeiramente empenhado. Portanto, vamos tendo contacto com partidos políticos e às vezes com pequenos partidos que não estão representados na Assembleia da República (AR). Estas já deram alguns contributos sobre o combate à corrupção. Também tivemos alguns contactos com o Partido Socialista na altura da liderança do António José Seguro. Também eles nos pediram alguns contributos nalgumas coisas e ainda fizemos algumas reuniões com eles. De resto, estamos ainda a montar uma rede de contactos com algumas organizações. Contactos com a Procuradoria Geral da República, com a Polícia Judiciária, e a parte que está mais avançada é com as câmaras municipais por causa do índice de transparência municipal. Temos a preocupação de ter parceiros que estejam verdadeiramente empenhados e não apenas para ficar bem na fotografia.

**E1 - Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página?**

**R2** – Não. Quer dizer temos as normas que estão mais ou menos na minha cabeça, mas que nunca foram passadas a escrito. Como temos muitos comentários e muito pouco tempo, portanto, a norma é, não participar nos comentários e não fazer moderação de comentários. Se for algum comentário mais específico ou a fazer alguma pergunta, aí nós podemos comentar.

**E1 - Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor?**

**R2** – Não, nunca aconteceu. Mas como eu disse nós não conseguimos acompanhar todos os comentários. Mas sei que há pessoas muito enfurecidas com a corrupção que dizem assim coisas um bocado ofensivas, mas nós nunca fizemos nenhuma denúncia nem bloqueio. Por um lado, também queremos que as pessoas tanto quanto possível se possam auto moderar. Por princípio é preferível que seja assim, mas sinceramente não tenho recursos para monitorizar a página.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-Atividade dos Seguidores**

**E1 - Quantos seguidores têm a vossa página?**

**R2** – Quarenta e tal mil seguidores.

**E1 - Como percebe a participação dos seguidores, no que toca à vossa página no Facebook?**

**R2** – São ativos segundo os padrões do Facebook são os padrões ideais, ou seja, nós todos os dias conseguimos colocar lá alguma coisa, temos um feed que vai aparecendo, temos gostos, etc., não é daqueles feeds escondidos. Portanto, as pessoas participam muito, põem gostos, partilhas, comentários e encaminhamento, aí funciona bem. Em termos do Facebook estamos satisfeitos. Agora ainda uma incógnita que nós ainda temos é a nossa capacidade de transferir essa participação do Facebook para o terreno digamos assim. Nós sabemos quando temos um evento aqueles que clicam que vão e aqueles que aparecem. Tenho a noção que há pessoas que clicam vão por uma questão de solidariedade e que se identificam com o tema, mas depois sim, existe essa diferença.

**E1 - Auscultam os vossos seguidores? Auscultam outros movimentos sociais na definição dos objetivos e eventos/iniciativas levados a cabo pelo movimento?**

**R2** – Na verdade não porque a maior parte das coisas que nós organizámos tem a ver com os projetos, portanto, há um compromisso com o gestor do projeto de fazer um relatório, de fazer um evento, ou dois ou três, ou seja, na maior parte das vezes nós seguimos esse cronograma. Ou então estamos a responder a convites. Uma das coisas que queremos fazer é realizar encontros mais regulares com agenda onde as pessoas possam vir e participar e ficarmos mais abertos a este tipo de eventos.

## **Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1 - Como percebe o papel da sátira, humor, cartoons e caricaturas, vocês recorrem a este tipo de expressão?**

**R2** – Nós não. Até porque não temos capacidade para fazer tratamento de imagem, sei lá. Eu gostava de ter mais fotos e mais vídeos no Facebook. Fizemos poucas vezes, fizemos poucas vezes porque às vezes o humor é mal-entendido e mal interpretado e nós temos uma organização com conhecimento académico com o objetivo de mobilizar as pessoas, portanto, nós não queremos criar situações de confronto. Se tivéssemos mais recursos em termos visuais, no tratamento de imagem, etc., faríamos mais certamente, mas os próprios seguidores nos comentários fazem isso e nota-se alguma irritação por parte das pessoas essencialmente com os políticos e com o sistema político. Para nós acaba por ser um desafio, porque por um

lado, há muitas pessoas que aderem à nossa página por raiva. Por outro lado, a raiva tem pavio curto e não é fator de mobilização continuada das pessoas. Por aí era importante usarmos um pouco mais de sátira do que envolver as pessoas não só pela irritação, mas pelo humor, pela sátira e pela empatia.

**E1 - Qual a eficácia desta estratégia ou forma de expressão? Tem influência na capacidade de mobilização no seio do seu movimento?**

**R2** – Acho que sim. Tem um enorme potencial, é mais apelativo desde que não se banalize. As pessoas também se fartam de estar sempre a gozar com coisas sérias, mas gostava que nós tivéssemos um pouco mais disso.

Masculino

Cascais - Lisboa

37 anos

Desempregado

Solteiro

Não Estudante

Portuguesa

Licenciado em História

## **Transcrição da Entrevista (01:10:16)**

**E1 – Adriana Sousa**

**R3 – João Martins**

**Indignados Algarve**

Data: 28.03.2016

Hora: 17.30h – 18.40h

Local: Loulé



## **Parte II – Organização do movimento**

**E1 – João, considera que o vosso movimento que está presente no Facebook se pode considerar um movimento social?**

**R3 -** Não tenho a certeza de que se possa chamar movimento. De toda a forma, isto surge um pouco com a entrada da Troika em Portugal. Não sei dizer exatamente quando surge a ideia dos Indignados do Algarve (IA). Antes dos IA houve uma coisa que se chamou de Indignados de Loulé que foi censurada e que foi abatida nas redes sociais. Foi e se estou recordado na sequência da intenção da Troika e do governo português de querer fechar urgências aqui em Loulé. Digamos que foi a grande primeira mobilização de pessoas mobilizadas através das redes sociais com o objetivo de impedir o fecho das urgências que continuam abertas atualmente. Houve uma subida nas taxas moderadoras, mas continuam abertas e, portanto, o governo não conseguiu fechar as urgências e aqui em Loulé as redes sociais serviram claramente para mobilizar as pessoas que deram origem a manifestações aqui em Loulé onde estiveram mil e tal pessoas que por duas ou três vezes vieram para a rua impedir que as urgências fechassem. Mas para além disso há muitas outras coisas. Eu diria que antes desse tipo de movimentos no Facebook eu pessoalmente tinha um blogue desde 2006 que se identificou como Movimento Apartidário da cidade de Loulé e cujo objetivo era discutir coisas na praça pública, não era discutir com os partidos políticos. A minha perceção é que os partidos políticos não ouviam as pessoas. Havia um descontentamento generalizado, as pessoas sentiam que eles não defendiam os seus interesses. Os partidos políticos são fundamentais para o funcionamento da democracia, mas o modo como eles funcionam, não respondem aquilo que muitas vezes são as necessidades das populações. Portanto, o blogue era um espaço de discussão e à sua maneira fazia uma certa intervenção pública à escala da cidade de

Loulé. Depois com a intervenção da Troika de facto começou a haver uma agressão às populações em todo o lado, na área da saúde, na área da educação, nos cortes dos rendimentos, das reformas e as redes sociais serviram de alguma forma para ... pra já como um espaço de discussão pública com outras pessoas em torno das coisas que estavam a acontecer e depois também como espaço de mobilização para a ação. Um espaço que veio concretizar por diversas vezes, manifestações. Em Portimão quanto ao fecho da maternidade e serviços de saúde chegamos a fazer uma mobilização no Hospital de Faro contra a degradação dos serviços públicos. A via do Infante muitas vezes... embora aí já estejam implicados partidos políticos como o BE e o PCP que mobilizavam também as pessoas não só pelas redes sociais, mas também pelos meios tradicionais, mas também com muito recurso às redes sociais. Houve visitas às casas de férias do Presidente Cavaco Silva e do Primeiro-Ministro Passos Coelho e as redes sociais serviram também de alguma forma para dinamizar isso, e, portanto, quanto aos sem-abrigo lembro-me que havia aqui um em Loulé que dormia na rua e foi através da pressão das redes sociais que a câmara tomou a decisão de arranjar uma habitação e tirar a pessoa da rua. Portanto, de alguma forma produziu algum efeito. Neste momento tenho receio de chamar-lhe movimento, éramos quatro ou cinco que estávamos por detrás daquilo.

**E1 – Tenho a referência de que são cerca de 330 seguidores?**

**R3** – Também não tenho a certeza de que existam seguidores, propriamente seguidores não é. O que estou a dizer é que provavelmente a página é consultada, ela prevê que se suscite debate, mas não diria que há propriamente seguidores do movimento ou da página.

**E1 – Quem administra página do Facebook?**

**R3** – Quem administra mais a página sou eu. Foi criada pela minha irmã que na altura estava muito envolvida também nas redes sociais até porque também isto tem muitos custos para a vida das pessoas, são penalizadas por partidos políticos, trabalho, etc., portanto, as pessoas foram-se afastando progressivamente. Mas havia um grupo de pessoas que era muito dinâmico e mobilizava as pessoas e que se foi perdendo até porque com a intervenção da Troika foi de tal ponto de dureza, de bater nas pessoas, de facto, só os mais resistentes dos resistentes continuam a queixar-se. E o contexto também, entretanto se alterou.

**E1 – Criada em que ano?**

**R3** – Não tenho a certeza, talvez 2011. A página talvez tenha essa referência.

**E1** – Não refere, mas posso ver melhor.

**E1** – Antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?

**R3** – Não. Como disse a única coisa que que tinha era um blogue que foi criado em 2006 e que eu intitulei Movimento Apartidário da cidade de Loulé, portanto, não era um movimento era um blogue onde as coisas eram colocadas à discussão e onde até determinada altura tive até que fechar os comentários porque os partidos políticos fizeram um ataque tão feroz.

**E1** – Existe censura?

**R3** – Eu não lhe chamaria censura. Há um grande desconforto por parte dos partidos políticos todos da esquerda à direita e que depois fora da esfera partidária intervêm na arena pública. Tradicionalmente os partidos políticos controlavam o jogo com a utilização da palavra e das questões políticas e sociais e as redes sociais vêm de certa forma complexificar esse jogo. Os partidos políticos ou não se adaptaram ainda ao alargamento desse espaço público com outras pessoas a intervir, por outro lado, não têm interesse que outras pessoas fora da esfera partidária coloquem as coisas de uma determinada forma que depois de facto não interessa aos partidos políticos, não é. E, nesse sentido, quer os partidos, quer os sindicatos, ainda não se adaptaram bem à era das redes sociais.

**E1**- Como se posiciona em termos ideológicos?

**R3** – Mais à esquerda.

**E1** – Estes grupos/movimentos que existem no Facebook podem ser considerados movimentos sociais?

**R3** – Podem, sem dúvida. Diria até que outro grupo onde criei um site e associado a um esboço de um movimento que é o Movimento Algarve Livre de Petróleo que depois evoluiu para uma coisa mais vasta que é a Plataforma Algarve Livre de Petróleo (PALP). Pegar em grupos fora da área do ambiente numa luta contra a exploração do petróleo e gás natural aqui no Algarve em terra e mar e é um exemplo claro de um movimento social com causa ambiental. E aqui neste momento eu diria que os IA devidamente contextualizado com os Indignados à escala nacional na época da Troika é um movimento

social de pessoas que participaram nessa luta e mobilizaram através das redes sociais. Resumindo, é claramente um movimento social.

### **E1 - Existe algum ou alguns líderes(es) no movimento?**

**R3** – Não. Uma característica deste tipo de contactos em rede é que não há líderes. É claro que há sempre pessoas ou que dão mais a cara ou que aparecem mais vezes ou que dão mais a palavra acabam por ser identificados como tal, mas de facto, dentro destas redes, as relações são sempre mais horizontais onde não há uma hierarquia, isso é claro, não é. Muitas vezes há o just in time... por exemplo, os IA alimenta a discussão na praça pública partilhando interesses com outras pessoas mas não quer dizer que de um momento para outro não haja a perceção de uma injustiça por parte de uma pessoa e que mereça intervenção e mostra isso nas redes sociais para mobilizar pessoas para ir para a rua. Portanto, creio que há este aspeto que podem aparecer e desaparecer. Tal como eles apareceram são de facto espontâneos, não é. As causas ou são resolvidas ou elas provam tudo de determinada maneira e que podem levar a arrefecer o movimento e desaparecer. Ou seja, pode-se dizer que também que esta é uma das características, ou seja, que há movimentos que perduram mais no tempo e outros não. Por exemplo, a questão ambiental, é um movimento com características para ter uma duração mais longa enquanto que por exemplo, os cortes das reformas têm um tempo mais curto, é algo do contexto que se passa nesse momento.

### **E1 - A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R3** – Não, de maneira nenhuma. Essa é uma questão interessante. Na altura da intervenção da Troika, foi criado também um movimento denominado “Que Se Lixe a Troika” em que as pessoas também saíram à rua. E numa assembleia popular eu ainda sugeri que o movimento pudesse evoluir para um partido à semelhança do que se estava a passar em Espanha com o PODEMOS porque houve uma alteração profunda da política espanhola, mas eu pessoalmente não quis avançar praí e continuo a não querer. A razão é muito simples. Os partidos políticos tornaram-se organizações muito hierarquizadas, controladas e com interesses que estão em jogo. Portanto, eu acho que com o meu perfil pessoal não demoraria dentro de um partido mais do que uma semana porque eu digo o que penso.

### **E1 – Qual é a principal actividade dos IA?**

**R3** – Eu diria que é uma actividade abrangente. Apareceu muito ligado ao combate das políticas de austeridade.

**E1 - As vossas atividades têm a capacidade para mudar a situação política? Porquê?**

**R3** – A questão das manifestações ligadas às urgências já vinha de trás dos Indignados de Loulé. Mobilizámos duas ou três vezes. Depois as manifestações anti Troika recordo-me que foram umas seis. Num ano em Loulé saímos à rua seis vezes. Uma das manifestações juntamente com o “Que Se Lixe a Troika” julgo que em setembro nós conseguimos juntar perto de 5.000 pessoas ali na Av. José da Costa Mealha. Depois houve mais duas ou três manifestações. Estou convencido que isso contribui para fazer cair o governo local que era PSD e para haver uma troca de cadeiras digamos assim.

**E1 – Era o Seruca Emídio na altura?**

**R3** – Sim, era o Seruca Emídio e portanto, o PSD perde as eleições aqui em Loulé e estou convencido que isso contribuiu muito para essa mudança e portanto, há um conjunto de acontecimentos que a partir das redes sociais que não sendo a causa tiveram um papel importante na mobilização das pessoas.

**E1 - Com que frequência se reúnem?**

**R3** – Fizemos várias reuniões durante o período na fase inicial o que implicava reunir pessoas para planificar as acções. Com o “Que Se Lixe a Troika” que mobilizou cerca de 5.000 pessoas implicava montar palcos, som, cartazes. Aqui houve quatro, cinco, seis pessoas que se juntaram e organizaram a ação o que dá muito trabalho, muito trabalho, que não nos passa pela cabeça a todos os níveis. Mas as coisas foram-se desfazendo, o poder político não foi dando respostas, as pessoas foram sendo esmagadas, muitas foram penalizadas nas suas vidas, no trabalho, pessoal, no diz que disse, da difamação a todos os níveis. Este facto, partiu muito dos partidos políticos porque não interessa ter outros atores na cena política e, portanto, as pessoas foram-se refugiando-se nos seus cantinhos. Mas houve momentos fortes da organização, nesse sentido, para além das redes sociais, as pessoas juntaram-se para fazer a planificação. Neste momento não, as coisas estão muito mais desativadas.

**E1 - Há iniciativas propostas pelos seguidores?**

**R3** – Nunca aconteceu. O que tem acontecido são pessoas a pedirem-nos para divulgar eventos, aqui no Algarve ou noutros pontos do país ou mesmo nós por nossa iniciativa

divulgamos por ser de interesse público, mas não propriamente para organizar algo. Esporadicamente aconteceu, mas que depois tenha gerado uma dinâmica de partilha conjunta com a organização, não.

**E1 - Trabalham todos na organização dos eventos ou existe sempre um mesmo “núcleo duro”?**

**R3** – O núcleo duro é muito próximo, chega a ser familiar. Somos de Loulé, lá está, a minha irmã participou, mas afastou-se, o namorado dela também estava muito envolvido, não pelas redes sociais, mas pela participação direta. A minha mulher chegou a participar muito na elaboração dos cartazes, etc., etc., mas tudo isto, também houve pessoas fora desta esfera familiar. Muitas vezes os partidos políticos numa fase inicial juntaram-se porque não quiserem ficar de fora porque eram questões de facto de interesse público, as urgências. Implicou também para além das redes sociais fazer cartazes mandados imprimir com o nosso dinheiro, e, portanto, estava a dizer que os partidos se juntaram porque não queriam ficar de fora, e os presidentes de câmara juntaram-se à população nas ruas, portanto, o Seruca Emídio, houve uma grande manifestação..., todo o espaço da câmara municipal, eu estava atrás da porta, a tentar perceber quantas pessoas é que saíram pra rua e apareci eu com uma faixa a dizer “as urgências ficam em Loulé”. Não tinha a ideia de quantas pessoas tinham aparecido e apareceram perto de 1.500 pessoas. Ainda me tentaram demover de organizar a manifestação, os tipos do Bloco de Esquerda numa reunião faríamos uma vigília local nas urgências e ficaríamos por aí, mas não, nem pensar. Isto é muito grave, vamos organizar as coisas e fazer a manifestação. Aquilo encheu, foi uma manifestação muito boa, mas o Governo voltou à carga e, portanto, mas estava a dizer... nesta primeira manifestação o espaço da câmara municipal com os presidentes e vereadores estavam no local, atrás da porta que estava fechada porque a manifestação foi mesmo à porta da câmara e quando se aperceberam que estava a aparecer muita gente saíram da porta pra fora. O Partido Socialista eles próprios através das redes sociais convocaram os seus fiéis para se juntarem à manifestação. Também se juntaram para entregar lá em cima uma carta aberta aos representantes do poder político a nível nacional e, portanto, dizer que se juntaram porque não queriam ficar de fora. Portanto, há aqui várias dinâmicas e as redes sociais foram fundamentais. O meu filho, por exemplo, por decisão governamental e através de uma plataforma informática foi colocado numa turma do 4º ano. Ele foi para o 3º ano, mas foi para uma turma do 4º ano. E eu disse não aceito isto, a turma dele do 3º ano está vazia e enfiam-me o miúdo numa turma do 4º ano. Eu

fui à escola, reuni e as redes sociais acabaram por lançar isto para a praça pública e depois muitas vezes chega à imprensa nacional, quer local/regional, quer nacional. Foi uma luta interessante porque foi uma decisão governamental. A escola teve que voltar atrás, ao fim de greve de fome, ao fim de acampadas á porta da escola, ao fim de manifestações, ao fim de murros na mesa do diretor regional de educação que dizia que não podia fazer nada porque não tínhamos dinheiro. E as redes sociais foram importantes. Estou convencido que se não partilho isto nas redes sociais que estavam do meu lado, tenho consciência que não tinha grandes hipóteses de resolver esta questão. Ao fim ao cabo, não era só uma questão pessoal, mas uma questão da escola pública porque havia aqui um certo regresso ao passado, uma coisa que se faz ainda nas escolas em meio rural quando há cinco ou seis miúdos e, portanto, são situações excecionais. O que se passou aqui foi que o governo quis de facto, por motivos económicos, normalizar, naturalizar e tornar aceitável crianças de diversos anos com um único professor... que estivessem misturados.

**E1 - Quais são as atividades que tem neste momento a decorrer/que estão previstas?**

**R3** – Não. Da mesma forma que as pessoas se refugiaram no seu cantinho eu também tive que me resguardar um bocadinho e, portanto, a agressão foi tanta e de tantos os lados, que também percebi que estar a fazer lutas que muitas vezes são do interesse de todos, quando são os próprios interessados que se viram contra quem participam nestas coisas. Já não basta o ataque fortíssimo dos partidos políticos como também os próprios interessados se viram contra nós. De facto, isto acontece o que me levou a intervir menos. O contexto também é importante, a agressão da Troika está em despique e, portanto, aquilo que os cidadãos estavam a defender porque os políticos não estavam a defender alterou-se um pouco. Neste momento, não estão a atacar da mesma forma os rendimentos, não estão a atacar da mesma forma as reformas das pessoas, não estão a anunciar que vão fechar serviços de saúde, etc., não quer dizer que não se continue a fazer coisas erradas. Agora há outra questão, a agressão àquele nível dos últimos quatro anos levou muito a que as pessoas também se mobilizassem através das redes sociais para de alguma forma defenderem as suas vidas, não é. Na questão do petróleo e dos contratos que haviam, fomos nós que escavamos um bocadinho, de facto, o território do Algarve está todo concessionado a empresas de exploração de petróleo, ou seja, basicamente estamos a ficar colonizados, mas afastei-me também um pouco. Começou a entrar muita gente no movimento da PALP com perspetivas muito diferenciadas e gente dos partidos. E quando começou a haver gente dos partidos eu decidi afastar-me por causa das manipulações.

Tinha pessoas que defendiam que só podíamos fazer esta luta pela via institucionalizada, ou seja, cartas dirigidas aos órgãos, que a luta tinha que ser feita por dentro. Eu defendo todas as vias desde que sejam democráticas e todas elas são legítimas, seja manifestações de rua, fazer pressão sobre o poder político. As mais diversas formas de ação sejam institucionalizadas ou não, são fundamentais para atingirmos os nossos objetivos. E as pessoas dos partidos foram de facto tentar manipular o jogo mais uma vez. Mas participo, ainda há poucos dias tive numa manifestação em Faro e houve um espetáculo musical, um debate, etc., levei uma faixa e, portanto, organizar... quando as agressões são fortes a tendência é desmobilizar.

**E1 - Continua a fazer sentido a existência do movimento?**

**R3** – Não sei, mas continua a fazer sentido como espaço de partilha e de debate no espaço público. Estão sempre a acontecer coisas, os partidos só vêm aquilo que lhes interessam e, portanto, mesmo acontecimentos a nível internacional, hoje foi anunciado que prenderam os ativistas em Angola, quer dizer, que não estamos perante um regime democrático e prendem-se as pessoas só por fazerem aquilo que eu faço aqui que é ter opinião e mostrar que temos opinião.

**Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?**

**R3** – Só com recurso às redes sociais, blogue, Facebook.

**E1 - Considera que o Facebook contribui para a mobilização, mais debate, mais partilhas?**

**R3** – Sem dúvida. Eu não tenho dúvidas nenhuma quanto a isso, ah, portanto há coisas que são discutidas que de outra forma não eram discutidas e a forma como são... não só a forma como são discutidas mas a forma como são colocadas que estão fora do controlo da esfera dos partidos políticos que controlam o jogo e colocam questões, coisas que colocam na praça pública, umas vezes ocultam, outras não interessa pôr... enfim, as redes sociais vêm baralhar o jogo e vêm... digamos, tem um papel muito importante porque alargam o espaço público. Entram pessoas na discussão pública que de outra forma estavam afastadas dela até porque as cidades deixaram um pouco de cumprir essa função, não é, de promover o debate público e político sem ser a do café. As redes sociais vieram

de alguma forma alargar o espaço da discussão pública em termos de questões sociais e políticas.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social de massas?**

**R3** – Sim. Eu diria que nunca foram só as redes sociais, houve sempre ações de rua, portanto, nós tentámos sempre tudo o que organizássemos, lançar na praça pública através dos meios de comunicação social. Eu pessoalmente não tenho nenhuma relação com os meios de comunicação social, tenho alguns contactos de alguns meios de comunicação social onde nós fazemos comunicados e eles pegam nisso.

**E1 - Como percecionam o papel destes meios de comunicação, seja na cobertura da atividade do vosso movimento, seja na cobertura dos demais?**

**R3** – Deram muitas vezes cobertura. Muitas vezes pegaram nos nossos comunicados e deram seguimento. Alguns jornalistas telefonaram por causa da questão do petróleo e da saúde para explorarem melhor o que se estava a passar.

**E1 - Considera que os objetivos do movimento se sobrepõem aos objetivos de outros movimentos existentes? Alguma vez tentaram lutar entro de organizações e/ou partidos já existentes, como forma de unir esforços? Porquê?**

**R3** - Houve várias fases. Apelávamos às pessoas para sair à rua e o apelo era que sindicatos, pessoas, partidos se juntassem à luta pela saúde no Algarve e isso surgiu efeitos. A segunda grande manifestação feita aqui em Loulé é concertada com o dirigente sindical da área da saúde, Sindicato dos Enfermeiros da região sul, o Nuno Manjua, o Movimento de Cidadania que se apresentaram aqui em Loulé às autárquicas e três ou quatro de nós, ou seja, foi uma decisão tomada em conjunto. De facto, houve uma concertação de interesse. A determinada altura, os partidos começam a querer controlar o processo e, portanto, começam a tratar mal os movimentos sociais, a ignorá-los, através do diz que disse, do rumor, do boato, ou seja, desqualificação social em meios pequenos como Loulé e quiseram afastar os movimentos sociais e isso aconteceu. Uma situação clara de separação entre partidos e movimentos. Aconteceu também nas portagens, os partidos vão controlando o jogo. Mas houve bons momentos de cooperação que deram frutos. Um exemplo claro dessa cooperação é a PALP que também recorrem muito às redes sociais para mobilizar as pessoas para a causa da luta contra a exploração do petróleo no Algarve. Talvez esse pudesse ser um bom movimento para analisar. Enquanto

os IA está em declínio até porque o contexto era a Troika, a PALP é uma boa ideia de um movimento social, claríssimo.

**E1 - Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página?**

**R3** – Não, é um grupo aberto, não há grande hierarquia. Mas segue uma série de princípios não escritos para responder à sua questão.

**E1 - Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor? Porquê?**

**R3** – Não, nos IA não. No blogue teve que ser fechado porque os partidos políticos utilizavam o blogue para se atingirem uns aos outros. No meu Facebook pessoal já bloqueei pessoas. Não sou favorável nem desfavorável, eu escrevo aquilo que defendo.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-Atividade dos Seguidores**

**E1 - Como perceciona a participação dos seguidores, no que toca à vossa página no Facebook?**

**R3** – De início a participação era muito forte. Quando era Indignados Loulé estava muito ligada à Troika, depois passou a IA. A mobilização e a participação no início foram muito fortes. A página da PALP também é forte.

**E1 - Tendo como referência as manifestações de vontade em participar nos eventos, previamente anunciadas, como avalia a efetiva mobilização e participação em contexto real ou em contexto local desses seguidores?**

**R3** – Está muito dependente dos contextos e das causas, das coisas que acontecem. A criação de eventos que nós fomos fazendo ao longo do tempo diz-nos que há sempre um hiato muito grande entre as pessoas que clicam gosto num determinado evento e aqueles que aparecem no local, uma diferença grande. E por isso nós é que estrategicamente recorremos a outros suportes de mobilização. Cartazes na rua, panfletos, os meios de comunicação social, etc., etc., mas só as redes sociais não chegam. As redes sociais têm um papel importantíssimo em determinados momentos e acontecimentos para mobilizar pessoas.

#### **Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1 - Como percebe o papel da sátira, humor, cartoons e caricaturas na ação do movimento?**

**R3** – Depende eu diria que é conjugação de várias coisas. A sátira por si só pode não ter muito efeito e quando se quer mobilizar alguém para sair à rua, para a ação não chega. Pode resultar para chamar a atenção para determinados aspetos, determinados problemas. Nós não recorremos muito a isso, posso dizer que recorremos muito a cartazes com imagens associados aquilo que se pretende para mobilizar as pessoas. Isso tem um efeito muito poderoso, por exemplo, lembro-me numa das manifestações contra o fecho das urgências de por um cadáver em cima de uma maca e a dizer que a saúde está a morrer. Fez-se e isso associado a uma mensagem, produz efeitos. Por vezes, há um conjunto de mensagens com imagens com um sentido negativo que são divulgadas pelas redes sociais cujo objetivo é denegrir certas pessoas do partido a, b ou c. Havia a ideia do ALLGARVE, tínhamos uma montagem de uma gaiivota coberta de petróleo e ao lado uma plataforma de petróleo. Recebemos um telefonema da Região de Turismo do Algarve que nos processavam se não tirássemos aquilo. Onde o ALLGARVE já estava fora, já tinha mudado o governo, já estava sem efeito, mas mesmo assim recebemos esse contacto mais preocupado com o ALLGARVE do que propriamente com o petróleo em cima das praias. Então tivemos que acabar com isso para não ter problemas com os tribunais.

**E1 - Qual a eficácia desta estratégia ou forma de expressão? Tem influência na capacidade de mobilização no seio do seu movimento?**

**R3** – Tem eficácia. Por exemplo, com o cartaz do Bloco de Esquerda funcionou ao contrário.

**E1 - Considera que o recurso a esta forma de expressão na sua utilização/expoente máximo não deve ter qualquer tipo de restrição?**

**R3** – Deve. Acho que deve ter limites na sua utilização. Há pessoas pagas pelos partidos políticos que andam pelas redes sociais para denegrir partidos opostos ou pessoas que sejam incómodas. Fazem coisas horríveis como a difamação das pessoas sem fundamentação. Para mim é simples, quando alguém viola a lei, os tribunais têm que atuar.

Masculino

46 anos

Casado

Portuguesa

Loulé

Empregado

Professor Universitário

Sociologia

Não-estudante

**Transcrição da Entrevista (39min:29seg)**

**E1 – Adriana Sousa**

**R5 – Fernando Dias**



**Plataforma Livre de Petróleo do Algarve (PALP)**

Data: 09.04.2016

Hora: 15h – 15:45h

Local: Café em Faro

**E1 - Olá R5.**

**R5 – Olá**

## **Parte II - Organização do movimento**

**E1 - Antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?**

**R5 –** A Quercus. Faço parte da associação Quercus. Não é um movimento é uma associação com 30 anos e é conhecida. E em movimentos já tive em algumas campanhas... mas assim, dentro, a ajudar outra associação nunca tinha estado, mas há alguns movimentos que participava só como voluntário.

**E1 - Como se posiciona em termos ideológicos? E os seus colegas do movimento?**

**R5 –** Em termos ideológicos sou mais de esquerda apesar de ... aqui em Portugal me sentir um bocadinho perdido às vezes, mas sim.

**E1 - Como é que surgiu o movimento?**

**R5 –** A PALP foi em 2014, ah, setembro/outubro agora não sei precisar o dia. Surgiu num momento em que várias associações se juntaram para fazer aqui uma plantação aqui na zona do Fórum Algarve. Foi uma ação de plantar as árvores e de repetente apareceu muita gente e algumas pessoas começaram a falar sobre o assunto. E vieram... estavam preocupadas, a questionarem o que é que a Quercus já tinha feito antes da PALP existir. Já tínhamos feito um comunicado. As pessoas perguntavam-nos e como sabiam que eu era da Quercus, o que é que nós andávamos a fazer digamos assim, de repente ali naquela altura estava a Quercus, estava a Local, estava a... surgiu assim a ideia de fazermos uma

reunião e começar a falar sobre o assunto. O que é que poderíamos fazer porque realmente as pessoas estavam preocupadas e nós também. Nós estávamos preocupados com aquilo que estavam a anunciar para Portugal e aqui também, no Algarve. Nessa reunião então, o primeiro ponto que... no primeiro dia além de estar a Quercus estava a Local, estava a Almargem ah, mais três ou quatro associações aqui da região do Algarve. A nível nacional acho que só uma, a Quercus, mas aqui mais o Núcleo do Algarve. A Local é daqui de Faro, a Almargem é conhecida na região inteira, ah, depois mais duas ou três associações que se juntaram também locais e prontos e foi esse o ponto de partida de forma espontânea num contexto que não tinha nada a ver com o tema.

**E1 - Identifique um ou vários dos principais objetivos da PALP. São muito direcionados para a prospeção do petróleo?**

**R5** – Sim. É exclusivamente porque em termos energéticos passa pela ideia daquilo que queremos para o país e passa não por ser o petróleo e o gás, mas sim, as energias renováveis. Mas o objetivo principal mesmo é precisamente acabar com aquilo que está a ser anunciado da exploração tanto do petróleo como do gás.

**E1 - Quantos elementos compõem o movimento? Existe sempre um mesmo “núcleo duro”?**

**R5** – Há um núcleo duro. Geralmente, depende um bocadinho nós nunca sabemos quantos vão aparecer nas reuniões. Além de sermos associações e muitas das pessoas trabalham, então às vezes depende um pouco da disponibilidade que tem na vida delas, mas temos em média oito a dez pessoas. Às vezes estamos quatro, por vezes quinze, dezasseis, depois colaboradores que não sei contar sequer. Em Lisboa temos também quando precisamos de reuniões em Lisboa como foi reunir com o Secretário de Estado, ou do ambiente ou da Energia. Temos também colegas em Lisboa que se disponibilizam principalmente as associações nacionais e que se disponibilizam para isso. Depois temos um grupo ao longo deste ano que fizemos várias consultas públicas, apresentações às populações e vários grupos que nos pediram para nos deslocar ao local. E então, já temos ... há dois grupos que se destacam um em Tavira e outro grupo em Vila do Bispo, na zona da Vila do Bispo que também já organizaram os seus próprios núcleos e trabalhamos todos em conjunto digamos que lá provavelmente mais um grupo de oito/nove pessoas. Em Tavira se calhar também um grupo de nove/dez pessoas. Isto num ano praí.

**E1 - Existe algum ou alguns líderes(es) no movimento?**

**R5** – Não, não. Todos decidem, todos dão opinião, todos são bem-vindos e participam nas reuniões.

**E1** – **Quem administra a página do Facebook da PALP?**

**R5** – Mais uns colegas meus. O Manel Vieira, a Rosa Guedes e a Rita.

**E1** - **O grupo de administradores já se conheciam anteriormente?**

**R5** – O Manel Vieira conhecia-o no dia em que fizemos a primeira reunião, a Rita e a Rosa já as conhecia porque uns meses antes, a Quercus começou a fazer ações com a Local e foi nessa altura que nos conhecemos.

**E1** - **A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R5** - Não. Eu penso que ... aliás aqui vou ter que dividir um bocadinho porque há pessoas que estão em termos individuais, mas em termos gerais, isso até seria impossível porque somos associações nunca poderiam fazer isso nem temos ambição. São completamente apartidários e a maioria pertence a associações ambientalistas nunca iria por esse caminho. Poderia era depois o núcleo continuar com quatro ou cinco pessoas muito ativas, mas ... não acredito.

**E1** - **As vossas atividades têm a capacidade para mudar a situação política? Já conseguiram alguma mudança?**

**R5** – Em parte sim, porque foi com a nossa insistência que a Entidade Nacional do Mercado de Combustíveis (ENMC) começou a publicar mais coisas no site deles e penso que mesmo que foi graças a um trabalho que nós fizemos também junto das câmaras aqui e de... também empresas como o turismo, pescadores e que todos eles fizeram também comunicados e penso que a partir desse momento a ENMC, que nunca, até ali, nunca tinha demonstrado grande interesse em fazer... Veio logo dizer que viriam a Faro fazer uma sessão pública e que aconteceu aqui no dia 12 de janeiro. Reunimos com os Secretários de Estado, reunimos aqui também com todos os partidos políticos. Acho que sim, tivemos uma influência inicial de certeza absoluta.

**E1** - **Com que frequência se reúnem?**

**R5** – Semanalmente. Tivemos agora uma na terça-feira e vamos ter na próxima segunda-feira.

**E1 - Há delegação de responsabilidades e de tarefas?**

**R5** – Sim, sim é precisamente pra isso que nós nos reunimos. Mais para distribuir os trabalhos. Durante a semana tudo o que recebemos, convites, ah, para ir a qualquer lado, é preciso ir a uma reunião, olha podes ir tu, vai este, vai aquele, ficas tu responsável por isto, por aquilo e conforme a disponibilidade das pessoas até porque estamos muito dependentes disso, da disponibilidade.

**E1 - A informação que partilham na página da PALP é composta maioritariamente por: informação sobre a orientação e objetivos das vossas ações, partilha de notícias e artigos de opinião, partilha de imagens, vídeos ou informação sobre outros movimentos? Qual o teor destas partilhas? Político? Económico? Social?**

**R5** – Tudo ligado à energia. Só petróleo ou só gás, não pelo contrário, por vezes publicamos alternativas, coisas, estudos de universidades que estejam a investigar alternativas, opiniões de jornalistas, de pessoas conhecidas na sociedade, mas claro, tudo o que tenha a ver com o petróleo e o gás. Medidas do Governo só se tiverem a ver, sim, só com o petróleo e o gás.

**E1 - Há iniciativas propostas pelos seguidores? Pode indicar algum exemplo?**

**R5** – Sim, sim. Temos muitas pessoas que nos dão ideias. Porque não fazem isto, aquilo, sim. Se forem ideias com noção, sim.

**E1 - Quais são as atividades que tem neste momento a decorrer/que estão previstas?**

**R5** – Sim estão marcadas várias apresentações públicas, já fomos convidados para vários locais na zona aqui do Algarve. Segunda-feira vamos ter de decidir ... ainda não está marcada, mas prontos ... não sei se viu ontem a reportagem no Sexta às 9 sobre os contratos do Sousa Cintra.

**E1 – Não, não. Estive a fazer uma entrevista.**

**R5** – Ontem ficamos já com trabalho para fazer pra próxima segunda-feira. Os contratos não têm tudo o que é necessário, não tem as... não tiraram as licenças de seguro e outras coisas e questionam bastante o terem assinado os contratos a quatorze dias de alguém sair e entrar um novo Governo como certas coisas que pelos vistos não estavam ainda em ordem.

**R5** – Respondendo mais um pouco à pergunta mais atrás sobre as atividades estamos a tentar preparar apresentações que estão, digamos, a curto prazo, mas também estamos a preparar a longo prazo. Estamos a tentar organizar uma acampada aqui em baixo. Estamos a entrar em contato mais direto com outras associações internacionais.

**E1 – Voltando um pouco atrás também. Considera que a PALP se pode considerar como um movimento social?**

**R5** – Sim, sem dúvida. A partir do momento que entram na cidade e conseguem passar essa mensagem, esses grupos sociais, é porque alguém os leva a sério, alguém que concorda com as suas ideias seja lá o que o grupo social for, mas sim, sem dúvida.

**E1 – Continua a fazer sentido a existência da plataforma?**

**R5** - Assim que a PALP alcançar o seu objectivo (prospecção de petróleo no Algarve) a Plataforma acaba, não fazendo sentido a sua continuação.

### **Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Em que contexto surgiu a presença da PALP no Facebook?**

**R5** – Desde o início. A partir do momento em que decidimos criar o e-mail, o Facebook, temos blogue, temos página também.

**E1 - Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?**

**R5** – Não existia nada. A primeira coisa foi criar o e-mail, o blogue e o Facebook logo.

**E1 - Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?**

**R5** – Contactamos por telefone, e-mail, no Facebook criamos também um grupo, mas aí dividem-se um bocadinho. Há quem faça nos dois, eu por exemplo, não vou tantas vezes ao Facebook faço mais pelo Gmail. Essas páginas é mais para falar talvez entre associações, mas com as pessoas individuais que comunicam mais pelo Facebook do que até nós associações digamos assim.

**E1 - Tendo como referência as manifestações de vontade em participar nos eventos, previamente anunciadas, como avalia a efetiva mobilização e participação em contexto real ou em contexto local desses seguidores?**

**R5** – Não, nunca corresponde. Depende um bocadinho também de qual é ação. Já tivemos (...) mas não. Nós temos, por exemplo, 5000 *likes* e digamos que as pessoas que venham pelo Facebook, talvez consiga chegar aos quarenta/cinquenta, depende também se na ação é importante estarmos todos, mas sim, há uma grande diferença mesmo. De facto, é muito importante... eu acho que é muito importante as pessoas participarem e irem ao local, mas o Facebook também serve para passar a mensagem mesmo que a pessoa não vá. Por exemplo, o que íamos fazer ... quando foi a petição, a assinatura da petição, ajudou imenso. Se calhar porque acabou por fazer... houve algo que teve muita importância. Houve alguém que colaborou com a PALP e fez um vídeo, ahh, e a seguir espalhou-se e foi bastante viral. O Facebook também ajudou nisso, a tornar esse vídeo viral e foi quando começamos a ter uma quantidade enorme de assinaturas na petição quase mais do dobro. E, por vezes no local não, mas noutras coisas se calhar ainda mais do que os 5000, foram bastantes em tão pouco tempo, ahh, conseguimos 7000 e tal assinaturas mais de 7000 e tal em muito pouco tempo, em dois/três meses. Só que queríamos mesmo avançar e esperar para termos mais assinaturas... atingimos. Ajudou imenso, Youtube, Facebook, ajudou imenso.

**E1 – Tem canal no Youtube?**

**R5** – Canal no Youtube não.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social tradicionais?**

**R5** – Não é muito boa não. Não há problema nenhum com a rádio. A rádio por acaso é mais aberta. A televisão é mais complicada. Pois, também se calhar também tem... não sei (...) mas ahh, aquilo que as pessoas... emitem pouco aquilo que as pessoas querem ver. Na televisão ultimamente tem sido mais para entretenimento e diversão do que realmente... prontos o telejornal acho que as pessoas continuam a ver, mas reportagens assim (...) como a de ontem (Sexta às 9) tornaram-se muito raras. Eu acho que as pessoas também têm culpa não só as televisões, as televisões sem dúvida, mas nós também estamos a ajudar um bocadinho o facto de não exigirmos deles um pouco de qualidade. Se calhar um Big Brother ou uma coisa assim, é um bocado complicado.

**E1 - Que meio de comunicação torna mais visível a vossa atividade? É o Facebook?**

**R5** – Talvez, sim.

**E1 – Nos jornais já saiu alguma coisa sobre a PALP?**

R5 – Já, já saiu. Mais no início na Visão, sim. Por exemplo, já saíram notícias a nível regional cá em Faro, saem sempre. Aqui na região sai sempre a informação. A nível nacional, prontos, só mais de vez em quando, como por exemplo, o furo que ouve ali no Alentejo, ah .... Na altura, quando saiu o primeiro comunicado que fizemos, quando criamos a plataforma houve vários jornalistas e a televisão a ligarem-nos, sim. Sim, as redes sociais, eu diria que sim. Eu diria que os jornais também mesmo que seja só a nível regional: o Sul Informação, o Diário do Algarve, o Barlavento. É muito importante as pessoas lerem (...) mas depois vai dar ao mesmo sítio, vai dar ao Facebook. Os jornais regionais estão no Facebook acaba por ir dar ao Facebook.

**E1 - Considera que existe um trabalho coletivo no que se refere às vossas atividades? Os vossos objetivos não se sobrepõem aos objetivos de outros grupos? O que trabalho é desenvolvido de forma articulada no sentido de unir esforços?**

R5 - Há mais um grupo ou dois. Temos mais um grupo em Lagos. Nós trabalhamos em conjunto. Os grupos de que lhe falei de Vila do Bispo e de Tavira não são PALP mesmo ... eu fiz logo a primeira reunião com Vila do Bispo. A ideia e é a minha opinião, eles não formaram PALP ... o grupo deles é mais local porque ajuda ... já viu o que era fazer reuniões em Faro, depois em Vila do Bispo, Tavira. Então eles fizeram o seu próprio grupo, eu até penso que deram um nome e tudo, mas não me lembro. Em Tavira chama-se Grupo em Transição, ou seja, não saíram, não vieram para dentro da PALP, não. Um já tinha grupo, o outro criou um grupo para falar também só do petróleo, mas estamos todos juntos, trabalhamos todos juntos e sempre que possível comunicamos com eles. Agora, no furo que estão a fazer em Aljezur, ah, ficamos um bocado intrigados em saber se era mesmo um furo, ah, a licença que foi pedida era para a água. Agora vimos ontem, e tivemos a confirmação na reportagem, mas também já sabíamos que a empresa que está a fazer isso é do Sousa Cintra e que pediu 150 metros e que agora pediu para fazer até 500 metros com a justificação de ir procurar qualquer coisa que não é preciso pedir pra fazer um furo de água. E então nós contactamos com as pessoas de lá, ah e tal vocês vão lá, vamos tratar disto. Sim, estamos em sintonia, não há problema nenhum.

**E1 - Têm algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais?**

R5 – Estamos em contacto com a Green Peace de Espanha, mas ah, ver se eles participavam connosco em algumas ações. Já tivemos também contacto com associações

do sul de Espanha que tiveram também com... principalmente com a iniciativa que eles fizeram e a experiência deles que tiveram nas Canárias. Entramos em contato com eles e sempre que possível trocamos ideias. Quando formos para a acampada entramos em contato com eles todos, tentar convidar todos e que todos participem. Mas neste momento sim, neste momento nós estamos mais virados para contactar as internacionais. Começou local, depois nacional e agora vamos para o internacional.

**E1 - E com as organizações mais institucionalizadas, como os sindicatos e partidos políticos?**

**R5** – Há pessoas que pertencem a um ou outro partido político, mas ultimamente temos trabalhado com alguns, aliás, pediram-nos bastante informação quando começaram a avançar com isto na Assembleia principalmente a fazerem perguntas e a questionarem sobre o tema e a contactaram-nos, nós também os contactamos para reunir com todos e sim, fizemos reuniões. Fizemos reuniões com o PAN, com o BE, com o PS, não quero mentir, mas acho que o único que não respondeu foi o CDS. O PSD agora não tenho a noção se fizemos reunião ou não, mas e depois reunimos aqui também com os deputados que representam o Algarve e também com o Presidente da Câmara que depois avançaram para a contestação. Foi o que aconteceu também com... enviámos também convite ao Turismo para virem ter connosco, reunimos com a associação dos pescadores, eu acho que agora, neste momento, estão todos no mesmo barco não há ninguém, pelo menos não tenho conhecimento de alguma associação que já não se tenha pronunciado contra a exploração. Associações, empresas, partidos, mas prontos, partidos, mas aqui no Algarve até os partidos estão todos unidos, só em Lisboa é que me parece que não.

**E1 - Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página?**

**R5** – Por norma penso que não, nenhuma.

**E1 - Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor? Porquê?**

**R5** – Até agora não. Sei que há alguns que utilizam uma linguagem pouco agradável, mas não, nunca o fizemos.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-Atividade dos Seguidores**

**E1 - Quantos seguidores têm a vossa página?**

**R5** – 5.588 até ontem em menos de um ano.

**E1 - Qual é o recurso mais utilizado pelos vossos seguidores? Comentários, imagens, vídeos?**

**R5** – Mais comentários. Depois também se tornam um bocadinho PALP porque pesquisam e colocam também nos comentários alguns links a falar sobre o assunto, mas mais comentários, imagens e vídeos também. Fizemos uma ação em que o Facebook foi bastante participativo. Foi quando pedimos a alguém para fazer um vídeo ou enviar uma fotografia ou fazer um vídeo em que chamámos Rasga os Contratos. Então as pessoas tinham ... disponibilizamos várias frases em que as pessoas pegavam e filmavam-se com essas frases ou tiravam uma fotografia ou fizeram ... mas a ideia não era rasgar mesmo os contratos mas as pessoas rasgaram mesmo, a ideia foi fantástica e fizeram-no o mesmo. E quando pedimos ações no Facebook temos bastante participação.

#### **Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1 - Como perceciona o papel da sátira, humor, cartoons e caricaturas, na ação do movimento? Recorrem a eles com que frequência? E com que finalidade?**

**R5** – Não, não é a nossa prioridade, mas de vez em quando sim. Já tivemos uma ação destas, sim e querer juntar as frases que certas pessoas diziam e que nós achávamos cómicas e juntá-las e fazer um vídeo com elas, mas de resto não, não costumámos ir por esse caminho. Para passar a mensagem tenho a noção que é eficaz.

**E1 - Fazem uso de outros meios, que extravasem o Facebook? Nomeadamente cartazes, murais, grafitis? Como conseguem mobilizar financiamento para estes meios?**

**R5** – Sim, fazemos e é tudo voluntário.

**E1 - Considera que o recurso a esta forma de expressão na sua utilização/expoente máximo não deve ter qualquer tipo de restrição?**

**R5** – Não, não, acho que não. Podemos não concordar, mas não. A partir do momento em que discutimos o que é o limite, se é mais para cima, se é mais para baixo, uns acham que é mesmo muito em baixo ou muito em cima, não, acho que as pessoas têm que entender que a opinião é de cada um e se alguém se sentir ofendido, pois segue o caminho normal, há tribunais, portanto.

Masculino 42 anos

Solteiro

Portuguesa

Faro

Empregado

Turismo

Não-estudante

**Transcrição da Entrevista (00:35:16)**

**E1 – Adriana Sousa**

**R6 – João Vilela**

**Movimento Sem Emprego (MSE)**

Data: 24.04.2016

Hora: 15h – 15.40h

Através de Vídeo Chamada do **Facebook**



## **Parte II – Organização do movimento**

**E1 – Olá João antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?**

**R6 –** Fiz e faço parte do PCP.

**E1- E os seus colegas do movimento?**

**R6 –** Eu era o único do PC que estava lá, o resto era mais gente trotskista, por aí. O único do PC era eu.

**E1 - Como é que surgiu o movimento?**

**R6 –** Em Lisboa criado pelo Renato Teixeira e pelo Coletivo Rubra (CR) e acho que é o pessoal do CR que é o MSE. Na altura considerou-se que não havia uma organização de desempregados, não houve e não há uma organização em nome dos desempregados, portanto, nessa altura decidiu-se que era importante fazer uma. Nessa época era trabalhador precário numa escola a recibos verdes e a possibilidade de me tornar desempregado era iminente. Portanto, achei que fazia sentido juntar-me ao MSE por causa disso. Quando fiquei desempregado continuei no MSE embora, o MSE já esteja mais ou menos liquidado desde 2013 praí.

**E1 - Identifique um ou vários dos principais objetivos do movimento.**

**R6 –** Na altura era o reconhecimento e o cumprimento do direito ao trabalho. O desemprego era por volta dos vinte e tal por cento que era a taxa real. Ainda hoje os números é uma brincadeira que continua a ser feita entre os números reais e os formais do desemprego. Na altura, o desemprego era elevado tal como é agora. O direito ao

trabalho está legalmente consagrado. As pessoas deviam ter postos de trabalho ou criar postos de trabalho, não postos de trabalho precários como eu estava nessa altura, mas postos de trabalho efetivos, com direitos onde houvesse o cumprimento da lei que é o Código de Trabalho.

**E1 - Quantos elementos compõem o movimento?**

**R6** – Um dez pessoas quando muito. Depois há uma capacidade de arrastamento (...) que é uma coisa comum... eu também participei noutros movimentos como o Geração à Rasca, ou a Acampada, nisto e naquilo, e geralmente o processo é muito parecido. Há um conjunto de pessoas que fazem parte daquilo que se poderia chamar de “o campo da esquerda” que participam nestas organizações e iniciativas desta natureza. Quando é convocada uma manifestação essas pessoas aparecem e quando é convocada uma vigília também vão, ou uma concentração, enfim. Depois há um grupo de pessoas de um campo político por assim dizer que é passível de ser arrastado pra iniciativas que são feitas por estas organizações.

**E1 - Existe algum ou alguns líderes(es) no movimento?**

**R6** – Um líder nomeado não existia. Há pessoas que tem mais protagonismo por várias razões, mas um líder dentro do movimento, isso não existia.

**E1 - O grupo de administradores já se conheciam anteriormente?**

**R6** – Eu conhecia do Facebook alguns elementos do movimento designadamente um que era bastante ativo e que era com quem me dava muito bem que era o Renato, o Renato Teixeira. E o resto fui conhecendo por causa do MSE. À medida que o Renato começou a publicar posts e textos sobre o movimento eu fiquei interessado e decidi participar e comecei a conhecer o resto das pessoas. Aliás, o núcleo do Porto que eu conhecia são fundamentalmente pessoas que eu convidei para participar, já as conhecia de outras andanças.

**E1 - A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R6** - Não, Não. O MSE como dizia neste momento já está liquidado, não existe, não tem atividade há mais ou menos três anos.

**E1 – Mas nunca tiveram essa pretensão?**

**R6** – Não. Até porque na altura algumas pessoas que estavam no movimento já tinham partido político, outros não tinham, outros não queriam ter, portanto, criar um partido político a partir de um movimento nunca se colocou. Admito que possa ter havido pessoas que pensaram nisso, mas nunca perguntei a ninguém, nunca me pareceu que houvesse essa pretensão coletiva de fazer isso, nunca teve em cima da mesa.

**E1 – João consideras que o MSE, ou outros grupos que existem no Facebook se podem considerar um movimento social.**

**R6** – Sim. Eu diria que são uma coisa mais elaborada do que isso. O que é que eu quero dizer com isso. Eu acho que há um setor da população e mais concretamente o setor da classe trabalhadora que não tem uma organização que é a juventude precária. Não é devidamente representada nem pelo movimento sindical e nem propriamente pelos partidos políticos de esquerda. Também não têm propriamente uma forma de enquadrar e organizar este setor. Este setor fica mais ou menos à deriva e com situações complicadas, quer por situações laborais, quer por situações pessoais que são consequência da precariedade. Não conseguem ter uma casa, dividem uma com três ou quatro pessoas, não conseguem constituir família, não conseguem ter filhos, não conseguem autonomizar-se definitivamente dos pais. Começam e precisam de intervir politicamente, não porque tenham uma grande politização, basicamente a política mete-se pela vida delas adentro através das relações de trabalho que tiveram e as consequências todas que isso acarreta. Então precisam de (...), precisam de participar, isto é inviável uma vida assim, é insuportável e então, têm tentado, tentado ao longo dos últimos anos criar organizações que lhes permitam contrabalançar essa situação. Não tem sido especialmente bem-sucedidas também é preciso reconhecer até agora, Geração à Rasca, Que Se Lixe a Troika, Movimento Sem emprego, Acampadas, etc., tem sempre acabado em nada. Não se tem retirado grande coisa daí, mas creio eu que é mais ou menos impossível que esta fração de população não faça coisa nenhuma porque não me parece que vá aceitar passivamente tudo isto. Ou um partido político que queira aceitar passivamente tudo isto, creio que é por causa disso que tem surgido estas organizações.

**E1 - Com que frequência se reúnem?**

**R6** – Na altura, por Skype, Chat do Facebook com alguma regularidade. Mais ou menos por semana ... quer dizer, estávamos sempre em contacto pelo Facebook bastava termos conexão à Internet e trocávamos ideias e conversávamos. A ideia de reuniões regulares

quando há pessoas sentadas à volta da mesa e quando há um núcleo no Porto e outro em Lisboa não é muito fácil. Os contactos eram mais por net do que presencialmente.

**E1 – Atualmente a página sendo assim serve mais para partilhas, divulgação...**

**R6** – Atualmente é o que se passa, visto que, a atividade autónoma do MSE basicamente não existe.

**E1 – Alguma vez organizaram um evento, uma manifestação ou uma ação de rua?**

**R6** – Sim. Foi uma manifestação pelo direito ao trabalho. Foi em 2012 se a memória não me falha, praí em junho, não tenho a certeza, mas foi a única ação de rua que fizemos na altura. Não foi especialmente bem conseguida, foram umas quarenta pessoas que participaram no Porto e em Lisboa foram umas cem. Foi à escala do que já se viu nestes movimentos inorgânicos, mas fizemos o possível naquela altura e pronto (...).

**E1 – Foi na altura de 2011 em que o Geração à Rasca fez a grande manifestação?**

**R6** – Sim, nessa fase em que havia muitas manifestações, muitas ações a decorrer e infelizmente essas, em concreto a do MSE foram fraquitas, não foram grande coisa.

**E1 - Há iniciativas propostas pelos seguidores? Algum evento?**

**R6** – Não, não que eu tenha conhecimento.

**E1 – Então neste contexto, faz sentido a página do MSE no Facebook?**

**R6** – Sim, para a partilha de informação. Temos também arquivo de coisas que fizemos e tudo isso.

**E1 – Na página pelo que estive a consultar depreendo que é muito ou era direcionado para o emprego, o desemprego e a precariedade daí a minha questão anterior. Se não fazia sentido continuarem a atividade do MSE até porque os temas que referi continuam a estar em cima da mesa.**

**R6** – Na altura por razões (...) isto também tem a ver com a dinâmica interna do movimento. Na altura a questão nem foi tanta a disponibilidade. Na altura houve de facto atritos entre as pessoas dentro do movimento, não interessa estar a falar dos detalhes, mas houve divergências, houve discussões, houve problemas que levaram a ... por isso é que o MSE parou a atividade, ou seja, começaram a surgir fricções internas, algumas políticas, outras nem por isso, mas continuo a achar que sim. O movimento dos desempregados é

fundamental, porque um segmento da população está completamente sem representação, completamente sem organização, portanto, era fundamental que se organizasse alguma coisa, mas não está em cima mesa fazer-se isso. Não sei como é que a coisa poderia decorrer, o MSE poderia sim, voltar a reativar a atividade.

### **Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?**

**R6** – Só no Facebook. Havia um site do MSE, não sei se ainda existe, penso que era o [www.movimentosememprego.info](http://www.movimentosememprego.info) mas penso que foi liquidado depois. (verifiquei e confere)

**E1 - Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?**

**R6** – Essencialmente por mensagem privada do Facebook.

**E1 - Que diferenças considera que o Facebook tem face a outros meios de mobilização?**

**R6** – Pelo menos permite duas coisas, isso eu noto que é .... Permite esta coisa de contacto em permanência, e consigo estar ... se eu quiser falar daqui por cinco minutos com uma pessoa com quem estou a trabalhar numa organização. Tem outra coisa, eu consigo aceder a muito mais pessoas do que se estivesse a falar no meio da rua ou no meu círculo de amigos. Tem um efeito de desmultiplicação bastante grande que é interessante.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social tradicionais?**

**R6** – Já assisti a cenas na altura da Geração à Rasca, por exemplo, de a cobertura ter sido uma coisa quase absurda. Parece que nunca tinha havido uma manifestação, quer dizer, havia umas trinta ou quarenta entrevistas, jornais, televisões a perguntar como é que ia ser, como é que não ia ser. Na altura achei mais ou menos esquisito a quantidade de entrevistas e de contactos diários que aquilo gerou, não fazia muito sentido. Também já vi o contrário, já vi organizações e iniciativas que ninguém falou, como por exemplo, esse de que eu falei do MSE que ninguém falou sobre o assunto, portanto, não sei às vezes é ... acho que a comunicação social funciona mais ou menos... se achar piada à iniciativa vão falar muito daquilo ou se for uma novidade, ou se for... não sei, acho que é por aí. O

GR era uma coisa nova, uma coisa mais ou menos interessante. Tinha um nome engraçado e não sei o quê e geralmente é por esses motivos que a coisa tem alguma repercussão. Quando não há isso, o MSE não tem um nome espetacularmente inovador como o Que Se Lixe a Troika. Não éramos uma coisa telegénica que vendia na televisão, portanto, poderá ter sido por isso. Também não quero estar a ser injusto desnecessariamente, mas poderá ser por aí.

**E1 - Considera que os objetivos do movimento se sobrepõem aos objetivos de outros movimentos existentes? Alguma vez tentaram lutar dentro de organizações e/ou partidos já existentes, como forma de unir esforços? Porquê?**

**R6** – Há muitos grupos no Facebook. Para mim não há qualquer problema que existam vários grupos, a mim não me chateia. Acho sim, que as pessoas podem-se organizar como entenderem. Agora sim, há grupos que são redundantes, grupos que estão a dizer basicamente a mesma coisa e perspetivas sobre os mesmos assuntos, mas prontos, há muitas coisas que interferem nisso. Há problemas de incompatibilidades pessoais, nalguns casos incompatibilidades partidárias ou de outra ordem qualquer, isso acontece e pode comprometer. Mas acima de tudo eu acho que não é muito a divisão de esforços, os esforços estão a ser feitos por esses grupos que mais ou menos são iguais, nenhum deles está a propor nada de especialmente diferente do que os outros todos estão a fazer. Não há muitas diferenças entre um grupo e outro, mas também não há nenhuma consequência prática nem da iniciativa de um nem de outro. Quer dizer, estão sem grandes sucessos para apresentar, possivelmente porque estão a apostar em formas de luta que estão esgotadas. Estão sistematicamente a propor a fazer blogues próprios, a fazer manifestações sobre o 25 de Abril e sobre o 1º de Maio, depois são as petições à Assembleia da República. São acções de luta que já foram testadas e que não funcionam, estão esgotadas. O problema não é a divisão de esforços, é estar-se a repetir formas de luta que já não funcionam e que não estão a funcionar. Acabou o tempo em que isso funcionava.

**E1 - Têm algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais? E com as organizações mais institucionalizadas, como os sindicatos e partidos políticos?**

**R6** – Instituições do Estado não me recordo, mas com movimentos nacionais tínhamos em permanência. Como eu estava a dizer há pouco o Renato Teixeira e algum pessoal do

MSE que era da RUBRA, eu era do PCP, tínhamos um membro que era do Guilhotina.info, ou seja, as pessoas que fazem parte destes movimentos já fazem parte de outros movimentos também. O contacto com outros movimentos é inevitável porque tu fazes parte de vários. Não conheço ninguém que só faça parte de uma coisa, nem nessa altura, nem agora, portanto, há uma espécie de ... essas coisas acontecem naturalmente. Estes contactos com estes movimentos, quando estás nestas andanças vais conhecendo agora este, aquele e depois outro, ou seja, vais construindo uma rede de contactos. Quanto a instituições do Estado na altura não tínhamos e isso era mais ou menos uma questão de princípio. O movimento sindical, eu conhecia sindicalistas cheguei a falar com eles mas não era uma relação orgânica, não.

**E1 - Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página? Ou a bloquear algum seguidor?**

**R6** – Não tenho memória, penso que não.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-Atividade dos Seguidores**

**E1 - Quantos seguidores têm a vossa página?**

**R6** – Não tenho ideia.

**E1 - Como perceciona a participação dos seguidores, no que toca à vossa página no Facebook? Acha que existe uma diferença entre o número de gostos virtuais e a presença em contexto real?**

**R6** – Sim, na altura havia muito mais gostos do que pessoas. Quanto à página é o normal, tens pessoas que concordam contigo, outras que discordam. Há claramente esse desfasamento.

#### **Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1 - Como perceciona o papel da sátira, humor, cartoons e caricaturas, na ação destes movimentos?**

**R6** – Muito importante. Como sabemos a imagem é mais apelativa do que o texto e inevitavelmente chama mais a atenção das pessoas.

**E1 – Considera que esta forma de expressão é eficaz?**

**R6** - Sim, sem dúvida.

**E1 - Considera que o recurso a esta forma de expressão na sua utilização/expoente máximo não deve ter qualquer tipo de restrição?**

**R6** – Na minha opinião não deve ter qualquer restrição no seu uso.

Masculino

28 anos

Solteiro

Portuguesa

Lisboa

Empregado

Precário

Não Estudante

Mestrado

História

## **Transcrição da Entrevista (00:35:12)**

**E1 – Adriana Sousa**

**R8 – Joana Dias**

**Academia Cidadã**

Data: 01.06.2016

Hora: 19h – 19.40h

Local: Skype



### **Parte II – Organização do movimento**

**E1 – Joana, considera que a vossa associação se pode considerar um movimento social?**

**R8 –** Não considero a associação um movimento social, mas sim, que faz parte de um movimento social, que está a acontecer por todo o lado, que é as pessoas organizarem-se, arregañarem as mangas e começarem a resolver os seus problemas com as suas próprias mãos.

**E1 – Antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?**

**R8 –** Sim, sócia mesma (...) cheguei a ir a algumas reuniões de algumas associações, desde o SOS Fascismo, sei lá ..., sempre participei nesse tipo de iniciativas.

**E1 – Como se posiciona em termos ideológicos?**

**R8 –** Mais de esquerda.

**E1 - Como é que surgiu a associação?**

**R8 -** Eu não estava na fundação da associação, juntei-me talvez seis meses depois de ter sido fundada a associação. A associação aparece na sequência do protesto do Geração à Rasca (GR), portanto, as pessoas que fundaram a associação são as mesmas que organizaram o protesto do GR em 2011. Ah, e, portanto, eles pensaram na associação tanto quanto sei, porque se aperceberam que apesar de ter havido imensa gente a sair para a rua e exigir melhores condições laborais, de vida, de emprego, etc., pouco ou nada mudou, na altura, na orientação das políticas, pelo contrário, as coisas foram piorando e

então eles acharam que era preciso que fossem os cidadãos a controlar essas políticas ou pelo menos estarem mais próximas delas para puderem fazer mais pressão e pra isso precisam de estar mais conscientes do seu papel na sociedade.

**E1 – Em que ano foi criada a associação?**

**R8** – Em Maio de 2012.

**E1 - Quantos elementos compõem a associação?**

**R8** – Bastante flutuante porque são todos voluntários e tem as suas vidas cada um, não é, mas diria que ... assim mais próximo do núcleo central seria entre 10 a 15 pessoas e depois podem ser uns 30 ... não sei dizer. Nós temos uma mailing list que tem mais de 100 pessoas, de vez em quando aparecem e isso não é fácil.

**E1 - Existe algum ou alguns líderes(es) nesse movimento?**

**R8** – Não. Somos uma associação e uma organização absolutamente horizontal. Partilhamos responsabilidades, tarefas, ah, uma das coisas que fazemos na nossa associação é a confiança, a transparência, a honestidade, são valores que nós acreditamos que é difícil de viver sem eles e, portanto, é impossível também trabalhar sem eles.

**E1 - O grupo de administradores já se conhecia anteriormente?**

**R8** – Não, eu não os conhecia anteriormente. Tanto quanto sei haviam duas pessoas que se conheciam antes do protesto GR que era o João e o Alex que eram colegas de faculdade e mais tarde é que conheceram o resto das pessoas através do protesto GR. E foi com essas que quiseram juntar-se á iniciativa e depois criou-se a associação. Eu contactei-os porque vi uma notícia num jornal qualquer on-line a dizer que ia ser criada uma academia para a cidadania. E eu pensei, olha deixa ver o que é e então contactei-os.

**E1 - A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R8** - Não. A associação tem como finalidade ser uma associação, ou seja, nós não somos nem de esquerda nem de direita, isso é logo uma coisa importante, ah, agora, o que nós defendemos e que está na nossa carta de valores e que traz uma série de artigos da Constituição da República Portuguesa (CRP), da Carta dos Direitos Humanos..., e, portanto, logo aí os direitos humanos são um princípio para a nossa associação. Se os direitos não forem postos em causa qualquer pessoa se pode juntar à nossa associação. O

nosso objetivo é impulsionar a cidadania ativa de sustentabilidade social, económica e ambiental. Empoderar as pessoas e organizações no exercício do aprofundamento da democracia.

**E1 - As vossas atividades têm a capacidade para mudar a situação política? Porquê?**

**R8** – É bastante difícil medir exactamente o que é que se obtém porque a nossa atividade ao contrário das outras atividades, ah, como por exemplo, agora sei lá... esta história de ajudar os refugiados. Os resultados são muito mais fáceis, muito mais palpáveis. Neste caso é sempre difícil saber como teria sido... nós não temos comparação..., mas o último projeto que nós desenvolvemos sobre a questão da gentrificação e do turismo em Lisboa e que desenvolvemos nos últimos meses com mais força, a verdade é que antes de começar não havia informação em lado nenhum sobre este problema. Parecia que estava a ser escondido ou que estava invisível e agora fala-se do problema. Achamos que ajudamos em abrir essa discussão, agora, até que ponto é difícil de dizer.

**E1 - Com que frequência se reúnem?**

**R8** - São regulares. Fazemos reuniões gerais talvez uma vez por mês mais ou menos e depois fazemos reuniões de trabalho conforme as necessidades. Temos alguma dificuldade em planear a longo prazo porque não temos financiamentos ou quase não temos financiamentos. Realmente é difícil fazer este planeamento a longo prazo é mais a curto prazo.

**E1 – Trabalha alguém a tempo inteiro na associação?**

**R8** – É conforme a disponibilidade de cada um, mas não temos ninguém pago.

**E1 - Há delegação de responsabilidades e de tarefas?**

**R8** – Não, porque isso significa que alguém tem mais responsabilidades do que outras. Existe partilha de tarefas.

**E1 - Quais são as atividades que tem neste momento a decorrer/que estão previstas?**

**R8** – Não, neste momento não. Agora assim .... Temos atividades sim, mas não vai ser em Portugal. Agora, por exemplo, vai haver uma série de eventos internacionais e, por exemplo, eu vou estar pra semana ausente em Bucareste, depois vou estar no Festival de Arte, Cultura e Política em Sevilha, mas assim em Portugal não temos nada previsto para agora.

**E1 - Continua a fazer sentido a existência do movimento?**

**R8** – Sim, continua a fazer muito sentido.

### **Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?**

**R8** – Começamos pelo Facebook, na mesma altura que foi criado o blogue. Foi ao mesmo tempo.

**E1 - Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?**

**R8** – Utilizamos mensagem privada do Facebook, o e-mail. Em trabalho colaborativo utilizamos uma plataforma on-line e temos grupos fechados no Facebook.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social de massas?**

**R8** – Sim, temos alguma cobertura. Quer dizer em termos absolutos é má, mas isso é porque a comunicação social hoje em dia é péssima. Passam coisas que não interessam a ninguém. Agora, não nos podemos queixar. Já foram feitas algumas peças à volta das nossas atividades e à volta da nossa associação.

**E1 - Como percecionam o papel destes meios de comunicação, seja na cobertura da atividade do vosso movimento, seja na cobertura dos demais?**

**R8** – Por exemplo, agora para o tal projeto de gentrificação foi feita uma entrevista ao promotor, ao nosso parceiro, mas antes disso tínhamos feito uma série de eventos sobre a cidade e sobre a segurança e enviámos uma nota de imprensa e não saiu nada. Não sei, acho que depende do tema e se interessa ou não à comunicação social. Ou seja, não nos sentimos excluídos ou privilegiados em relação às outras associações, acho eu.

**E1 - Que meio de comunicação torna mais visível a vossa atividade? Porquê?**

**R8** – O Facebook tem como finalidade partilhar as nossas atividades e divulgar a informação. O blogue tem como finalidade essa função também, mas tem sobretudo uma função de guardar esses dados de uma maneira mais estável. Eu diria que o Facebook é mais dinâmico, atrai mais a atenção das pessoas e depois o blogue está ali para as pessoas verem o que é que já passou e o que virá.

**E1 - Considera que os objetivos do movimento se sobrepõem aos objetivos de outros movimentos existentes? Alguma vez tentaram lutar dentro de organizações e/ou partidos já existentes, como forma de unir esforços? Porquê?**

**R8** – Não. Eu acho que não queremos centralizar nada. Ah, somos a favor do pluralismo. Devem existir vários grupos cada um a defender aquilo que acha que é a sua luta.

**E1 - Têm algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais?**

**R8** – Sim, aliás são esses contactos internacionais que nos permitiram até agora ter algum reconhecimento a nível nacional e até político.

**E1 - E com as organizações mais institucionalizadas, como os sindicatos e partidos políticos?**

**R8** – Temos como princípio não estar ligados a nenhum partido político ou religião enquanto organização, aliás, está nos nossos estatutos.

**E1 - Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página?**

**R8** – Não.

**E1 - Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor? Porquê?**

**R8** – Não, não tenho conhecimento.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-Atividade dos Seguidores**

**E1 - Quantos seguidores têm a vossa página?**

**R8** – Cerca de 4.000 e tal seguidores.

**E1 - Tendo como referência as manifestações de vontade em participar nos eventos, previamente anunciadas, como avalia a efetiva mobilização e participação em contexto real ou em contexto local desses seguidores?**

**R8** – Temos claramente a noção de que existe uma discrepância entre o número de pessoas que colocam que vão aos nossos eventos e aqueles que aparecem efetivamente.

**E1 - Auscultam os vossos seguidores? Auscultam outros movimentos sociais na definição dos objetivos e eventos/iniciativas levados a cabo pelo movimento?**

**R8** – Sim, sim. Seguidores e não só. Se houver pessoas que nós achamos que estão dentro do assunto que nós queremos tratar, que são mais capazes do que nós ou tem um conhecimento sobre determinado aspeto, sim. Estamos sempre à procura de pessoas que nos possam ajudar a melhorar.

### **Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1 - Como percebe o papel da sátira, humor, cartoons e caricaturas na ação do movimento? Recorrem a eles com que frequência? E com que finalidade?**

**R8** – Sim, recorremos à sátira. Fizemos uma brincadeira dessas numa ação de rua.

**E1 - Fazem uso de outros meios, que extravasem o Facebook? Nomeadamente cartazes, murais, grafitis? Como conseguem mobilizar financiamento para estes meios?**

**R8** – Nós temos quotas. Mas o financiamento vem de donativos.

**E1 - Qual a eficácia desta estratégia ou forma de expressão? Tem influência na capacidade de mobilização no seio do seu movimento?**

**R8** – Sim. Sabemos que é muito eficaz.

**E1 - Considera que o recurso a esta forma de expressão na sua utilização/expoente máximo não deve ter qualquer tipo de restrição?**

**R8** – Não. Na nossa carta de valores está escrito que todas as pessoas têm direito à informação e à liberdade de expressão, opinião e informação.

38 anos

Divorciada

Portuguesa

Queluz

Desempregada

Licenciada em artes

Mestre em educação intercultural

**Transcrição da Entrevista (00:35:10)**

**E1 – Adriana Sousa**

**R7 – Joana Louca**

**Precários Inflexíveis**

Data: 31.05.2016

Hora: 22h – 22.40h

Local: Skype

## **Parte II – Organização do movimento**

**E1 – Joana, considera que o vosso movimento que está presente no Facebook se pode considerar um movimento social?**

**R7 –** Penso que sim. Porque os Precários Inflexíveis (PI) não existem só na Internet também tem uma estrutura física que convoca ações de rua, que tem contactos com as pessoas, reuniões abertas, portanto, acho que sim.

**E1 - Como é que surgiu o movimento?**

**R7 -** Sim. Na preparação do 1º Maio, uma parada dos PI em 2007, penso eu. Pouco tempo depois disso os PI começaram como um movimento informal e depois há cerca de quatro anos tornou-se uma associação que mudou o nome para Associação de Combate à Precariedade dos Precários Inflexíveis. Quando surgiu a conta no Facebook não tenho a certeza.

**E1- Como se posiciona em termos ideológicos?**

**R7 –** De esquerda. No geral somos de esquerda, mas há várias pessoas, simpatizantes de vários partidos políticos.

**E1 – Antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?**

**R7 –** Eu fui do MATA (Movimento Anti Tradição Académica) que é um grupo anti praxe que havia cá em Lisboa. Era de várias universidades, portanto, também era um movimento social.

**E1 - Identifique um ou vários dos principais objetivos do movimento.**

**R7** – São inflexíveis. Temos um objetivo geral que é combater a precariedade em todas as suas formas e depois em termos mais específicos há grupos de trabalho, por exemplo, há um grupo de bolseiros, um grupo de trabalho temporário, um grupo de recibos verdes, um grupo de jurídico. Então, cada grupo faz um trabalho muito específico, mas depois, além disso, a associação também tem um trabalho conjunto que é sobre a precariedade.

**E1 - Quantos elementos compõem o movimento? Existe algum núcleo duro?**

**R7** – Não. Vai variando muito com o tempo porque a maioria das pessoas tem vínculo precário. Numas alturas temos mais disponibilidade, noutras temos menos.

**E1 - Existe algum ou alguns líderes (es) no movimento?**

**R7** – Não. Há uma direção que é eleita. Desde que nos tornámos associação passamos a ter uma direção que tem doze pessoas, mas basicamente o funcionamento é através de reuniões abertas e a direção trata mais das questões funcionais e práticas.

**E1 – A vossa relação é horizontal?**

**R7** – Exato.

**E1 - O grupo de administradores já se conhecia anteriormente?**

**R7** - Já conhecia algumas pessoas. Muitas pessoas vêm ter connosco porque já ouviram falar de nós através das redes sociais.

**E1 - A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R7** – Não, não ☺

**E1 - As vossas atividades têm a capacidade para mudar a situação política? Porquê?**

**R7** – Já. Fizemos, por exemplo, mais paradigmático é uma iniciativa legislativa de cidadãos que fizemos em que recolhemos 40.000 assinaturas com proposta de três projetos de lei. Uma sobre as empresas de trabalho temporário, outra sobre contratos a prazo e outra sobre falsos recibos verdes. Essa iniciativa legislativa foi aceite na assembleia, no parlamento, foi discutida no parlamento e depois discutida na comissão o que originou a Lei 63/2013 que é a do combate aos recibos verdes. O exemplo bastante prático é esse. Através das nossas atividades conseguimos promover uma alteração

legislativa e que apesar de não ser perfeita ajudou a melhorar a vida das pessoas a recibos verdes. Lentamente, mas sim.

**E1 - Com que frequência se reúne?**

**R7** – Uma vez por mês.

**E1 - Há delegação de responsabilidades e de tarefas?**

**R7** – Sim.

**E1 - A informação que partilham na página do movimento é composta maioritariamente por: informação sobre a orientação e objetivos das vossas ações, partilha de notícias e artigos de opinião, partilha de imagens, vídeos ou informação sobre outros movimentos. Acham que este tipo de reportório funciona para os vossos seguidores?**

**R7** – Sim. Nós temos muita atividade na página. Até há um ano atrás fazíamos mais produção de conteúdos próprios. Agora, por razões diferentes estamos mais parados, mas a nossa página de Facebook continua a ser o nosso principal meio de comunicação pra fora.

**E1 - Há iniciativas propostas pelos seguidores? Pode indicar algum exemplo?**

**R7** – Sim. Estamos atentos aos comentários e se virmos que tem fundamento falamos em reunião.

**E1 - Sente que o movimento tem conseguido alcançar os objetivos iniciais traçados?**

**R7** – É muito difícil porque os nossos objetivos são bastante ambiciosos.

**E1 - Quais são as atividades que tem neste momento a decorrer/que estão previstas?**

**R7** – Estamos às segundas-feiras com horário de atendimento para as pessoas que tiverem dúvidas. Na próxima semana temos um lançamento de um livro sobre lobbying laboral com o autor do livro e um testemunho.

### **Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?**

**R7** – Existíamos no blogue e continuamos a existir. O blogue é os [precarios.net](http://precarios.net). O Twitter está bastante parado.

**E1 - Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?**

**R7** – Mailing list.

**E1 - Que diferenças considera que o Facebook tem face a outros meios de mobilização?**

**R7** - Ajuda bastante. Ajuda a divulgar as iniciativas, a tornar as coisas virais, a partilhar informação de uma forma bastante rápida, mas o ativismo no Facebook por si só está limitado. O trabalho que nós fazemos não pode ser meramente virtual. As nossas ações de protesto têm que ser físicas.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social de massas?**

**R7** – Temos tido uma cobertura bastante razoável. Quando fazemos, lançamos comunicados de imprensa e como os PI já são um nome mais ou menos conhecido pelas questões da precariedade, às vezes eles próprios têm a iniciativa de nos telefonarem para saber determinadas tomadas de posição sobre estas questões. Agora, poderia ser sempre melhor.

**E1 - Considera que os objetivos do movimento se sobrepõem aos objetivos de outros movimentos existentes? Alguma vez tentaram lutar dentro de organizações e/ou partidos já existentes, como forma de unir esforços? Porquê?**

**R7** – Nas questões da precariedade, não tenho conhecimento, pelo menos, de qualquer outro movimento que aborde estas questões da precariedade como nós. Os sindicatos começaram há pouco tempo a tratar dessa matéria de uma forma setorial, mesmo os sindicatos um bocadinho mais alternativos como o sindicato dos call centers. O que nós tentamos é sempre juntar pessoas de áreas diferentes e ter iniciativas com elas. Com isto, não quer dizer que, os movimentos não possam fundir-se num só, mas a riqueza de cada um eles ganham pela sua diversidade, neste caso concreto, agora, noutras áreas se calhar não faz tanto sentido.

**E1 - Têm algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais?**

**R7** – Sim, temos.

**E1** - **Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página?**

**R7** – Não.

**E1** - **Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor?**

**R7** - Sim. Penso que já aconteceu. Pessoas que só iam lá insultar e que não iam lá trocar ideias.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-Atividade dos Seguidores**

**E1** - **Quantos seguidores têm a vossa página?**

**R7** – Cerca de 16.000.

**E1** - **Tendo como referência as manifestações de vontade em participar nos eventos, previamente anunciadas, como avalia a efetiva mobilização e participação em contexto real ou em contexto local desses seguidores?**

**R7** – Sim.

#### **Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1** - **Como perceciona o papel da sátira, humor, cartoons e caricaturas na ação do movimento? Recorrem a eles com que frequência?**

**R7** – Sim, sim.

**E1** - **Qual a eficácia desta estratégia ou forma de expressão? Tem influência na capacidade de mobilização no seio do seu movimento?**

**R7** – Acho que é eficaz. Quer dizer, é uma das formas. Há formas diferentes de passar diversas mensagens e essa é uma forma que é válida.

**E1** - **Considera que o recurso a esta forma de expressão na sua utilização/expoente máximo não deve ter qualquer tipo de restrição?**

**R7** – Não. Deve estar limitado pelo bom senso das pessoas.

**E1** - **Fazem uso de outros meios, que extravasem o Facebook? Nomeadamente cartazes, murais, grafitis? Como conseguem mobilizar financiamento para estes meios?**

**R7** – O nosso financiamento vem das quotas que os nossos associados pagam. Com esse dinheiro conseguimos comprar esses materiais. Não temos qualquer tipo de financiamento externo.

**E1** – **Qual o valor da quota?**

**R7** – o preço mínimo é um euro por mês, ou seja, doze euros por ano.

**E1** – **A associação só existe em Lisboa?**

**R7** – Não, existe também no Porto.

32 anos

União de facto

Portuguesa

Lisboa

Empregada

Investigadora

Licenciada em Biologia

A frequentar Doutoramento em Sociologia

## Transcrição da Entrevista (01:45:39)

### RiseUP Portugal

**E1 – Adriana Sousa**

**R4 – João Henriques**

Data:08.04.2016

Hora: 21h – 21.50h

Local: Através de **Skype**

**E1 - Olá R4.**

**R4 -** Olá Adriana, em que é que posso ajudar?

**E1 - Tenho umas questões sobre o vosso grupo o RiseUp, mas antes de mais tenho que informar sobre o consentimento informado e a confidencialidade dos dados que serão aqui falados para posterior transcrição que poderei enviar.**

**R4 –** Diz-me só uma coisa Adriana, não vais gravar imagem, pois não?

**E1 - Não, é só áudio.**

**R4 –** Ok

## Parte II - Organização do movimento

**E1 - A primeira questão que tenho a colocar é se é o único que administra a página do RiseUp?**

**R4–** Nós temos página, temos um grupo, temos um blogue e temos um canal de vídeo. Ah, o grupo até surgiu primeiro e o grupo era para não ser conhecido até porque nem se ligou importância ao nome e tem o nome que tem, ah ... depois fez-se a página como apoio ao grupo e o que é que começou a acontecer? A página nós não estávamos à espera. Teve um sucesso doido, ah ... na altura o Facebook fazia-nos o favor de ... de termos mais visibilidade. O Facebook agora anda a cortar a visibilidade às páginas amadoras que é uma coisa fenomenal ... ah ..., portanto, quem não paga não aparece, ah ... a página ficou muito maior que o grupo e o que é que acontece? É que no grupo se houve pessoas que realmente arregaçavam as mangas para fazer alguma coisa eram duas ou três, ou quatro. E então a página começou a ser um projeto e não o grupo. Ah, entretanto, fiz outro

Legenda:

☺ – Risos

... – Momento curto de silêncio

(...) – Momento longo de silêncio

*Post* – comentário/publicação

*Feed* de notícias – mural de notícias onde estas vão “correndo”

*Like* – colocar gosto em comentário/publicação/imagem

grupo, gosto de ter as pessoas num grupo para poderem dizerem aquilo que querem, para postarem aquilo que querem, mas a página foi aquilo que cresceu mais e basicamente sou eu e outra pessoa, e só.

**E1 – Só dois então?**

**R4 –** Sim, só dois. De vez em quando somos três, de vez em quando somos quatro. Depois aparecem, desaparecem, mas basicamente somos dois.

**E1 – Considera que o RiseUp se pode considerar um movimento social (MS)?**

**R4 –** Não. Um MS engloba mais coisas, engloba mais pessoas, engloba um plano, engloba ... para mim, engloba uma linha de ação propriamente dita, seja de rua, seja ações legais, seja uma série de coisas. Há uma série de pessoas que estudam isto que dizem que um movimento, um movimento não é um grupo em si. Um movimento é uma ação de vários grupos numa determinada altura e isso sim é o que causa o movimento (...). Nós, o que se passou com nós os dois foi que ficamos desempregados na mesma altura. Na altura tínhamos subsídio de desemprego, não havia nada por onde procurar, não havia empregos nenhuns, não havia nada. Esses subsídios de desemprego sem querer proporcionou uma coisa que eu acho que é o futuro. O que eu faço é, as pessoas finalmente profissionalizarem-se. O quê que começamos aqui a fazer? Nós começamos a pegar em informação, muitas vezes não é aquela informação que aparece nem na primeira nem na segunda página. Aparece lá atrás, mas que se calhar esse é a mais importante. Fomos das primeiras pessoas aqui em Portugal a falar a começar a falar ..., mas a falar como deve ser em assuntos seja ele Clube Bilderberg, seja transgénicos. Há quatro anos Adriana, há quatro anos, eu falava em transgénicos, tu chamavas-me doido. Os nomes que eu ouvi, que isso era impossível. Há quatro anos falava-se do Clube Bilderberg, idem, chamavam-me doido. Eu era um doido, eu era um doido, pronto. Há mais assuntos, há mais temas. Este tema agora das certas pessoas que não pagam impostos. Este tema, no último relatório da Oxford, da Oxford também um pequenino grupo restrito de pessoas no planeta tem mais riqueza do que 50% da população mais desfavorecida. Ah, isso são temas que nós não vemos no *mainstream* a não ser que eles sejam mesmo forçados a falar no assunto. Muitas vezes são forçados a falar nos assuntos, porque questões sociais e eles vão atrás. Ah, já tivemos essa experiência várias vezes e então aí sim chega ao grande público. Agora voltando um bocadinho atrás, o que proporciona as pessoas fazerem algo como deve ser, passa pelo profissionalismo dessas pessoas. E isto, parecendo que não dá

muito trabalho, muito trabalho. Ah, lançar a informação para uma quantidade grande de pessoas requer também nós pesquisarmos bem o que é que estamos a postar, principalmente, quando estamos dentro de temas que não estão ... não são fáceis de acesso a toda a gente. Pesquisarem por elas, ou seja, o fácil entendimento da profundidade daquilo que nos está a estamos a dizer. Por exemplo, eu dizer às pessoas isto que se passou em Portugal não foi crise nenhuma, foi outra coisa, isto é muito difícil e dá trabalho. Ah ... acontece que as pessoas não podem fazer isto na hora do almoço, um bocadinho ao fim-de-semana, isto requer tempo, requer pesquisa, requer depois muita gestão daquilo que nos é dito, daquilo que nos é chamado. Nós notamos que existem grupos e existem pessoas que devem ser pagas por alguém com certeza para andar a desmentir tudo e a fazer gato-sapato e essas sim, tenho a impressão que são pagas para isso, se calhar com outros nomes. Ah, ou seja, essa gestão também requer muito tempo. Também nos metemos num grande caldinho que é a tradução de matérias, ou seja, artigos que temos fantásticos que não existem em português, ninguém os está a traduzir em português, pá, sermos nós... nós neste momento temos um grupo pequenino com cerca de quinze ou vinte pessoas que estão a traduzir um livro. Um livro que quando eu estive em Londres tive contacto com uns tipos que eles por cima eram uma Organização Não Governamental (ONG) e por baixo funcionava uma livraria. Ah, é um livro de técnicas de ativismo e de campanhas não violentas, ou seja, é aquele da Ditadura à Democracia daquele do (...) agora esqueci-me do nome do homem, mas é aquele livro da Ditadura à Democracia é isso, mas mais aprofundado. Se tu leres o Ditadura à Democracia é... é.... São conceitos, aquele que nós estamos a traduzir são técnicas, ou seja, é o apurar daquilo que o outro disse, ou seja, mais concreto. Prontos, mas lá está, isso tudo dá uma trabalhadeira desgraçada e é preciso profissionais. Como, é que eu ainda não sei. Eu duvido muito que as pessoas se disponham a dar 1 euro por mês, duvido muito. Ah, eu duvido muito que as pessoas aceitem que algo deste género tenha publicidade, seja no site, seja lá onde for. Nós próprios, pensámos a publicidade que poderíamos meter não podia ser aquela publicidade da Google... não gostaria de estar a falar de transgénicos e no mesmo artigo onde as pessoas estão a ler sobre transgénicos estão a ler os *banners* da MacDonald's ou da Coca-Cola. Não é, ou seja, teria que ser com empresas e já existem empresas com responsabilidade social, mas depois lá está, o próprio facto de certas empresas de se estarem a associar a publicações destas também poderia prejudicar-lhes o nome ou prejudicar-lhes o negócio. É muito difícil pensar como financiar uma coisa destas, é muito difícil, mas tem que ser o futuro, nós temos que ter ativistas profissionais. Acho que neste

momento, não existe nenhum movimento social em Portugal. Ou eu sou muito exigente .... Mas para mim não existe um único movimento social. Pelo menos algo que aglomera vários grupos que seja consequente, não.

**R4**– Estás em Lisboa?

**E1** – **Não, estou em Faro.**

**R4**– Ah, pronto. Amanhã (09.04.2016) vai haver a Marcha Animal. A Animal pelos vistos tem uma ativista profissional e quando vires as imagens vais ver as diferenças.

**E1** – **Depois vou pesquisar sobre o assunto.**

**R4** - Há trabalho realizado porque a pessoa, consegue envolver as pessoas e porque a vida dela é aquilo.

**E1** - **Antes de pertencer a este movimento, fez ou faz parte de alguma organização política ou cívica?**

**R4** - Não, nada. Foi a primeira vez.

**E1**- **Como se posiciona em termos ideológicos? E os seus colegas do movimento?**

**R4**– Não faço ideia. Nem tou preocupado com isso, nem tou preocupado com isso.

**E1** – **Geralmente as pessoas identificam-se ou com a esquerda ou com a direita...**

**R4**– É claro que quando nós os ouvimos todos a falar na televisão, ah, é claro, que se simpatiza muito mais com a esquerda do que com a direita. Mas quando sabemos que quem controla grande parte da direita são certos escritórios de advogados que depois tem certos clientes que lucram com as leis que são feitas na Assembleia da República (AR), ou seja, não somos nós que estamos representados são os clientes dessas sociedades de advogados. Agora em vivi décadas, eu vivi décadas numa cidade em que a câmara era dominada pelo Partido Comunista (PC) e não tenho assim muitas coisas boas pra dizer, evidentemente. Quando vejo um candidato do PC à Presidência da República (PR) na televisão não ser capaz de dizer que a Coreia do Norte é uma ditadura, mete-me medo. Ou mesmo o próprio... ou mesmo as próprias pessoas do PC não conseguirem condenar a prisão dos rapazes em Angola por estarem a ler aquele livro que ainda agora nós estávamos a falar, um livro que eu li e tenho lá no quarto e não serem capazes de condenar isso, mete-me medo. Agora, ah, depois existem aqueles outros, do Bloco de Esquerda

(BE) parece mais aberto, mas que muitas vezes e nós (...) estes ativistas independentes que andamos por aqui espalhados notámos isso. Também notámos que o BE quando entra em qualquer coisa, ah, ou domina, ou seja, ou toma conta ou não se mete, ou seja, também me assusta um bocadinho certas coisas que vejo. Eu não me meto muito nisso porque a minha função até nem é essa. Desculpa lá estar sempre a tossir. Nós vimos para o norte da Europa percebes, e pensamos que nós um bocadinho já estamos habituados ao frio, mas não estamos, estou com uma gripe que é uma coisa doida. Ah, eu muitas vezes isto ... isto parece que eu vou dizer até parece muito feio, mas a minha função não é bem isso, por isso não fico preocupado se é de esquerda ou se é de direita. A minha função não é construir é destruir, ou seja, destruir isto como um Estado. Atrás de mim ou atrás de mim vem pessoas muito melhores do que eu e essas sim vão avançar com outro tipo de propostas, com outro tipo de coisas e organizar as coisas de outra forma. A única coisa que posso fazer agora, neste momento, é, por exemplo, chamar-te a ti a atenção e dizer-te, passa-se isto, passa-se isto, passa-se aqueloutro. E tem mesmo um grupo, são duas, três, quatro pessoas que também não pode fazer muita coisa, portanto, eu nunca me preocupei nem com a esquerda nem com a direita. Agora lá está, nós neste tipo de coisas nós nos últimos quatro anos fomos governados pela direita a fazer aquilo que nós sabemos, é claro que a pessoa pode olhar para a página e dizer assim, bem, isto é, uma página do PC ou do BE, está sempre a mandar vir com o governo de Passos Coelho. Deve ser, mas não, não estou minimamente preocupado, já tivemos convites, já houve gente que quis falar, chegar a um entendimento. Já houve quem me oferecesse dinheiro, obviamente, já houve, ah, mas não, nós somos assim, parvinhos. É isto queremos fazer sem apoio de ninguém, nem sindicatos, nem partidos, nem de nada. O único financiamento que nós gostávamos de ter era das pessoas que nos seguem.

### **E1 - Como é que surgiu o vosso grupo?**

**R4** – Foi mesmo por acaso. A ideia quando surgiu originalmente era outra, outra completamente diferente. Era um grupo que fosse, que funcionasse quase como trolls, ou seja, cada vez mais quem nos quer mal também anda a usar as redes sociais então nós temos um grupo grande de pessoas mesmo com perfis falsos que é para poderem serem abatidos. Estão então nos locais, onde estão a dizer mentiras e a colocar verdades, e era só para ser isso e mais nada. Agora se calhar a ideia era só... se calhar a ideia era parva, se calhar também não funcionava e a coisas tomaram, dirigiram-se para outras coisas

completamente diferentes. A nossa forma, a nossa forma é mais uma de ... lá está, comédia social, jornal pirata, somos a rádio pirata.

**E1 - Identifique um ou vários dos principais objetivos do movimento. Estabeleceram algum?**

**R4** – Não. Eu nunca vou conseguir. Eu nunca vou conseguir acabar com fenómenos como ... ou pelo menos pra já. Com fenómenos como o uso de petróleo, como ah, eu nunca vou conseguir regulamentar de uma vez toda a industria farmacêutica que é outra máfia. Nunca vou conseguir que as pessoas de facto acordem. Por exemplo, parece que acordaram na Islândia, não é? Há quatro anos atrás, a semana passada e foram pra rua dizer não, calma lá, que quem manda aqui somos nós e não são vocês. E, lembra-los de vez em quando que vocês não são chefes de ninguém, ou seja, vocês são os nossos empregados, vocês não estão aqui para mandar, estão aqui para servir. É muito difícil eu pensar que alguma vez eu vou conseguir fazer isso, portanto, o objetivo é esse. O objetivo é, por exemplo, um Bush qualquer dizer que vai invadir o Iraque porque tem algumas armas de destruição maciça e as pessoas que andarem na rua dizerem “não vais invadir Iraque nenhum porque, aquilo que tu queres, é roubar petróleo”, ponto final parágrafo. “Não vais matar ninguém.” Ah, o mesmo que aconteceu na Síria, ou que está a acontecer na Síria. Ah, e, mas lá está, nós tínhamos todos que deixar de prestar menos atenção aos realitys shows. Um bocadinho menos à bola, ah, um bocadinho menos temos um perfume, ou o blusão da marca tal, ou não sei o quê e prestarmos mais atenção a coisas que nos interessam mais ou que nos deviam interessar mais porque essas é que nos afetam e afetam bastante. Nós chegamos ao ponto de o pai vai ao café chateado ver a bola porque não quer ver mais nada, quer ver a bola porque os dois filhos estão emigraram. Ele está chateado porque os dois filhos emigraram e não vai ver os netos. Se calhar ele próprio também vai perder o trabalho daqui a alguns meses, mas ele vai ver a bola. A bola, entre aspas, pode ser outra coisa qualquer.

**E1 - Existe algum ou alguns líderes(es) no movimento?**

**R4** – Não. Eles dizem todos que eu sou o líder, mas não.

**E1 - O grupo de administradores já se conhecia anteriormente?**

**R4** – Não. Todos através das redes sociais.

**E1 - A exemplo do PODEMOS em Espanha pensam vir a tornar-se um partido político?**

**R4** – Nós não. Eu tenho a ambição de juntar vinte, trinta, quarenta pessoas e fazer um órgão de comunicação social alternativo a sério, mas, ah, nem pra isso as pessoas se organizam, nem pra isso, quanto mais um partido político. Um partido deve ser algo que envolve tanta coisa, que muito francamente, é algo que está muito fora dos meus planos, ou de alguma vez ter alcançado, não, não. Era muita areia pra nossa camioneta e era um caldinho desgraçado. Lá está, servir como acendalha através da informação, servir de acendalha lá está, para vir alguém para fazer um PODEMOS ou outra coisa qualquer em Portugal, pá ótimo. Se eu achasse, é pá, olhando pra qualquer coisa, é pá vou contribuir para que aquilo acontecesse achava fantástico, mas lá está, tínhamos que ser muitos mais, e muitos mais na ordem dos duzentos, trezentos, quatrocentos bem organizados e organizar dez em Portugal não se consegue. Este tipo de movimentos sociais, organizar dez não se consegue e não sei explicar porquê.

**E1 – Porque é que acha que o PODEMOS alcançou esta dimensão em Espanha? Terá a ver com a nossa cultura. Por exemplo falou na organização...**

**R4** – Eu acho que em primeiro lugar, em primeiro lugar, uma coisa muito bem-feita, uma coisa (ilegível) depois do 25 de abril, início dos anos 80 foi ... Eu julgo que isto foi algo que não aconteceu por acaso daquilo que nós tínhamos, fossem os clubes de livros, fossem clubes de xadrez, ou de jogarem à bola, ou jogarem basket. Aquelas associações de moradores que faziam as festas de Santo António, do São João, já reparaste como agora não há nada disso, não há nada disso. A pessoa sai do trabalho e fecha-se em casa. Os espanhóis têm muito as assembleias populares tem muito mais esse conceito do que nós e é a partir de uma série delas espalhadas à volta do país que já existem, eu acho que é a base para depois crescer tudo. Em Portugal, em 2012, salvo erro, havia manifestações semanais praticamente na AR. Houve uma carga policial, acabou-se. Porquê? Ninguém está organizado e tem que haver organização e uma coisa ando a querer aprender e estou a aprender que é, tem que haver um bocadinho de método, e de estratégia. E tem que haver pessoas ensinadas a fazer certas coisas. O exemplo mais engraçado disto, o exemplo mais engraçado disto, acho que é daquela mulher negra que se recusou a apanhar o autocarro nos Estados Unidos que originou um boicote. Originou uma série de coisas que vieram a seguir. Houve outra mulher negra nos Estados Unidos que fez isso, porém, era

muito mais nova e era mãe solteira. O que é que os movimentos dos direitos civis fizeram? Estavam organizados à data que isto foi, eles vão atacar este símbolo, por ser mãe solteira, por ser muito nova, de formas que nós não vamos conseguir defender, vamos ter que pegar por outro símbolo. Isto é o quê? Isto é ter estratégia pura, ter estratégia. Nós agora, é pá, a outra também, ok, mas não ia resultar. Se as coisas fossem feitas só com a espontaneidade não ia resultar como não resultou. Há muitas formas de organização e agora nós temos uma coisa que não tínhamos há vinte, há trinta, há quarenta anos atrás. Temos uma série de exemplos documentados, uma série de conteúdos a ensinarem-nos a fazermos certas coisas. Mas na Sérvia também, na Sérvia o Milošević resistiu a uma guerra civil, resistiu a bombardeamentos da NATO, Milošević resistiu a tudo, não resistiu a um movimento não violento estudantil que se organizou com pés e cabeça porque estavam organizados pra isso. Porque tinha pés e cabeça e quem derrubou o Milošević foi uma cambada de miúdos.

**E1 – Vocês têm iniciativas, atividades ou é tudo na plataforma Facebook?**

**R4** – Não, porque lá está, não temos pessoas. Uma coisa que eu gostava de fazer fosse onde fosse e daqui a pouco vai sair qualquer coisa na página que acho que está a fazer em Torres Vedras é a Universidade Popular e está a conseguir fazer isso, juntar ... ensinar filosofia a quem quisesse aprender filosofia, ensinar música a quem quisesse aprender música. Um conjunto de temas, até inclusive dar explicações aos miúdos que os pais não conseguem pagar explicações e juntar ali, ah, lá está, fazer aquilo com que se acabou nos anos 80 e nos anos 90. Fazer um núcleo de pessoas que gostam de aprender, e outros gostam de ensinar e outros gostam de discutir. E, a partir daí, fazer e, quem sabe a partir daí o bar e o cafezinho e então aí se calhar ajudar a financiar depois o que se faz na Internet. Se um local desses tivesse um cafezito, uns rissóis, era aquilo que eu via como mais viável, próximo. Se eu tivesse espaço e mais duas ou três pessoas para se envolverem.

**E1 – Fazem reuniões?**

**R4** – Não, nós falamos, nós estamos sempre em contacto diariamente.

**E1 - Atuam e trabalham de modo regular, ou em função de factos que vão surgindo e que vos chama a vossa atenção, por exemplo, nas notícias, as grandes polémicas....**

**R4** – Nós já tivemos, agora não temos. Já tivemos disponibilidade de tempo para fazer o seguinte, aquilo que nós chamávamos operações que era, por exemplo, num determinado mês vamos pegar num determinado tema que ninguém fala. Seja qual for determinado tema eu vou arranjar conteúdos para introduzir esse tema. Vou arranjar conteúdos para desenvolver um bocadinho mais esse tema e depois vou arranjar as armas mais pesadas, os documentários, os textos mais elaborados sobre esse tema, ou seja, e vou postando todos os dias de forma regular à mesma hora. Nós fizemos isso, salvo erro, no ano de 2012 (...). Nós por uma ocasião da Marcha contra a Monsanto, e a Marcha contra a Monsanto é algo que acontece todos os anos no dia 25 de maio, salvo erro. E que em Portugal ninguém falava sobre isso. Então, nós conhecemos logo, andámos nós mesmo grupos, o pessoal ia se organizar contra a Marcha contra a Monsanto desse ano. Sabendo nós que a marcha no ano anterior tinha tido, vinte, trinta pessoas, uma coisa assim do género, então nós conseguimos durante esse mês, esse mês, desde o dia 1 até ao dia 24 postar todos os dias sobre transgénicos à mesma hora, deixando as coisas no topo e no dia seguinte às nove da noite quando saia outro ela é substituída no topo outra vez, ou seja, nós durante um mês demos uma lavagem aos nossos leitores sobre transgénicos e foi uma coisa doida. A marcha nesse ano, a Marcha contra a Monsanto teve quase mil pessoas, ou seja, houve alturas que nós tivemos tempo para fazer, lá está, certas coisas, operações, fizemos contra a pedofilia, fizemos pelos direitos dos animais, fizemos para variadíssimos temas, mas lá está, é uma coisa que tem que ser bem pensada e os conteúdos tem que seguir determinada ordem, um determinado seguimento, porque nós queremos apanhar, eu não quero propriamente ... quando nós fazemos isso, nós não queremos contar a quem sabe ... é contar a quem não sabe ou a quem está na dúvida. Então, eu preciso também de uma pesquisa daqueles conteúdos que, eu acho desinteressantes porque já sei aquilo de cor e salteado, mas quem vai apanhar o assunto pela primeira vez são esses conteúdos que os vai agarrar pela primeira vez. Às vezes os conteúdos até podem ser imagens, funciona que é uma maravilha porque a malta detesta ler.

**E1 – Delegação de responsabilidades?**

**R4** – Não há. Nós somos tão poucos. Depende da disponibilidade de que tiver naquele dia.

**E1 - A informação que partilham na página do movimento é composta maioritariamente por: partilha de notícias e artigos de opinião, partilha de imagens,**

**vídeos ou informação sobre outros movimentos? Qual o teor destas partilhas? Político? Económico? Social?**

**R4** – Os vídeos já há algum tempo que não colocamos os vídeos. Porque os vídeos postados diretamente no Facebook... existe agora um perigo enorme de serem agora denunciados. O Facebook muito facilmente manda abaixo os vídeos e depois nós ficamos bloqueados e qualquer a dia a página desaparece, ah ... Nós fazemos uso da imagem... nós gostamos de ser satíricos, sim, adoramos meter veneno. Ah, adoramos.

### **Parte III - Dinâmica da Página do Facebook**

**E1 - Já existiam noutras plataformas, nomeadamente, blogue, sítio de Internet, antes da vossa presença no Facebook?**

**R4** - Eu posso te mandar agora se quiseres, eu posso te mandar agora. Eu gostava muito de ter, eu gostava muito de ter um site como deve de ser. Pá gostava, falta o tempo. Mas lá está nós não temos todos que fazer tudo. E o que acontece é que desde que me meti nisto eu estou a aprender muita coisa. Eu até a editar vídeos já aprendi, ah, e aprendi também a fazer blogues. Uma coisa que nunca na minha vida pensei conseguir fazer. Inclusive um blogue que pega nos ERSS doutros blogues e de outros sites que posta logo automaticamente ao lado e até há uns tempos atrás não fazia ideia do que era um ERSS. Mas já enviei o link <http://www.ruportugal.blogspot.ie/>. Mas prontos isto também a nível informático é o melhor que eu consigo fazer. Eu precisava de um tipo que soubesse fazer isto como deve de ser. Se eu tivesse alguém que soubesse fazer isto como deve de ser, nós se calhar conseguíamos levar as coisas em frente. Eu muitas vezes olho, por exemplo, quando olho para o site da Notícias ao Minuto. O Notícias ao Minuto basicamente são, eu não sei quantas pessoas é que são, mas até nem devem ser muitas. Estão sentadas, se calhar em casa a ver os artigos dos outros e a fazer aquelas, como fazíamos aquelas composições na terceira classe. Mete por palavras tuas o seguinte texto e isso são as Notícias ao Minuto. Aquilo como eu vejo, o melhor que nós podíamos fazer era um órgão de comunicação social em tudo com um aspeto de *mainstream*, tudo com um aspeto de *mainstream*, um diário qualquer coisa, com tudo com aspeto de *mainstream*. Os conteúdos é que não são *mainstream*. Eu também sei que muitas vezes as pessoas ou não partilham para o Facebook delas ou, ou porque estão os chefes a ver, porque está a família a ver, estão os colegas a ver, ok e não convêm, não convêm se calhar em muitos sítios a pessoa meter no perfil pessoal dela, sei lá, uma fotografia com o Cavaco silva com uma

bolinha de palhaço no nariz. Mas se calhar coisas que até podem ser graves ou que são... se forem notícias de qualquer coisa a dizerem... a pessoa já pode partilhar. Se for o RiseUp disto, ou os Indignados daquilo, ou os anónimos do cozido não é, a pessoa já pode partilhar. Eu acho que passava por aí, uma coisa muito mais desenvolvida. No blogue, é que quando eu neste blogue lhe dou um bocadinho ... este blogue tem 100.000 visualizações por mês. Ah, agora lá está, está a descer outra vez porque eu estou na Irlanda e não tenho acesso nenhum, a televisão nenhuma. A rádio nenhuma que vocês ouvem aí. Eu que às vezes não sei o que se está a passar aí. Era mais fácil quando a gente liga a SIC Notícias ou a TVI 24 e em que num instantinho apanhamos muita coisa que se pode estar a passar. Apesar de eu ter as minhas próprias fontes de informação posso estar no Gurundi eu sei, eu sei que o Ministro da Cultura hoje foi demitido, ou demitiu-se ou convidaram-no sem precisar da televisão ou da rádio. Mas ajuda bastante, mesmo aquele jornalzinho que a gente lê de vez em quando no café, quando vamos beber um cafezinho ajuda bastante. E eu gostava de ter uma coisa muito mais desenvolvida a nível de site para atrair ... estes 100.000, também não é todos os meses, seja 90.000, seja 80.000 ou que seja muito menos eu consigo multiplicar isto bastante se me dedicar a sério a isto se isto tiver outro tipo de look, se tiver outro tipo de encadeamento, mais coisa, menos coisa, um designer sabe fazer eu não sei. E se calhar eu no mês passado ter tido 100.000 e ter ficado todo satisfeito eu tinha dois milhões, três milhões num instantinho, num instantinho. Mas lá está aquilo que eu estava a dizer ao principio era preciso gente a tempo inteiro, era preciso gente a tempo inteiro. Eu meti praqui no blogue um artigo no dia 1 e eu não tive tempo, eu não tive mais tempo para o blogue desde o dia 1, pronto.

**E1 - Têm algum mecanismo alternativo de comunicação interna? Por exemplo, a utilização da mensagem privada do Facebook? Ou correio eletrónico?**

**R4** – Os dois às vezes são três, às vezes são quatro, às vezes são cinco, depois passam a dois outra vez. Cheira-me a manifestação então apetece-me, ah, neste momento até somos dois e meio. Há uma pessoa que estava a fazer umas coisas, estava a tratar mais das traduções e do Youtube, a legendar coisas no Youtube. Nós temos vídeos legendados nossos no Youtube porque não apanhamos em lado nenhum legendados então traduzimos nós e legendamos.

**E1 – Tem um canal próprio no Youtube?**

**R4** – Sim, posso te mandar também.

**E1 – Já cá está.** <https://www.youtube.com/channel/UCP8yL6Vx1G4V32jMJOSWZqA>

**R4** - E o que é que acontece .... Ah, eu ando em processo de emigração, ah, ele anda num processo de desimigração. Ele também está com a vida um bocado, lá está, isto não é a nossa principal atividade tudo o resto mete-se à frente disto, tem que se meter. Mesmo assim, nós conseguimos publicar bastante, bastante. Lá está era outra coisa que eu também podia desenvolver melhor, ah, acho que ... aquela pequena percentagem de pessoas que nos realmente nos veem, mas lá está, um vídeo, das duas uma, ou nós pegamos no vídeo e metemos ali tal e qual como está, pronto isso não dá muito trabalho, mas traduzir, montar ... eu tenho aqui um vídeo, por exemplo, quem ganha com as privatizações? Houve uma associação, a associação Passa a Palavra que organizou uma conferência, já não me lembro onde foi, na Fil, não me lembro, em Lisboa com a Mariana Mortágua, com o Paulo Morais, com a Raquel Varela. E prontos, houve ali alturas que havia intervenções, as pessoas perguntavam coisas, haviam perguntas, haviam respostas. Nós sabemos que nestas alturas de eventos, há com cada pergunta... que não vale a pena. O vídeo dessa conferência que tinha duas horas e tal condensei-os em bocados mais importantes e ficou com uma hora e vinte. Pá isso dá uma trabalhadeira desgraçada, uma trabalhadeira desgraçada. A legendagem também dá muito trabalho. Tanta gente em Portugal, eu acho chocante ninguém andar a traduzir o que é que o Wikileaks posta, ninguém. Não há ninguém que vá ver o que é que o Wikileaks está a meter e nós já fizemos isso duas ou três vezes, duas ou três vezes. É impressionante, ninguém faz isso. Lá está, perde-se tempo, muito tempo com isso. Nós em Portugal somos conhecidos no Facebook, mas noutros sítios não é o Facebook é o Twitter por exemplo, e o Youtube viaja bem pelas outras redes sociais também. Eu gostava de investir mais, mas não tenho tempo.

**E1 - Como se relacionam com os meios de comunicações social tradicionais?**

**R4** – Não é por acaso que eu acho que o mais importante que se podia fazer era fazer um órgão de comunicação social alternativo. A SIC é controlada por quem mandou nisto tudo estes anos todos. E quem mandou nisto todos estes anos foi o Pinto Balsemão e mais ninguém. Ele é o embaixador dos Bilderberg em Portugal e agora vai passar a ser o Durão Barroso. Estas décadas todas quem mexeu s cordelinhos foi o Pinto Balsemão. A SIC é uma televisão, um grupo de interesses. A TVI acho também o Pais do Amaral uma coisa assim parecida. É também um grupo de interesses. A RTP idem, a RTP idem, ou seja, se

há muita gente na rua e interessa acabar com aquela porcaria nós temos que meter medo às pessoas, nós temos que meter medo às pessoas. Intimida-se as pessoas com técnicas das mais variadíssimas formas. É os polícias que lá estão à frente é o mais Robocop possível que é para ... por exemplo, vamos comparar duas coisas. Há coisa de há vinte anos atrás estudou-se que no futebol para promover um ambiente saudável no futebol, para não haver pancadarias entre as claques e não sei o quê, os polícias de choque não deviam estar no estádio. A polícia devia estar mais resguardada, intervir quando necessário para não haver aquele sentimento de animosidade que se vê escudos, quando se vê bastões dirigidos a nós. Agora vamos às manifestações, não se aplica o mesmo conceito? Porquê? Depois sempre que houver pancadarias, sempre que houver pedradas, sempre que houver chatice, ok, na próxima manifestação em vez de estarem 5.000 estão 200 pelos mais variadíssimos motivos. Primeiro as pessoas não estão ... não querem pancadaria, não querem pegar fogo a nada. As pessoas querem mostrar que não estão satisfeitas. Outra coisa é o envolvimento que está estudado até ao nível de ... planeamento de revoluções, ou seja, se se há-de fazer as coisas pela via armada ou pela via pacífica. Está estudado que pela via pacífica existe um nível de compromisso menor por parte de quem participa, ou seja, eu estou num país de índole fascista que aquilo que for prós campos de G3 na mão vão lutar... a armada... eu vou ter que ter um nível de compromisso com isso muito superior do que num determinado dia às tantas horas não precisamos fazer mais nada, vamos todos por as toalhas da cama brancas lá fora na varanda. O nível de compromisso é menor. As pessoas também sentem que indo para as manifestações violentas... As pessoas querem-se manifestar, mas não querem partir pernas, partir braços, ir parar a hospitais, não querem ser presas. As pessoas só se querem manifestar porque não estão satisfeitas. Mais, existem pessoas que seja por motivos de idade, seja por motivos de saúde, um episódio desses pode-lhes custar muito caro, pode-lhes muito caro. Eu podia-te mostrar uma cicatriz que tenho aqui e sei que me custou muito caro. Tive quase, foi quase, os médicos dizem que foi quase, ou seja, a violência funciona sempre a favor do Estado e é o Estado que está preparado para ela, ok. Por isso é que temos imagens no Brasil, na Turquia, no Egito e não é preciso irmos muito longe. Em Espanha, na Grécia e até no Canadá, nós temos imagens, temos provas, provadas está em filme, em que elementos da polícia e às vezes pelotões autênticos da polícia são usados nas manifestações e são eles que desculpam as coisas. E o que é que as televisões fazem? Embarcam nisso e metem medo às pessoas. Quando começamos eu estava-te a dizer que isto que aconteceu e Portugal não foi crise nenhuma. O que é que eu oiço nas televisões?

Que isto é uma crise, é uma crise, é uma crise. Não há alternativa, não há alternativa, não há alternativa. Tás a ver as minhas mãos? Assim, repetidamente, repetidamente. E eu oiço desde o momento em que, por exemplo, como qualquer coisinha de manhã e tenho a televisão ligada e estou a comer até me ir embora. Até ao momento que eu entro no carro que ligo o autorrádio a ouvir o jornal até ao momento que eu chego, janto e estou a levar com as mesmas notícias outra vez. E depois vejo o Marcelo Rebelo de Sousa com a Judite de Sousa, agora já não, não é. Não há alternativa, não há alternativa. Isto não podemos ser inocentes ao ponto de se achar que os media não têm aqui um papel fundamental nisto tudo. Prova disso é que os maiores media a nível mundial são dominados por empresas. Os mesmos grupos depois têm, por exemplo, nos Estados Unidos os mesmos grupos tem interesses no armamento, são os mesmos. Quem diz nas notícias que o Iraque é perigoso é o mesmo que vai vender as armas para bombardear o Iraque. Agora existem pessoas sérias é claro que existem, mas depois lá está, é por isso que uns aparecem mais e outros aparece menos. Agora eu nunca tive nenhum contacto com os meios de comunicação ... acho que não tenho ... não é o meu papel ter.

**E1 – Eles poderiam chegar ao pé de vocês com interesse em realizar alguma reportagem, saber o que vocês fazem...**

**R4 –** Sim, mas eu não lhes dei importância nenhuma. E já os usei. Na altura que nós tínhamos realmente mais visibilidade. Eu notava que nós eramos seguidos pelos jornalistas. Eu chegava a ver os conteúdos que eu postava na terça-feira publicados em jornais na quarta ou na quinta inclusive até com a mesma fotografia que eu meti na página e tudo. E eu já fui responsável, eu não te posso dizer o que foi, já fui responsável de pelo menos uma ou duas aberturas do telejornal. Assuntos que eu percebi de uma certa forma e pensar como é que se ia meter... ia fazer barulho. Já te posso dizer isto, já houve investigações feitas por revistas, por exemplo, irem a determinados sítios para conferirem (...) já aconteceu.

**E1 – João, já sofreu algum tipo de represália?**

**R4 –** Sim querem saber, sim. Agora lá está se calhar agora não tanto, lá está, nós paramos de postar então a visibilidade desceu um bocadinho, mas sim já houve. Eu não tenho nada na Internet com a minha imagem. Há pessoas gostam de aparecer, nas fotografias, nisto, naquilo, eu não tenho um perfil, eu não ponho a minha cara, nada. Pois, eu não sou João e muito menos Henriques. Eu acho que não há necessidade nenhuma de a pessoa se andar

a mostrar. Porque se eu tiver que falar alguma coisa de alguém ou de alguma empresa, ou... eu gosto de falar... e as pessoas estão muito desprotegidas. Eu já conheci uma pessoa que, entretanto, faleceu, que era um ativista que não fazia isso, era uma ativista que não fazia isso. Ele tinha a página dele, tinha o blogue dele, escrevia os textos dele, mas não protegia a identidade dele. E houve uma altura, numa manifestação que foi preso. Foi acusado de atirar garrafas de cerveja ao carro da polícia. Facto esse que outros polícias tinham declarações em tribunal em que ele de facto estava a atirar garrafas ao carro da polícia. Acontece que, no preciso momento em que eles dizem que o episódio aconteceu e descreveram-no eu por acaso filmei o episódio todo. E ele passa à minha frente com a câmara fotográfica dele porque ele também estava a filmar e depois com um braço ligado ao peito que ele tinha partido e porque aquilo inchou bastante ele estava com o braço ao peito. Ou seja, a ação caiu por aí. Aquilo que transmitiram foi que, nós vamos avançar com isto ou então nós paramos se tu deixares de participar, deixares de escrever, se tu desapareceres. Depois, entretanto, o meu vídeo que acabou por completo com as ameaças que eles estavam a fazer. Ou seja, as pessoas sim, correm sempre o risco de serem alvos.

**E1 – Tem algum tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais?**

**R4 – Sim.**

**E1 - E com as organizações mais institucionalizadas, como os sindicatos e partidos políticos?**

**R4 – Nada.**

**E1 - Têm normas de utilização/normas de conduta da vossa página?**

**R4 – Não... acho ... Nós já tivemos problemas, já tivemos problemas.**

**E1 - Nalguma situação ou momento viram-se obrigados a bloquear algum seguidor? Porquê?**

**R4 – Já, já. Como é óbvio nós naquela... nesta página, a tal que temos 68.00 devemos ter neste momento algumas 30 ou 40 pessoas bloqueadas. Porque aparece de tudo, aparece um tipo a postar pornografia, aparece o tipo a postar conteúdos de índole racista ou fascista, aparecem as pessoas... eu quando coloco qualquer coisa aparecem sempre pessoas a chamar-me os nomes mais absurdos. Não é discordar comigo, é ofenderem-nos de tudo e mais alguma coisa e inclusive já tivemos, lá está, aquilo que já estivemos a falar**

ainda já bocado, nós identificamos perfeitamente aqueles que estavam a agir concertados para nos fazer mal. Mas não somos das páginas que bloqueia mais, mas também pode ter a ver com os conteúdos que postamos, é mais para ler, não atrai muito os desordeiros.

#### **Parte IV - Iniciativa e Pró-Atividade dos Seguidores**

**E1 - Quantos seguidores têm a vossa página? A última vez que vi tinham cerca de 60.000 seguidores, é um numero considerável.**

**R4** – Neste momento 68.000, mas estes 68 não é importante. Mas isso não interessa. Posso ter uma página do Facebook com 200.000 *likes*, ok, mas só apareço no *feed* de notícias de 200 ou 300 pessoas. Há medida que as pessoas vão fazendo *likes* noutras coisas, os *likes* antigos vão deixando de aparecer no *feed* de notícias. Para nós os 68.000, a nós não nos querem dizer nada. Tanto que nós mesmo quando começamos, nós mesmo com 20.000/30.000 *likes*, ah nós tínhamos mais movimento na página que outras com 40.000/50.000.

**E1 - Tendo como referência as manifestações de vontade em participar nos eventos, previamente anunciadas, como avalia a efetiva mobilização e participação em contexto real ou em contexto local desses seguidores?**

**R4** – É um pau de dois bicos, um pau de dois bicos. É, como já metei um *like* já ajudei e isso acontece com 95%, 97% das pessoas. Meti o *like*, já ajudei, já fiz o que tinha a fazer. Estas redes sociais enquanto as podemos usar, enquanto as podemos usar, como estamos a usar agora, isso também vai dar uma volta. Serve só para espalhar informação. Não acredito muito, já acreditei mais no poder de mobilização através das redes sociais pelo menos em Portugal, pelo menos em Portugal. Nós estamos convencidos ou convenceram-nos que participar neste tipo de coisas é feio, é feio. Estamos todos muito convencidinhos disso. Muitas vezes as pessoas até simpatizam com as coisas, mas não aderem e depois também tem outra coisa que não é só culpa das pessoas. Grande parte da responsabilidade do panorama ativista em Portugal, um marasmo completo, a culpa é dos ativistas. Não se organizam, não são capazes de trabalhar uns com os outros e principalmente, noto isto tanta vez, tanta vez, que é o sentimento de apego ao nome do próprio grupo, por exemplo, Adriana, tu vais fazer qualquer coisa em Faro, não é? Sim, tu queres fazer qualquer coisa aí em baixo em relação às petrolíferas porque achas que daqui a dez anos deixa de haver Algarve ok e contactas-me. Pá, oh João há hipótese de vocês me ajudarem nisto, tu até que fazes umas coisas engraçadas e não sei o quê. E eu vou-te dizer o seguinte, isso é

feito em nome de quem? O nome da nossa páginazeca do Facebook aparece quantas vezes? Existe um comportamento de apego ao quintalzinho de que as pessoas são donas que é uma coisa absolutamente impressionante, impressionante. É uma coisa impressionante uma pessoa que vem de fora quer se envolver até quer ajudar e no mesmo local quatro ou cinco grupos diferentes, da forma como eles se relacionam uns com os outros, a pessoa põe-se a caminho nunca mais olha para trás e se metem mais nela. Depois tens a completa desorganização das pessoas. É impressionante, mas atenção dito isto... eu não estou a dizer que... por exemplo, ainda agora estava-te a falar em dificuldades que eu até tenho a nível de informática, correto. Não é que nós não tenhamos em Portugal pessoas que saibam de informática, não é que não tenhamos pessoas que saibam de economia, ou de ... ou de ... nós temos tudo, nós temos pessoas que sabem muito. Só que colocar essas pessoas a trabalhar juntas quando está tudo nos quintalinhos diferentes, meu Deus, é uma chatice, é uma chatice. E depois eu apesar de .... Se calhar porque a minha coisa é muito pequena, eu vejo noutros movimentos sociais por exemplo, que são movimentos sociais, que são isto, que são aquilo, a necessidade de discutir tudo. Eu, eu pra mim não vejo o organigrama .... É pá, é tudo bonito, nós temos plataforma na horizontal, é pá, isso é lindo de se dizer, isso é lindo de se dizer, mas as coisas para terem resultados nós temos que nos organizar. O quê que tem mais resultados neste momento no planeta? O que tem mais resultados são as empresas e os exércitos, correto. Portanto, nós temos que ter um organigrama, nós temos que ter pessoas responsáveis para determinadas funções, nós temos que ter uma pessoa que seja melhor a falar para as câmaras ou para os microfones, temos que ter um tipo que tudo o que seja informática é com ele, nós temos que ter aquele tipo que é um criativo e que sabe inventar bonecadas e sabe fazer imagens, então tudo o que tem a ver com artes gráficas é com ele. Nós temos que ter um tipo pós vídeos, esse tipo dos vídeos que gosta de filmar e que gosta de... que vai ter com seis, sete, oito pessoas até se arranjam muito mais que gostam de falar e que gostam de dizer as coisas. Só que lá está, não existe nenhuma plataforma onde as coisas estejam organizadas dessa forma, portanto, é as guerrinhas uns com os outros que é uma coisa impressionante. Grande culpa do ativismo em Portugal estar como está é dos próprios ativistas. Não são das pessoas que os seguem. Porque também é fácil dizer, ah o pessoal é ovelha e só segue a bola e a telenovela, não é só isso, não é só isso. Nós é que também não somos capazes de entregar, de mostrar algo que está a ser feito como deve de ser, não estamos a ser capazes. Se calhar porque somos todos uma cambada de teimosos não sei.

**E1 - Auscultam os vossos seguidores? Auscultam outros movimentos sociais na definição dos objetivos e eventos/iniciativas levados a cabo pelo movimento?**

**R4** – Nós há quatro anos, quatro anos e picos, nós tivemos um ano e dois meses sem publicar. Estas duas pessoas, que eram aquelas duas e mais a Alexandra fomos pra Londres os dois e era impossível não dava, não dava. Tivemos que nos separar uma vez. Estou convencido que isso prejudicou a página a nível da própria visibilidade que a página tinha. O que agora noto, deixamos de postar há um ano e tal e agora o que é que o próprio Facebook anda a fazer, mas prejudicamo-nos também noutra questão que era, nós tínhamos, nós conseguimos e agora estamos a tentar outra vez, ah um tipo de leitor que realmente lia as coisas. O que é que o nosso leitor fazia muitas vezes? Complementava com links dele aquilo que nós esperávamos, ou seja, eu ia à minha própria página ver o *post* que fiz há duas ou três horas e nos comentários para ler e para ir ver aquilo que eles próprios meteram, que as pessoas meteram. Nós chegamos a um ritmo de ... houve ali uma temporada em que metade daquilo que postávamos eram esses links. Depois eram postados no dia a seguir, ou seja, houve ali uma altura que parte do trabalho era das pessoas que faziam. Havia ali um ambiente de complementaridade e de ir buscar mais, que eu não vi em página nenhuma nem em Portugal nem no estrangeiro, não vi em mais nenhum e eu sigo muita coisa e eu não vi. Quando recomeçamos a página outra vez, o ambiente está outro e eu noto o ambiente está outro, não é só na nossa página é nos grupinhos todos do Facebook, aqueles grupos que existem ... as pessoas estão tão quezilentas, tão mal-educadas no Facebook que é uma coisa que eu não tinha visto há dois anos atrás, há três anos atrás. Algo, eu não sei explicar, mas o Facebook está neste momento muito mal ... e se calhar, lá está, às páginas tantas deixar de postar os conteúdos, postar apenas uma imagemzeca, postar aquilo que é rápido. É difícil neste momento postar algo para as pessoas lerem como nós fazíamos há dois anos, há dois anos e meio, há três anos, há três anos e meio. Nós postávamos um rol de artigos de opinião. Eu não via nenhuma página ativista a postar artigos de opinião, quando nós começamos a fazer, lá está, um artigo de opinião não é sensacional, eu via todos os outros a postar imagens ou notícias, pronto. Eu estou convencido que a aposta que nós fizemos de artigos de opinião atraía leitores que depois proporcionavam aquilo que e eu te expliquei há cinco minutos atrás e houve uma altura que de facto o ambiente era fantástico. Eu neste momento, eu peço envolvimento às pessoas, mas na página nós temos um grupo, praí

com 2.000 e tal, mas lá está, eu peço envolvimento, mas não existe. Eu no outro dia fiz a experiência só por fazer a experiência. Um artigo em francês e outro em inglês e ajude-me a traduzir que isto é importante e eu neste momento não tenho tempo. Isto foi na semana passada e eu hoje posso éter outro só para veres a experiência, mas as pessoas não se estão a envolver, as pessoas gostam, estão a gostar é de ... eu estou a ver isso em todos os lados, fazer aquele comentário rápido, às vezes a insultar o outro que comentou em cima e noto. Isto dá trabalho, isto dá muito trabalho. Se eu pedir a uma pessoa para me traduzir um artigo a pessoa se calhar ... ainda mais essa pessoa não é tradutora nem está habituada a traduzir. Se calhar não vai levar uma hora, se calhar vai levar duas horas e meia e as pessoas não querem fazer isso. É mais para mandar a boca. É muito difícil neste momento as pessoas se envolverem.

### **Parte V - Recurso à Sátira, Humor, Cartoons e Caricaturas**

**E1 - Como perceciona o papel da sátira, humor, cartoons e caricaturas, na ação do movimento? Recorrem a eles com que frequência? E com que finalidade?**

**R4** – Lá está, as pessoas quando estão a passar pelo *feed* de notícias estão tão solicitadas por tantas coisas diferentes que as atrai a atenção, seja o golo, seja o gato que caiu, seja um vídeo engraçado de alguém que não consegue estacionar, ah, seja a outra na Quinta fez não sei o quê, acho que já acabou a Quinta, não?

**E1 – Acho que sim...**

**R4** – Prontos, a pessoa tem tanta solicitação de tanta coisa gira, ah, muitas vezes o objetivo da imagem é chamar a atenção da pessoa. Eu tenho a noção que muitas vezes o primeiro contacto, embora eu ache que nós escolhemos muito bem o tipo de conteúdos escritos, lá está, temos cada vez menos tempo para os pesquisar, ah, mas fazemos uma escolha muito boa. Mas, eu tenho a noção que o primeiro contacto que as pessoas têm com a página é por causa do bonequinho engraçado. Lá está, lá está, não há volta a dar. Eu não consigo reunir nem com todos os gatos, todos os cães, todos os golos, todas as anedotas, eu não consigo atrair as pessoas com um artigo que vai levar dez minutos a ler, não vou.

**E1 – Então acredita na eficácia desse tipo de expressão?**

**R4** – Sim, sim. É muito eficaz, agora, eu tenho que ter mais do que a imagem páquilo que eu chamo dar corpo à página, não é. Nós também já fomos melhores, já fomos melhores,

lá está, agora não temos tempo. Quando estávamos dois desempregados fazíamos isto às mil maravilhas. Eu nesta página podia... escolhia dez assuntos diferentes. Tínhamos sempre ecologia, sempre, aliás nós tínhamos tanta ecologia que às páginas tantas eu achei boa ideia fazer uma página só de ecologia. Ah, nós tínhamos política, nós tínhamos economia, nós acordávamos, lá está, tínhamos oito, nove ou dez horas por dia cada um. Então conseguíamos abordar uma série de temas. Porque o nosso interesse é abordar o maior número de temas possíveis e nenhum, ah... eu se quiser nesta página posso... porque esta página não tem tema específico e isso é mais difícil fazer. Porque se eu fizer uma página só para malhar no Governo é muito fácil porque eu vou atrair só aquele tipo de pessoas e toda a gente concorda comigo, toda a gente acha que eu sou um espetáculo, porquê? Só atraio aqueles. Se eu fizer uma página só não maltratam os animais, idem, toda a gente concorda comigo em tudo. Agora numa página como a nossa aquilo que acontece é que a pessoa é atraída por um *post* qualquer anti tourada, por exemplo. E depois olha para o resto da página e essa pessoa como apoiante acérrima do PSD por exemplo, vá de meter umas coisas para meter nos comentários. Ou seja, o nosso objetivo é postar sobre o maior número de assuntos possíveis e isso traz problemas porque junta pessoas diferentes. Nós tentamos fazer isso. O uso do vídeo no Facebook já foi uma arma grande, ah, o *post* no Facebook, que já fizemos e que teve o maior número de partilhas e de visualizações foi um vídeo, foi um vídeo. Teve na altura... a última vez que vi teve 42.000 partilhas uma coisa assim do género, ah, a segunda foi uma imagem que teve vinte e tal mil. Lá está quando se coloca um artigo, quando se coloca um artigo, eu já coloquei artigos e viram duas mil, três mil. Eu próprio já escrevi um artigo teve 5.000 partilhas, mas lá está, isso só acontece se for algo imediato com qualquer coisa que as pessoas estão revoltadas naquele momento. E lá está temos também que ter a noção que pode haver pessoas que estão a partilhar apenas o título. Não leram, mas partilham. Mas lá está, usar o Youtube no Facebook também já foi melhor. Antes os vídeos ficavam grandes, ou seja, agora as miniaturas no *feed* de notícias agora aparece um quadradinho pequenino e a coisa fica muito feia e ninguém vê o vídeo. Neste momento, as últimas vezes que fazemos, aquilo que estamos a experimentar é meter o vídeo no Youtube... fazer um *post* no blogue com aquele vídeo e depois partilhamos para o Facebook com aquele *post* do blogue e aí já conseguimos controlar melhor aquilo.

**E1 - Considera que o recurso a esta forma de expressão na sua utilização/expoente máximo não deve ter qualquer tipo de restrição? Lembro-me por exemplo do Charlie Hebdo.**

**R4** – O Charlie Hebdo coloca o Maomé em poses sexuais explícitas com o Jesus Cristo. Não é propriamente isso que nós fazemos. Eu gosto é de uma coisa que é um mínimo de bom senso, um mínimo de bom senso. Eu não acho que Alá, nem o Jesus Cristo, seja quem for, está livre de críticas, seja quem for. Mas eu, por exemplo, uma pessoa que eu detesto, desprezo, porque eu não tenho o mínimo de respeito é o Cavaco Silva, não tenho o mínimo de respeito por essa figura. Mas não vou colocar o Cavaco Silva em poses sexuais. Primeiro porque acho desinteressante, segundo eu acho que tenho coisas muito mais importantes para dizer sobre o Cavaco Silva e terceiro também não é o tipo das pessoas que se vão interessar por isso, se calhar não é o tipo de pessoa que depois vai ler o resto do blogue.

**E1 – Lembra-se do cartaz do BE com o Jesus Cristo?**

**R4** – Essa que o BE fez eu não condeno, mas acho escusado, acho desnecessário, acho um bocado despropositado, acho que há coisas muito mais importantes. Há melhores formas de te dizer as coisas do que sugerir, ou de qualquer forma de colocar no ar um relacionamento qualquer entre José e Deus ou o Espírito Santo ou lá o que é que foi. Jesus tinha dois pais? ☺ não achei ... lá está ... eu gosto de colocar a bolinha de palhaço no nariz, gosto de... há cartoonistas muito giros, que fazem as coisas com muita piada, mas acho que existem coisas que se nós colocarmos, eu acho que estamos a insultar a nós próprios. Nós estamos a insultar tudo aquilo que nós estamos a tentar fazer, criar a imagem e depois, lá está, se nós queremos que as pessoas nos levem a sério sobre uma série de coisas não podemos andar a fazer figuras de Charlie Hebdo. Eu muito francamente nunca comprei aquilo. Não fazia ideia do que aquilo era teve que explodir alguma coisa para eu saber o que era aquilo. É claro que aparecem milhentas pessoas muito mais bem colocadas do que eu, que sabe, perfeitamente a importância do Charlie Hebdo, é claro ... eu fui investigar aquilo e coloquei Charlie Hebdo no Google Images para percebermos perfeitamente que aquilo é pouco mais que ... sei lá, um Borda D'água sei lá, não tem ponta por onde se pegue. ☺ Outro que eu não tenho respeito, o Paulo Portas. Não faço ideia se o homem é homossexual, se não é homossexual, pronto. Em vez de colocar o Paulo Portas em poses sexuais seja com quem for, eu prefiro colocar um

documentário sobre os submarinos. Eu acho que é assim que se faz as coisas, pá pode-se usar até um certo nível, pode-se manipular as imagens até determinado ponto, lá está, nós estamos a desrespeitar o trabalho que estivemos a fazer.

Masculino

41 anos

Solteiro

Portuguesa

Irlanda

Empregado

Hotelaria

12º ano

Não-estudante

## Anexo VII – Quadro da Análise Categorial

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE CONTEXTO/REGISTO	INFERÊNCIAS/OBSERVAÇÕES
Participação em organização política ou cívica dos entrevistados/as	Experiência anterior dos entrevistados/as relativamente à participação	R1 – Não R2 – Não R3 – Não R4 – Não R5 – Sim. Quercus R6 – Sim. PCP R7 – Sim. MATA R8 – Sim. SOS Fascismo	Relativamente à experiência de participação em outras organizações, quatro tiveram essa experiência anterior e os restantes quatro não tiveram.
Ideologias políticas dos entrevistados/as	Aferir a tendência ideológica dos entrevistados/as	R1 – Esquerda R2 – Neutro R3 – Esquerda R4 – Não faz ideia R5 – Esquerda R6 – Esquerda R7 – Esquerda R8 – Esquerda	A tendência ideológica dos oito entrevistados é maioritariamente de esquerda.
Movimentos sociais digitais (MSD) na rede social Facebook	Opinião dos entrevistados/as sobre se os grupos sociais no	R1 – “(...) a meu ver acho que faz todo o sentido ser considerado um movimento social. (...). Um movimento social são as pessoas, não são os livros, não é o que se escreve nos livros”.	Apenas R4 não considera que se trata

	<p>Facebook se podem considerar movimentos sociais digitais</p>	<p>R2 – “Nós somos uma associação cívica e a direção concordaria que nós somos e queremos ser um movimento social”.</p> <p>R3 – “Não tenho a certeza de que se possa chamar movimento. De toda a forma, isto surge um pouco com a entrada da Troika em Portugal. (...) os Indignados do Algarve devidamente contextualizado com os Indignados à escala nacional na época da Troika é um movimento social de pessoas que participaram nessa luta e mobilizaram através das redes sociais. Resumindo, é claramente um movimento social”.</p> <p>R4 – “Não. Um MS engloba mais coisas, engloba mais pessoas, engloba um plano, engloba ... para mim, engloba uma linha de ação propriamente dita, seja de rua, seja ações legais, seja uma série de coisas. (...) um movimento não é um grupo em si. Um movimento é uma ação de vários grupos numa determinada altura e isso sim é o que causa o movimento (...)”.</p> <p>R5 – “Sim, sem dúvida. A partir do momento que entram na cidade e conseguem passar essa mensagem, esses grupos sociais, é porque alguém os leva a sério, alguém que concorda com as suas ideias seja lá o que o grupo social for (...)”</p>	<p>de um MS referindo que um MS engloba uma linha de ação conjunta. Esta linha de ação vai ao encontro do que defende R3, R6, R7 e R8. Um MS é um conjunto de movimentos onde se pressupõe um plano de ação, de organização, e de mobilização, seja através das redes sociais, seja nas ruas.</p>
--	---	--	---

		<p>R6 – “Sim. Eu diria que são uma coisa mais elaborada do que isso. (...). Eu acho que há um setor da população e mais concretamente o setor da classe trabalhadora que não tem uma organização que é a juventude precária. Não é devidamente representada nem pelo movimento sindical e nem propriamente pelos partidos políticos de esquerda. Também não têm propriamente uma forma de enquadrar e organizar este setor. Este setor fica mais ou menos à deriva e com situações complicadas, quer por situações laborais, quer por situações pessoais que são consequência da precariedade”.</p> <p>R7 – “Penso que sim. Porque os Precários Inflexíveis (PI) não existem só na Internet também tem uma estrutura física que convoca ações de rua, que tem contactos com as pessoas, reuniões abertas (...)”</p> <p>R8 – “Não considero a associação um movimento social, mas sim, que faz parte de um movimento social, que está a acontecer por todo o lado, que é as pessoas organizarem-se, arregaçarem as mangas e começarem a resolver os seus problemas com as suas próprias mãos”.</p>	
Surgimento dos MSD	Presença do movimento no Facebook	R1 – “Surgiu da vontade de uns amigos que queriam mudar alguma coisa. Havia muito descontentamento em 2011 por causa do Sócrates, da crise”. “Foi em 12 de março de 2011. (...). Foi uma plataforma extremamente essencial”.	Os movimentos surgiram de forma espontânea e informal.

		<p>R4 – “Foi mesmo por acaso. A ideia quando surgiu originalmente era outra”.</p> <p>R5 – “Surgiu num momento em que várias associações se juntaram para fazer aqui uma plantação aqui na zona do Fórum Algarve. (...) de repetente apareceu muita gente estavam preocupadas (...). Nós estávamos preocupados com aquilo que estavam a anunciar para Portugal e aqui também, no Algarve. (...) foi esse o ponto de partida de forma espontânea num contexto que não tinha nada a ver com o tema. (...). Desde o início. A partir do momento em que decidimos criar o e-mail, o Facebook, temos blogue, temos página também”.</p> <p>R6 – “Na altura considerou-se que não havia uma organização de desempregados, não houve e não há uma organização em nome dos desempregados (...)”</p> <p>R7 – “Na preparação do 1º maio, uma parada dos PI em 2007, penso eu. Pouco tempo depois disso os PI começaram como um movimento informal e depois há cerca de quatro anos tornou-se uma associação que mudou o nome para Associação de Combate à Precariedade dos Precários Inflexíveis”.</p>	
--	--	--	--

	<p>Existência anterior noutras plataformas: blogue, sítio de Internet, outro</p>	<p>R8 – “A associação aparece na sequência do protesto do Geração à Rasca (GR), portanto, as pessoas que fundaram a associação são as mesmas que organizaram o protesto do GR em 2011”.</p> <p>R1 – “Não”.</p> <p>R2 – “Temos um site, tínhamos um blogue (...). Mas o Facebook é a nossa principal plataforma.</p> <p>R3 – “Indignados de Loulé”.</p> <p>R4 – “Nós temos página, temos um grupo, temos um blogue e temos um canal de vídeo. (...). Os vídeos já há algum tempo que não colocamos os vídeos. (...) existe agora um perigo enorme de serem agora denunciados. O Facebook muito facilmente manda abaixo os vídeos e depois nós ficamos bloqueados e qualquer a dia a página desaparece (...)”</p> <p>R5 – “Não existia nada”.</p> <p>R6 – “Só no Facebook. Havia um site do MSE, (...) penso que era o <a href="http://www.movimentosememprego.info">www.movimentosememprego.info</a>, mas penso que foi liquidado depois”.</p>	<p>A maioria surge na rede social Facebook. R2, R3, R4 e R7 já existiam em blogues.</p>
--	--	---	---

	<p>Mecanismo alternativo de comunicação interna: utilização da mensagem privada do Facebook, correio eletrónico ou outro</p> <p>Normas de utilização/normas de conduta</p>	<p>R7 – “Existíamos no blogue e continuamos a existir. O blogue é os precarios.net. O Twitter está bastante parado”.</p> <p>R8 – “Começamos pelo Facebook, na mesma altura que foi criado o blogue”.</p> <p>R1 – “(...) por telefone”.</p> <p>R3 – “Só com recurso às redes sociais, blogue, Facebook”.</p> <p>R5 – “Contactamos por telefone, e-mail, no Facebook criamos também um grupo (...)”</p> <p>R6 – “Essencialmente por mensagem privada do Facebook”.</p> <p>R7 – “Mailing List”.</p> <p>R8 – “Utilizamos mensagem privada do Facebook, o e-mail. Em trabalho colaborativo utilizamos uma plataforma on-line e temos grupos fechados no Facebook”.</p>	<p>A maioria utiliza a rede social Facebook através de mensagens privadas ou de grupos fechados.</p> <p>Todos os entrevistados referem não ter normas de utilização na página do Facebook.</p>
--	--	---	--

	Bloqueio de seguidores	<p>R1 – “(...) sentimos a necessidade de criar grupos que não estão acessíveis ao utilizador comum, onde regionalmente tínhamos o grupo GR Algarve, Lisboa, Madeira, Açores, (...) debatíamos entre a gente. E depois era apresentado no geral, (...) e depois desse geral as conclusões e as temáticas é que eram apresentados no grupo público para recebermos opiniões das pessoas (...)”</p> <p>R2 – “Não. (...). Como temos muitos comentários e muito pouco tempo, portanto, a norma é, não participar nos comentários e não fazer moderação de comentários. Se for algum comentário mais específico ou a fazer alguma pergunta, aí nós podemos comentar”.</p> <p>R3 – “Não, é um grupo aberto, não há grande hierarquia. Mas segue uma série de princípios não escritos (...)”</p> <p>R4 – “Não... acho... Nós já tivemos problemas (...)”.</p> <p>R5 – “Por norma penso que não, nenhuma”.</p> <p>R6 - "Não tenho memória. Penso que não”.</p> <p>R7 – “Não”.</p> <p>R8 – “Não”</p>	Com exceção de R1, R4 e R7, os restantes entrevistados referem
--	------------------------	---	--

		<p>R1 – “Centenas pra te ser sincero porque pessoas que iam ali destabilizar. (...) já tínhamos partidos políticos infiltrados ali no meio (...) tu não podes mandar na cabeça das pessoas e há pessoas que não concordam com tudo o que tu dizes. Há pessoas que não aceitam isso”.</p> <p>R2 – “Não, nunca aconteceu. (...). Mas sei que há pessoas muito enfurecidas com a corrupção (...) mas nós nunca fizemos nenhuma denúncia nem bloqueio. Por um lado, também queremos que as pessoas tanto quanto possível se possam auto moderar”.</p> <p>R3 – “Não, nos IA não”.</p> <p>R4 – “Já (...) nesta página, a tal que temos 68.00 devemos ter neste momento algumas 30 ou 40 pessoas bloqueadas. Porque aparece de tudo, aparece um tipo a postar pornografia (...) a postar conteúdos de índole racista ou fascista (...) eu quando coloco qualquer coisa aparecem sempre pessoas a chamar-me os nomes mais absurdos. Não é discordar comigo, é ofenderem-nos de tudo e mais alguma coisa (...) nós identificamos perfeitamente aqueles que estavam a agir concertados para nos fazer mal. Mas não somos das páginas que bloqueia mais, mas também pode ter a ver com os conteúdos que postamos, é mais para ler, não atrai muito os desordeiros”.</p>	<p>que não houve bloqueio de seguidores.</p>
--	--	--	--

		<p>R5 – “Até agora não. Sei que há alguns que utilizam uma linguagem pouco agradável, mas não, nunca o fizemos”.</p> <p>R6 – “Penso que não”.</p> <p>R7 – “Sim. Penso que já aconteceu. Pessoas que só iam lá insultar e que não iam lá trocar ideias”.</p> <p>R8 – “Não, não tenho conhecimento”.</p>	
Organização	<p>Estrutura</p> <p>Organização</p>	<p>R4 – “A nossa forma, a nossa forma é mais uma de ... lá está, comédia social, jornal pirata, somos a rádio pirata”.</p> <p>R6 – “(...) tem a ver com a dinâmica interna do movimento. (...). Na altura houve de facto atritos entre as pessoas dentro do movimento (...) houve divergências, houve discussões, houve problemas (...) por isso é que o MSE parou a atividade, ou seja, começaram a surgir fricções internas, algumas políticas, outras nem por isso (...)”</p> <p>R7 – “O funcionamento é através de reuniões abertas e a direção trata mais das questões funcionais e práticas. (...). Estamos às segundas-feiras com horário de atendimento para as pessoas que tiverem dúvidas. (...) a associação existe em lisboa e no Porto”.</p>	<p>Excetuando R6, os restantes entrevistados revelam abertura na forma como lidam uns com os outros. R7 tem horário de atendimento à população.</p>

	<p>Problemáticas/lutas</p>	<p>R8 – “(...) uma das coisas que fazemos na nossa associação é a confiança, a transparência, a honestidade, são valores que nós acreditamos que é difícil de viver sem eles e, portanto, é impossível também trabalhar sem eles”.</p> <p>R1 – “A precariedade no trabalho, os estágios não remunerados, de terem a trabalhar a recibos verdes, de receberem pouco e ainda tinham que estar a pagar sobre os recibos verdes (...)”</p>	
<p>Composição dos movimentos</p>	<p>Núcleo duro</p> <p>Voluntários/as</p>	<p>R2 – “(...) estou aqui numa lógica de voluntariado”.</p> <p>R2 – “Há uma direção que tem sete membros e depois há os associados normais... núcleo duro envolvido com cargos na associação de forma voluntária somos cinco pessoas e depois temos perto de mil membros (...)”</p> <p>R2 – “Neste momento ninguém trabalha a tempo inteiro. (...) hão-de estar a trabalhar (...) causa dos projetos que vem por aí”.</p> <p>R3 – “O núcleo duro é muito próximo, chega a ser familiar. Somos de Loulé (...) Muitas vezes os partidos políticos numa fase inicial juntaram-se porque não quiserem ficar de fora porque eram questões de facto de interesse público (...)”</p>	<p>O núcleo duro é composto maioritariamente por voluntários e conforme a disponibilidade de cada um. A participação a este nível é bastante flutuante.</p>

	<p>Relações dos entrevistados/as anteriores ao movimento</p>	<p>R4 – “A página foi aquilo que cresceu mais e basicamente sou eu e outra pessoa, e só.          (...) De vez em quando somos três, de vez em quando somos quatro. Depois aparecem, desaparecem, mas basicamente somos dois”.</p> <p>R5 – “Há um núcleo duro. Geralmente, depende um bocadinho nós nunca sabemos quantos vão aparecer nas reuniões”.</p> <p>R7 – “Não. Vai variando muito com o tempo porque a maioria das pessoas tem vínculo precário”.</p> <p>R8 – “Bastante flutuante porque são todos voluntários e tem as suas vidas cada um (...)”</p> <p>R2 – “A associação foi criada por um grupo de pessoas que já se conheciam. Entrei na fundação da associação, mas não conhecia ninguém (...)”</p> <p>R4 – “Não. Todos através das redes sociais”.</p> <p>R5 – “(...) a Quercus começou a fazer ações com a Local e foi nessa altura que nos conhecemos”.</p>	<p>Alguns dos entrevistados já conheciam alguns membros através das redes sociais.</p>
--	--	---	--

		<p>R7 – “Já conhecia algumas pessoas”.</p> <p>R8 – “Não os conhecia anteriormente”.</p>	
Liderança	Líder	<p>R1 – “Aqui ninguém procurou ser líder. Aqui somos um grupo de pessoas que tem opiniões contraditórias e acredita que muito contraditórias muitas delas e o objetivo é ter um consenso (...)”</p> <p>R1 – “(...) tem que haver sempre alguém que lidera um bocado a questão, se não isto era uma anarquia em que cada um fazia o que queria e não era esse o objetivo. Se quiseres dizer que há um líder nessa situação, sim, tem que haver um líder. Agora, o propósito não é haver um líder, o propósito é haver alguém que oriente (...)”</p> <p>R3 – “Uma característica deste tipo de contactos em rede é que não há líderes. É claro que há sempre pessoas ou que dão mais a cara ou que aparecem mais vezes ou que dão mais as palavras acabam por ser identificadas como tal (...)”</p> <p>R4 – “Não. Eles dizem todos que eu sou o líder, mas não”.</p> <p>R5 – “Não, não. Todos decidem, todos dão opinião, todos são bem-vindos e participam nas reuniões”.</p>	<p>Todos os entrevistados estão em consonância relativamente a não haver um líder nos movimentos. R1 refere que há sempre alguém que lidera, mas só no sentido de dar orientações.</p>

	Delegação de tarefas	<p>R6 – “Um líder nomeado não existia. Há pessoas que tem mais protagonismo por várias razões (...)”</p> <p>R7 – “Não. Há uma direção que é eleita. Desde que nos tronámos associação passamos a ter uma direção que tem doze pessoas (...)”</p> <p>R8 – “Não. Somos uma associação e uma organização absolutamente horizontal. Partilhamos responsabilidades, tarefas (...)”</p> <p>R1 - “Não há um tu tens que fazer isto, tu tens que fazer isto, tem que haver uma organização, entre aspas, tem que haver alguém que faça um tipo de tarefa, mas nunca na situação do tu tens que fazer isto”.</p> <p>R1 - “Aqui não é... não funcionamos como um partido (...)”</p> <p>R2 – “Basicamente sou eu que trabalho (...) na associação essa tarefa cabe-me a mim”. (administrar a página do Facebook)</p> <p>R4 – “Não há. Nós somos tão poucos”.</p> <p>R5 – “Sim, sim é precisamente pra isso que nós nos reunimos”.</p> <p>R7 – “Sim”.</p>	<p>R2, R5 e R7 afirmam que existe delegação de tarefas. Os restantes referem partilha das mesmas.</p>
--	----------------------	---	---

	Disponibilidade	<p>R8 – “Não, porque isso significa que alguém tem mais responsabilidades do que outras. Existe partilha de tarefas”.</p> <p>R1 - “(...) somos pessoas que trabalhamos, alguns, outros infelizmente não, uns tem mais disponibilidade, outros tem menos disponibilidade e é sempre naquela de quem pode, quem pode vir naquela data, quem pode contribuir naquela data, mas nunca naquela de tens que vir, tens que dar, nunca nisso, nunca com a obrigatoriedade do que quer que seja”.</p> <p>R2 – “(...) existe alguma dificuldade em reunir toda a gente, não conseguimos manter esse compromisso mensal (...)”</p> <p>R2 – “(...) as pessoas que estão nas equipas dos projetos quando há disponibilidade dão alguma ajuda à associação, etc., mas o número de colaboradores é muito flutuante pode não haver ninguém, depois há”.</p> <p>R4 – “Depende da disponibilidade de quem estiver naquele dia”.</p> <p>R5 – “Além de sermos associações e muitas das pessoas trabalham, então às vezes depende um pouco da disponibilidade que tem na vida delas (...) estamos muito dependentes disso, da disponibilidade”.</p>	<p>A disponibilidade dos membros é muito flutuante. Existe dificuldade em reunir todos, visto que, alguns trabalham.</p>
--	-----------------	--	--

		<p>R6 – “Um das dez pessoas quando muito. Depois há uma capacidade de arrastamento (...) que é uma coisa comum... (...). Há um conjunto de pessoas que fazem parte daquilo que se poderia chamar de “o campo da esquerda” que participam nestas organizações e iniciativas desta natureza. (...). Depois há um grupo de pessoas de um campo político por assim dizer que é passível de ser arrastado pra iniciativas que são feitas por estas organizações”.</p> <p>R7 – “Numas alturas temos mais disponibilidade, noutras temos menos”.</p> <p>R8 – “Nós temos uma <i>mailing list</i> que tem mais de 100 pessoas, de vez em quando aparecem e isso não é fácil. (...). É conforme a disponibilidade de cada um, mas não temos ninguém pago”.</p>	
Objetivos dos MSD	Objetivos	<p>R1 – “O nosso grande objetivo era pôr as pessoas a falar (...)</p> <p>R1 – “O objetivo aqui era consciencializar as pessoas que o teu problema é o meu problema”.</p> <p>R1 – “(...) o grande feito que eu acho que aconteceu com o GR (...) é o facto de conseguirem... nasceram pequenos grupos como os Precários, nasceram de lá, o que não se conseguiu juntar no GR num todo, fez com</p>	Os objetivos passam pela consciencialização dos cidadãos, dar voz, mobilizar as pessoas em prol de problemas que afetam todos e que a todos dizem respeito.

		<p>que existissem... criaram daqui e dali vários movimentos, associações... foi excelente. Porque nós nunca íamos conseguir dar conta de tudo. Tínhamos que nos despedir todos, e criar uma associação, ter uma sede onde pudéssemos reunir com as pessoas (...). Cresceram esses movimentos, de um movimento global (...). Mantiveram essa situação viva com as diferentes problemáticas da sociedade (...)"</p> <p>R2 – “O objetivo dessa organização é congregar esforços dos cidadãos para o combate à corrupção. Quer as pessoas denunciarem qualquer situação que tenham conhecimento, quer sobretudo agindo como grupo de pressão junto dos decisores públicos. Queremos que as nossas políticas de combate à corrupção sejam conhecidas (...)"</p> <p>R3 – “(...) na sequência da intenção da Troika e do governo português de querer fechar urgências aqui em Loulé. Digamos que foi a grande primeira mobilização de pessoas mobilizadas através das redes sociais com o objetivo de impedir o fecho das urgências (...)</p> <p>R4 – “(...) o nosso objetivo é postar sobre o maior número de assuntos possíveis e isso traz problemas porque junta pessoas diferentes”.</p> <p>R5 – “(...) o objetivo principal mesmo é precisamente acabar com aquilo que está a ser anunciado da exploração tanto do petróleo como do gás”.</p>	<p>Cada movimento tem o seu objetivo específico mediante a problemática que cada um defende, ou seja, precariedade, corrupção, fecho serviços de saúde, direito ao trabalho, exploração de petróleo, entre outros.</p>
--	--	--	--

	Caraterísticas	<p>R6 – “Na altura era o reconhecimento e o cumprimento do direito ao trabalho. O desemprego era por volta dos vinte e tal por cento que era a taxa real. Ainda hoje os números é uma brincadeira que continua a ser feita (...) O direito ao trabalho está legalmente consagrado. As pessoas deviam ter postos de trabalho ou criar postos de trabalho, não postos de trabalho precário (...) mas postos de trabalho efetivos, com direitos onde houvesse o cumprimento da lei que é o Código de Trabalho”.</p> <p>R7 – “Temos um objetivo geral que é combater a precariedade em todas as suas formas e depois em termos mais específicos há grupos de trabalho (..) cada grupo faz um trabalho muito específico (...)”</p> <p>R8 – “O nosso objetivo é impulsionar a cidadania ativa de sustentabilidade social, económica e ambiental. Empoderar as pessoas e organizações no exercício do aprofundamento da democracia”.</p> <p>R3 – “(...) as relações são sempre mais horizontais onde não há uma hierarquia, isso é claro, não é. Muitas vezes há o <i>just in time</i>... (...) não quer dizer que de um momento para outro não haja a perceção de uma injustiça por parte de uma pessoa e que mereça intervenção e mostra isso nas redes sociais para mobilizar pessoas para ir para a rua. (...). Tal como eles apareceram são de facto espontâneos (...) há movimentos que</p>	<p>As relações destes movimentos caracterizam-se por serem horizontais e</p>
--	----------------	--	--

		<p>perduram mais no tempo e outros não (...) é algo do contexto que se passa nesse momento”.</p> <p>R7 – “A relação é horizontal”.</p>	<p>espontâneos. Para além disso, R3 refere o <i>justin time</i>, o que quer dizer que, num dado momento surge uma perceção de uma injustiça e esta é divulgada nas redes sociais para mobilizar as pessoas. A duração destes movimentos podem perdurar ou não dado o contexto.</p>
Reuniões	Frequência	<p>R1 – “Neste momento para te ser sincero com muita pouca frequência aqui no Algarve porque...”</p> <p>R1 – “É tudo muito esporádico, é tudo muito espontâneo. É assim, neste momento em Lisboa (...) há assembleias, há coisas mais regulares (...) por exemplo, os Precários Flexíveis, eles constantemente fazem situações no metro, na rua, percebes para tentar manter viva o propósito deles e tentar trazer pessoas e que as pessoas olhem pra eles”.</p>	<p>Na maioria dos movimentos os entrevistados referem que são realizadas reuniões com alguma regularidade. Os movimentos que se converteram em associações fazem-no</p>

	<p>Motivos</p>	<p>R2 – “A nível interno, tentamos fazer reuniões pelo menos mensais, reuniões de direção e depois de acordo com os projetos que existam (...)”</p> <p>R4 – “Não, nós falamos, nós estamos sempre em contacto diariamente”.</p> <p>R5 – “Semanalmente”.</p> <p>R6 – “Na altura, por Skype, Chat do Facebook com alguma regularidade. (...) A ideia de reuniões regulares quando há pessoas sentadas à volta da mesa e quando há um núcleo no Porto e outro em Lisboa não é muito fácil”.</p> <p>R7 – “Mensalmente”.</p> <p>R8 – “São regulares. Fazemos reuniões gerais talvez uma vez por mês mais ou menos e depois fazemos reuniões de trabalho conforme as necessidades”.</p> <p>R1 - “É o poderes debater, é o poderes saber o que é que se passa, o que é que não se passa. O que é que se pode... que soluções, objetivos, o máximo de soluções. Não é só dizer isto está mal, isto está mal, tentar apresentar propostas que é o não é feito hoje em dia”.</p>	<p>mensalmente porque existe uma direção.</p> <p>Os motivos são diversos: debater, apresentar soluções, propostas, partilhar informação sobre as problemáticas que se</p>
--	----------------	--	---

	Factos que vão surgindo	<p>R4 – “(...) servir como acendalha através da informação (...) para vir alguém para fazer um PODEMOS ou outra coisa qualquer em Portugal (...)”.</p> <p>R8 – “(...) pensaram na associação tanto quanto sei, porque se aperceberam que apesar de ter havido imensa gente a sair para a rua e exigir melhores condições laborais, de vida, de emprego, etc., pouco ou nada mudou, na altura, na orientação das políticas, pelo contrário, as coisas foram piorando e então eles acharam que era preciso que fossem os cidadãos a controlar essas políticas ou pelo menos estarem mais próximas delas para puderem fazer mais pressão e pra isso precisam de estar mais conscientes do seu papel na sociedade”.</p> <p>R1 - “Tenta-se trabalhar as problemáticas atuais (...)”</p> <p>R4 – “Já tivemos disponibilidade de tempo para fazer (...) num determinado mês (...) pegar num determinado tema que ninguém fala. (...). Vou arranjar conteúdos para desenvolver um bocadinho mais esse tema e depois vou arranjar as armas mais pesadas, os documentários, os textos mais elaborados sobre esse tema, ou seja, e vou postando todos os dias de forma regular à mesma hora. (...) houve alturas que fizemos contra a pedofilia, fizemos pelos direitos dos animais, fizemos para</p>	vive num dado momento e exigir melhores condições de trabalho, de vida, social, entre outros.
--	-------------------------	--	---

		<p>variadíssimos temas (...) isso só acontece se for algo imediato com qualquer coisa que as pessoas estão revoltadas naquele momento. E lá está temos também que ter a noção que pode haver pessoas que estão a partilhar apenas o título. Não leram, mas partilham”.</p>	
Reportório	<p>Informação que partilhada na página de Facebook do movimento</p> <p>Teor das partilhas: político, económico e/ou social?</p>	<p>R1 - “Já o foi muito mais... é isso. Neste momento é o tentar debater e tentar perceber ... o que eu tenho notado muito ali é as pessoas lêem o título da notícia e fazem a notícia por elas. As pessoas não se preocupam em abrir a notícia e tentar perceber”.</p> <p>R2 – “O que vimos que tem algum impacto é a partilha de notícias (...) porque mexe mais com as pessoas e é mais mobilizador. (...) não temos muita capacidade para produzir vídeos próprios. (...) a maior parte é notícias sobre questões políticas de combate à corrupção (...). Geralmente as nossas publicações é uma notícia com uma frase qualquer. Não é uma coisa que tenha muita leitura. Transformar esta massa de seguidores em militantes e isso é uma coisa que ainda não fizemos essa prova. Estamos a começar a desenvolver outro tipo de ferramentas e coisas desse género e também promover encontros não só cá em Lisboa, mas também no Porto para tentar mobilizar mais as pessoas”.</p> <p>R3 – “Apareceu muito ligado ao combate das políticas de austeridade”.</p>	<p>O reportório por parte dos movimentos passa pela partilha de informação, documentos, comentários direcionados à sua problemática.</p> <p>R6 é bastante crítico no que se refere às formas e ações de luta, considerando que estão esgotadas e sem qualquer inovação.</p>

		<p>R4 – “Nós começamos a pegar em informação (...) Fomos das primeiras pessoas aqui em Portugal a falar a começar a falar ..., mas a falar como deve ser em assuntos seja ele Clube Bilderberg, seja transgénicos. (...). Há mais assuntos, há mais temas. Este tema agora das certas pessoas que não pagam impostos. (...) são temas que nós não vemos no mainstream a não ser que eles sejam mesmo forçados a falar no assunto. (...). Também nos metemos num grande caldinho que é a tradução de matérias, ou seja, artigos que temos fantásticos que não existem em português, ninguém os está a traduzir em português (...). Nós temos vídeos legendados nossos no Youtube porque não apanhamos em lado nenhum legendados então traduzimos nós e legendamos”.</p> <p>R5 – “Tudo ligado à energia. Só petróleo ou só gás, não pelo contrário, por vezes publicamos alternativas, coisas, estudos de universidades que estejam a investigar alternativas, opiniões de jornalistas, de pessoas conhecidas na sociedade (...). Medidas do Governo só se tiverem a ver, sim, só com o petróleo e o gás”.</p> <p>R6 – “Não há muitas diferenças entre um grupo e outro (...) estão sem grandes sucessos para apresentar, possivelmente porque estão a apostar em formas de luta que estão esgotadas. Estão sistematicamente a propor a fazer blogues próprios, a fazer manifestações sobre o 25 de Abril e sobre o 1º de Maio, depois são as petições à Assembleia da República.</p>	
--	--	---	--

	<p>O papel da sátira, humor, <i>cartoons</i> e caricaturas, na ação do movimento estratégias utilizadas para passar a mensagem</p>	<p>São ações de luta que já foram testadas e que não funcionam, estão esgotadas. O problema não é a divisão de esforços, é estar-se a repetir formas de luta que já não funcionam e que não estão a funcionar”.</p> <p>R7 – “Sim. Nós temos muita atividade na página. Até há um ano atrás fazíamos mais produção de conteúdos próprios”.</p> <p>R2 – “(...) fizemos poucas vezes (...) às vezes o humor é mal-entendido e mal interpretado e nós temos uma organização com conhecimento académico com o objetivo de mobilizar as pessoas, portanto, nós não queremos criar situações de confronto. (...) nota-se alguma irritação por parte das pessoas essencialmente com os políticos e com o sistema político. (...) a raiva tem pavio curto e não é fator de mobilização continuada das pessoas”.</p> <p>R3 – “A sátira por si só pode não ter muito efeito e quando se quer mobilizar alguém para sair à rua, para a ação não chega”.</p> <p>R4 – “Nós fazemos uso da imagem... nós gostamos de ser satíricos, sim, adoramos meter veneno. Ah, adoramos”.</p> <p>R5 – “Não, não é a nossa prioridade, mas de vez em quando, sim”.</p>	<p>Na sua maioria referem que recorrem à sátira para fazer passar a mensagem. R2 refere alguma contenção no uso deste tipo de expressão, referindo que não é fator de mobilização.</p>
--	--	---	--

	<p>Eficácia e influência na de mobilização na utilização deste tipo de expressão</p>	<p>R7 – “Sim, sim”.</p> <p>R8 – “Sim, recorreremos à sátira. Fizemos uma brincadeira dessas numa ação de rua”.</p> <p>R1 – “(...) é a forma mais fácil de e menos trabalhosa para quem recebe a informação. Tu não tens que pensar muito, as pessoas não têm que pensar muito. Consegues receber facilmente a atenção das pessoas (...) te garanto que 99% das pessoas vão ver o cartoon do que se puseres uma notícia (...) Pá aquela imagem do miúdo refugiado que deu à costa que estava na praia morto, porquê que teve um impacto brutal? Porque as pessoas absorveram aquela imagem e não tiveram que ler nada, os cérebros delas não tiveram que pensar em nada, aquela imagem fala por si só. Não deixa de ser importante desde que passe a mensagem”.</p> <p>R2 – “(...). Tem um enorme potencial, é mais apelativo desde que não se banalize (...)”.</p> <p>R3 – “Pode resultar para chamar a atenção (...). Nós não recorreremos muito a isso, posso dizer que recorreremos muito a cartazes com imagens associados aquilo que se pretende para mobilizar as pessoas. Isso tem um efeito muito poderoso (...) há um conjunto de mensagens com imagens com um sentido negativo que são divulgadas pelas redes sociais</p>	<p>Todos referem a eficácia na utilização deste tipo de expressão para passar a mensagem. É mais apelativo a utilização da imagem do que o texto.</p>
--	--	---	---

	<p>Restrição no uso desta forma de expressão</p>	<p>cujo objetivo é denegrir certas pessoas (...). Tem eficácia. Por exemplo, com o cartaz do Bloco de Esquerda funcionou ao contrário”.</p> <p>R4 – “Às vezes os conteúdos até podem ser imagens, funciona que é uma maravilha porque a malta detesta ler. (...) a pessoa tem tanta solicitação de tanta coisa gira (...) muitas vezes o objetivo da imagem é chamar a atenção da pessoa. (...) eu tenho a noção que o primeiro contacto que as pessoas têm com a página é por causa do bonequinho engraçado. (...) eu não consigo atrair as pessoas com um artigo que vai levar dez minutos a ler, não vou. (...). É muito eficaz, agora, eu tenho que ter mais do que a imagem páquilo que eu chamo dar corpo à página (...)”.</p> <p>R5 – “Para passar a mensagem tenho a noção que é eficaz”.</p> <p>R6 – “Como sabemos a imagem é mais apelativa do que o texto e inevitavelmente chama mais a atenção das pessoas”.</p> <p>R7 – “Há formas diferentes de passar diversas mensagens e essa é uma forma que é válida”.</p> <p>R8 – “Sim. Sabemos que é muito eficaz”.</p>	<p>A utilização da sátira deve para três dos entrevistados ter alguma restrição e</p>
--	--	---	---

		<p>R1 – “(...) para cada ação há uma reação, ou seja, é assim, não concordo... ou melhor, há coisas que são exageradamente, são fortíssimas não é, mas se calhar se não fossem fortíssimas tu não estavas a falar delas (...) uma coisa é teres liberdade de expressão, outra coisa é abusares da liberdade de expressão ao expoente máximo de partires pró insulto a outra pessoa, ou a outra entidade. (...) não vivemos na república das bananas. Isto não pode ser... ninguém pode... não podemos andar a dizer aquilo que queremos, pá tem que haver bom senso nas situações, é claro que, (...) no outro lado do mundo vai haver um maluco que há de te querer limpar o sebo. Claro que a tua opinião vai sempre ser contrária à de alguém (...) caso contrário, não tens opinião e simplesmente trabalhas, casa, casa, trabalho, não falas com ninguém. Não se pode dizer tudo o que se quer, mas às vezes é necessário, (...) para passar a mensagem”.</p> <p>R3 – “Deve. Acho que deve ter limites na sua utilização. Há pessoas pagas pelos partidos políticos que andam pelas redes sociais para denegrir partidos opostos ou pessoas que sejam incómodas. Fazem coisas horríveis como a difamação das pessoas sem fundamentação. Para mim é simples, quando alguém viola a lei, os tribunais têm que atuar”.</p> <p>R4 – “Eu gosto é de uma coisa que é um mínimo de bom senso (...) uma pessoa que eu detesto (...) é o Cavaco Silva (...) Mas não vou colocar o</p>	<p>algum bom senso na sua utilização. Os restantes defendem que não deve haver qualquer tipo de restrição.</p>
--	--	---	--

	<p>Uso de outros meios fora do âmbito do Facebook: cartazes, panfletos, outros.</p> <p>Financiamento</p> <p>Financiamento para estes meios</p>	<p>Cavaco Silva em poses sexuais (...) Há melhores formas de te dizer as coisas do que sugerir (...) eu gosto de colocar a bolinha de palhaço no nariz (...) há cartoonistas muito giros, que fazem as coisas com muita piada, mas acho que existem coisas que se nós colocarmos, eu acho que estamos a insultar a nós próprios. (...). Eu acho que é assim que se faz as coisas, pá pode-se usar até um certo nível, pode-se manipular as imagens até determinado ponto, lá está, nós estamos a desprezar o trabalho que estivemos a fazer”.</p> <p>R5 – “Não, não, acho que não. Podemos não concordar, mas não. (...) acho que as pessoas têm que entender que a opinião é de cada um e se alguém se sentir ofendido, pois segue o caminho normal, há tribunais (...)”</p> <p>R6 – “(...) não deve haver qualquer restrição no seu uso”.</p> <p>R7 – “Não. Deve estar limitado pelo bom senso das pessoas”.</p> <p>R8 – “Não. Na nossa carta de valores está escrito que todas as pessoas têm direito à informação e à liberdade de expressão, opinião e informação”.</p>	<p>Para financiar este tipo de materiais, os entrevistados referem que o contributo é a título voluntário. Para além das quotas das associações cujo valor</p>
--	---	--	--

		<p>R1 – “Os Precários Inflexíveis recorrem bastante (...) Na AR eles... lixaram aquela merda toda com cartazes, colaram aquilo tudo com cartazes (...) tens que arranjar alternativas porque nem toda a gente tem acesso a um computador (...) tens que tentar abranger todos os públicos”.</p> <p>R1 – “Eu dou 1 euro, tu dás 1 euro... nós fomos a Lisboa para irmos à reunião do GR a nível nacional (...) cheguei ao pé de um amigo (...) e disse-lhe “sabes quanto dinheiro é que eu tenho, tenho zero” (...) disponibilizou uma carrinha, um dispositivo de portagens e um tanque da carrinha cheio com um vale de mais 50 euros para pôr gasóleo. (...) fomos ao IPJ eles imprimiram os cartazes é um bocado de contrassenso (...) custo zero sempre, tipo investimento zero (...). Isto não é uma associação (...) O dinheiro tem que aparecer de algum lado, é tipo, eu dou 5, tu dás 5, ele dá 5, que pode dar 1 dá 1, quem pode dar 2, dá 2”.</p> <p>R2 – “Temos uma quota anual que neste momento está em 12 euros por ano. Dá um euro por mês”.</p> <p>R3 – “Implicou também para além das redes sociais fazer cartazes mandados imprimir com o nosso dinheiro (...)”</p>	<p>é de 1€ por mês, não tem qualquer financiamento externo.</p>
--	--	--	---

		<p>R4 – “É muito difícil pensar como financiar uma coisa destas, é muito difícil, mas tem que ser o futuro, nós temos que ter ativistas profissionais. (...). É isto queremos fazer sem apoio de ninguém, nem sindicatos, nem partidos, nem de nada. O único financiamento que nós gostávamos de ter era das pessoas que nos seguem”.</p> <p>R5 – “Sim, fazemos e é tudo voluntário”.</p> <p>R7 – “O nosso financiamento vem das quotas que os nossos associados pagam. Com esse dinheiro conseguimos comprar esses materiais. Não temos qualquer tipo de financiamento externo. (...) o preço mínimo (da quota) é um euro por mês, ou seja, doze euros por ano”.</p> <p>R8 – “Temos alguma dificuldade em planear a longo prazo porque não temos financiamentos ou quase não temos financiamentos. Realmente é difícil fazer este planeamento a longo prazo é mais a curto prazo. (...). Nós temos quotas. Mas o financiamento vem de donativos”.</p>	
<p>Conversão para um partido político</p>	<p>Caso do PODEMOS em Espanha</p>	<p>R1 – “Isso era um ... aqui houve um grande entrave. Não é um entrave é um pouco da mentalidade portuguesa (...)”</p> <p>R1 - “O PODEMOS em Espanha o que é que fez? Eles aproveitaram-se um bocado da ideia que foi criada e ainda bem que o fizeram, e falando bom português tiveram os tomates que não houve cá em Portugal. “(...)</p>	<p>O PODEMOS em Espanha converteu-se num partido político com o apoio da população. R1 refere que em Espanha existe</p>

		<p>não saiu nas notícias, não deu nas notícias, porque não interessa dar nas notícias, mas muitas pessoas que fizeram parte do movimento tiveram que abandonar porque simplesmente foram ameaçadas ponto”.</p> <p>R1 - “Em Espanha o que aconteceu com o PODEMOS foi que eles conseguiram ter um apoio a nível do povo tás a ver que, enquanto aqui se desmobilizou (...)”</p> <p>R1 – “Eles no PODEMOS tiveram também muitas represálias só que eles tiveram coragem de seguir em frente”.</p> <p>R2 – “Não, não. (...) há pessoas que falam nisso, mas nunca foi o nosso objetivo. (...) dentro da associação há pessoas que são de todos os quadrantes políticos de esquerda ou de direita, e depois nós achamos que aquilo porque estamos a lutar é uma coisa de ação cívica, precisa de alguma pressão dos cidadãos sobre os partidos políticos (...) dentro dos partidos políticos existem pessoas que se interessam por essa luta (...) mas o nosso papel é fazer pressão dos cidadãos sobre os partidos políticos e não tentar substituir os partidos políticos”.</p> <p>R3 – “Não, de maneira nenhuma. Essa é uma questão interessante. (...). A razão é muito simples. Os partidos políticos tornaram-se organizações muito hierarquizadas, controladas e com interesses que estão em jogo”.</p>	<p>mobilização, coragem e participação com base nas assembleias populares. Os restantes entrevistados referem não ser esse o interesse por parte dos seus movimentos apartidários.</p>
--	--	--	--

		<p>R4 – “Nós não. Eu tenho a ambição de juntar vinte, trinta, quarenta pessoas e fazer um órgão de comunicação social alternativo a sério, mas, ah, nem pra isso as pessoas se organizam, nem pra isso, quanto mais um partido político. (...) depois do 25 de abril, início dos anos 80 (...) nós tínhamos, fossem os clubes de livros, fossem clubes de xadrez, ou de jogarem à bola, ou jogarem basket. Aquelas associações de moradores que faziam as festas de Santo António, do São João, já reparaste como agora não há nada disso, não há nada disso. A pessoa sai do trabalho e fecha-se em casa. Os espanhóis têm muito as assembleias populares (...) que é a base para depois crescer tudo (...)”</p> <p>R5 – “(...) isso até seria impossível porque somos associações nunca poderiam fazer isso nem temos ambição. São completamente apartidários e a maioria pertence a associações ambientalistas nunca iria por esse caminho”.</p> <p>R6 – “Não, Não. O MSE como dizia neste momento já está liquidado, não existe, não tem atividade há mais ou menos três anos (...) na altura algumas pessoas que estavam no movimento já tinham partido político, outros não tinham, outros não queriam ter, portanto, criar um partido político a partir de um movimento nunca se colocou. Admito que possa ter havido pessoas que pensaram nisso (...)”</p> <p>R7 – “Não, não”.</p>	
--	--	--	--

		R8 – “Não. A associação tem como finalidade ser uma associação, ou seja, nós não somos nem de esquerda nem de direita (...)”	
Mudanças	Capacidade para mudar a situação política	<p>R1 – “Sinceramente não. (...) A situação política acho que não. Acho que há um sistema tão bem implementado que dificilmente alguém consegue penetrar como que está a haver atualmente. (...) o maior objetivo não é mudar a situação política é mudar a situação do povo, é mudar”.</p> <p>R2 – “(...) sensibilizar o máximo de cidadãos e conseguir colocar algumas questões práticas em cima da mesa. (...) nós trabalhamos em cinco áreas grandes. Primeira é a sensibilização pública que é isto, é a organização de conferências, seminários, é a participação da comunicação social, das redes sociais e tudo isso. Há uma segunda fase que é de pesquisa, de investigação, de desenvolvimento para a produção de conhecimento (...) e até académico que depois permite fazer recomendações para fazer reformas políticas, etc. A terceira, políticas de combate à corrupção que estão a ser implementadas e há até organizações internacionais que fazem avaliações periódicas a Portugal para saber como é que nós estamos a aplicar as convenções internacionais de combate à corrupção. (...) E uma última fase que é a do lóbi político, ou seja, é fazer pressão com base no conhecimento (...)”</p>	R2, R5, R7 e R8 afirmam que conseguiram realizar mudanças nas políticas. Seja com o Governo, e entidades públicas, para além da sensibilização dos cidadãos, na partilha de informação e através do debate, os cidadãos passaram a ter conhecimento sobre determinadas matérias que até aí estavam escondidas.

		<p>R5 – “Em parte sim, porque foi com a nossa insistência que a Entidade Nacional do Mercado de Combustíveis (ENMC) começou a publicar mais coisas (...) tivemos uma influência inicial de certeza absoluta”.</p> <p>R7 – “Já. Fizemos, por exemplo, mais paradigmático, é uma iniciativa legislativa de cidadãos que fizemos em que recolhemos 40.000 assinaturas com proposta de três projetos de lei. Uma sobre as empresas de trabalho temporário, outra sobre contratos a prazo e outra sobre falsos recibos verdes. Essa iniciativa legislativa foi aceite na assembleia, no parlamento, foi discutida no parlamento e depois discutida na comissão o que originou a Lei 63/2013 que é a do combate aos recibos verdes”.</p> <p>R8 – “É bastante difícil medir exatamente o que é que se obtém (...) o último projeto que nós desenvolvemos sobre a questão da gentrificação e do turismo em Lisboa e que desenvolvemos nos últimos meses com mais força, a verdade é que antes de começar não havia informação em lado nenhum sobre este problema. Parecia que estava a ser escondido ou que estava invisível e agora fala-se do problema. Achamos que ajudamos em abrir essa discussão, agora, até que ponto é difícil de dizer”.</p>	
Comunicação Social		R1 – “E o nosso objetivo é pegarmos de algum modo pegar, e é uma luta muito grande, é pegar nos media que vendem aquilo que o Governo, a	

	<p>Relação com a comunicação social</p>	<p>nível governamental, querem que tu comas e tentar perceber isto passou-se assim, isto não se passou assim, o que é que está a acontecer, o que é que não está a acontecer”.</p> <p>R1 – “É claro quem quer que seja que tenha um movimento, instituição, associação depende sempre deles (...) Porque eles movimentam massas (...) Porque eles podem-te dar muita coisa, mas também te podem tirar muita coisa (...) já não se fala em lápis azul, mas continua a existir. Continuas a ter jornalistas a tentarem publicarem notícias que simplesmente não são publicadas porque são incómodas (...) porque vão afetar alguém com poder. E, nós tentamos desassociar sempre muito... pra já porque tínhamos uma plataforma que era o Facebook e cresceu gigantescamente a nível de grupo, a nível de página, cresceu de uma forma brutal que ninguém estava á espera. (...) E depois chegamos a uma altura que não podíamos confiar quase uns nuns outros quanto mais numa comunicação social (...)”</p> <p>R2 – “Sim. A relação com a comunicação social tem sido boa. Nós fazemos comunicados de imprensa (...)”</p> <p>R3 – “Eu diria que nunca foram só as redes sociais, houve sempre ações de rua, portanto, nós tentámos sempre tudo o que organizássemos, lançar na praça pública através dos meios de comunicação social”.</p>	<p>A informação que a CS partilha está direcionada para a diversão e menos para os conteúdos informativos. Tem o poder mobilizador das massas e influência nas suas opiniões.</p>
--	---	--	---

	<p>Cobertura das atividades/ações do movimento</p>	<p>R4 – “Não é por acaso que eu acho que o mais importante que se podia fazer era fazer um órgão de comunicação social alternativo”.</p> <p>R5 – “Não há problema nenhum com a rádio. A rádio por acaso é mais aberta. A televisão é mais complicada. (...). Na televisão ultimamente tem sido mais para entretenimento e diversão (...). Eu acho que as pessoas também têm culpa não só as televisões (...) nós também estamos a ajudar um bocadinho o facto de não exigirmos deles um pouco de qualidade”.</p> <p>R8 – “Quer dizer em termos absolutos é má, mas isso é porque a comunicação social hoje em dia é péssima. Passam coisas que não interessam a ninguém”.</p> <p>R2 – “Temos tido alguma cobertura no que tem a ver com relatórios ou coisas que acrescentam alguma coisa em termos de conhecimento sobre o fenómeno da corrupção. Nós estamos a dinamizar já há três anos um índice de transparência municipal que faz o ranking das câmaras municipais nacionais em termos de contratação pública que tem tido uma excelente cobertura (...) quer a nível regional quer a nível local, e há sempre órgãos de comunicação social regionais que fazem o comparativo com os municípios que estão à sua volta criando uma</p>	<p>Com exceção de R4, todos os entrevistados referem terem tido cobertura em algumas das suas ações. Parte destes movimentos são contactados pelos jornalistas devido à sua especificidade</p>
--	--	---	--

		<p>dinâmica muito interessante. (...) a maior parte das câmaras começou a publicar muito mais por causa deste ranking. (...) relativamente às iniciativas que temos e às tomadas de decisão (...) começamos a ser procurados pelos próprios órgãos de comunicação social (...). Vamos à televisão ou saímos nos jornais em casos, como por exemplo, o do Sócrates ou dos Vistos Gold. A comunicação social já vem ter connosco, portanto, é sinal que nos reconhecem como porta-vozes idóneos nessa área”.</p> <p>R3 – “Deram muitas vezes cobertura. Muitas vezes pegaram nos nossos comunicados e deram seguimento. Alguns jornalistas telefonaram por causa da questão do petróleo e da saúde para explorarem melhor o que se estava a passar”.</p> <p>R4 – “Sim, mas eu não lhes dei importância nenhuma. E já os usei. Na altura que nós tínhamos realmente mais visibilidade. Eu notava que nós eramos seguidos pelos jornalistas. Eu chegava a ver os conteúdos que eu postava na terça-feira publicados em jornais na quarta ou na quinta inclusive até com a mesma fotografia que eu meti na página e tudo”.</p> <p>R5 – “Aqui na região sai sempre a informação. A nível nacional, prontos, só mais de vez em quando (...) quando criamos a plataforma houve vários jornalistas e a televisão a ligarem-nos (...). É muito importante as</p>	<p>como R2 ou R5. Para além disso, também libertam comunicados de imprensa para a comunicação social.</p>
--	--	--	---

	<p>Visibilidade</p>	<p>pessoas lerem (...) mas depois vai dar ao mesmo sítio, vai dar ao Facebook”.</p> <p>R6 – “Já assisti a cenas na altura da Geração à Rasca, por exemplo, de a cobertura ter sido uma coisa quase absurda. (...). Também já vi o contrário, já vi organizações e iniciativas que ninguém falou (...) acho que a comunicação social funciona mais ou menos... se achar piada à iniciativa vão falar muito daquilo ou se for uma novidade, (...) O GR era uma coisa nova, uma coisa mais ou menos interessante. Tinha um nome (...) o MSE não tem um nome espetacularmente inovador como o Que Se Lixe a Troika. Não éramos uma coisa telegénica que vendia na televisão (...)”</p> <p>R7 – “Temos tido uma cobertura bastante razoável. Quando fazemos, lançamos comunicados de imprensa e como os PI já são um nome mais ou menos conhecido pelas questões da precariedade, às vezes eles próprios têm a iniciativa de nos telefonarem para saber determinadas tomadas de posição sobre estas questões. Agora, poderia ser sempre melhor”.</p> <p>R8 – “Sim, temos alguma cobertura. (...). Já foram feitas algumas peças à volta das nossas atividades e à volta da nossa associação. (...) acho que depende do tema e se interessa ou não à comunicação social. Ou seja,</p>	<p>A comunicação social não dá visibilidade às ações dos movimentos a não ser que exista uma grande</p>
--	---------------------	---	---

		<p>não nos sentimos excluídos ou privilegiados em relação às outras associações, acho eu”.</p> <p>R1 – “(...) a comunicação social olha sempre pró mesmo lado, percebes”.</p> <p>R1 – “Chegou a uma altura em que de início nós éramos os chamados revolucionários. Éramos chamados de muitas vezes de lunáticos pela comunicação social, mas a comunicação social estava no nosso lado, (...) ou seja, queriam ter uma notícia do que estava a passar. (...) vários comentadores políticos... hoje em dia um deles é o nosso Presidente da República, diziam isto faz-se bem com o povo, os jovens venham e saiam à rua, e depois perceberam que não eram só os jovens e perceberam que estavam 500.000 mil pessoas na rua com uma brincadeira, entre aspas, num evento no Facebook. Pá, isto causou a nível político, isto foi um choque pra eles, porque ninguém estava á espera desta grandiosidade. (...) automaticamente os meios de comunicação social que tavam disponíveis pra nós, deixaram... (...) começaram a sair notícias que ninguém da organização tinha falado, (...) começou-se a tentar fazer a manipulação da situação inversa, (...) Pá, eles ligavam todos os dias e eu dizia-lhes “pá, não leves a mal, (...) E eles tiveram que respeitar porque são dados viciados. Mas eles são essenciais. (...)”</p>	<p>mobilização em prol de uma causa. O Facebook conforme referem R1 e R5 é o meio mais preponderante.</p>
--	--	---	---

	<p>Poder</p>	<p>R1 – “Para te ser sincero é o Facebook. Porque lá conseguimos ser independentes, (..) o que sai no Facebook foram esses movimentos que escreveram não foi ninguém que escreveu por eles. E isso a meu ver é muito importante num movimento social. Porque quando tu deixas alguém escrever por ti deixam de ser as tuas ideias, deixam de ser as tuas vontades, ou seja, passam a ser as ideias de alguém ou a vontade de alguém”.</p> <p>R5 – “É o Facebook, talvez, sim”.</p> <p>R8 – “(..) o tal projeto de gentrificação foi feita uma entrevista ao promotor (..) mas antes disso tínhamos feito uma série de eventos sobre a cidade e sobre a segurança e enviámos uma nota de imprensa e não saiu nada”.</p> <p>R1 – “Os media manipulam segundo... tudo o que eles querem. Pá tu és pequenino, não tens poder, não tens visibilidade, é pá, eles não te vão dar visibilidade nenhuma, percebes. Porque tu não interessas a ninguém... a ninguém”.</p> <p>R4 – “A SIC é controlada por quem mandou nisto tudo estes anos todos. E quem mandou nisto todos estes anos foi o Pinto Balsemão (...) A SIC</p>	<p>R1 e R4 referem que existe manipulação por parte da comunicação social e de quem detém o poder.</p> <p>R4 é muito contundente no que se refere o poder instituído nos media, as suas ligações e na influência que tem na mobilização ou não dos cidadãos em prol de uma causa.</p>
--	--------------	---	---

		<p>é uma televisão, um grupo de interesses. (...) A TVI (...) é também um grupo de interesses. A RTP idem (...) se há muita gente na rua e interessa acabar com aquela porcaria nós temos que meter medo às pessoas (...). Intimida-se as pessoas com técnicas das mais variadíssimas formas. É os polícias que lá estão à frente é o mais Robocop possível (...) na próxima manifestação em vez de estarem 5.000 estão 200 pelos mais variadíssimos motivos. (...). Por isso é que temos imagens no Brasil, na Turquia, no Egito (...) Em Espanha, na Grécia e até no Canadá, nós temos imagens, temos provas, provadas está em filme, em que elementos da polícia e às vezes pelotões autênticos da polícia são usados nas manifestações (...) E o que é que as televisões fazem? Embarcam nisso e metem medo às pessoas. (...) O que é que eu oiço nas televisões? Que isto é uma crise, é uma crise, é uma crise. Não há alternativa, não há alternativa (...) não podemos ser inocentes ao ponto de se achar que os media não têm aqui um papel fundamental nisto tudo. (...) Prova disso é que os maiores media a nível mundial são dominados por empresas”.</p>	
<p>Iniciativa e Pró-atividade dos seguidores dos MSD</p>	<p>Número de seguidores na página de Facebook</p>	<p>R1 – “Já vai em 16 mil (...)”  R2 – “Quarenta e tal mil seguidores”.  R3 – “Cerca de 330 seguidores”  R4 – “Neste momento 68.000”.  R5 – “5.588 até ontem em menos de um ano”.  R7 – “Cerca de 16.000”</p>	

	<p>Iniciativas propostas pelos seguidores</p>	<p>R8 – “Cerca de 4.000 e tal seguidores”.</p> <p>R3 – “O que tem acontecido são pessoas a pedirem-nos para divulgar eventos (...)”</p> <p>R4 – “O que é que o nosso leitor fazia muitas vezes? Complementava com links dele aquilo que nós esperávamos (...) houve ali uma altura que parte do trabalho era das pessoas que faziam. Havia ali um ambiente de complementaridade e de ir buscar mais, que eu não vi em página nenhuma nem em Portugal nem no estrangeiro, não vi em mais nenhum e eu sigo muita coisa e eu não vi. Quando recomeçamos a página outra vez, o ambiente está outro (...) não é só na nossa página é nos grupinhos todos do Facebook (...) as pessoas estão tão quezilentas, tão mal-educadas no Facebook que é uma coisa que eu não tinha visto (...) não sei explicar, mas o Facebook está neste momento muito mal ... e se calhar, lá está, às páginas tantas deixar de postar os conteúdos, postar apenas uma imagemzeca, postar aquilo que é rápido. É difícil neste momento postar algo para as pessoas lerem (...)”.</p> <p>R5 – “Sim, sim. Temos muitas pessoas que nos dão ideias”.</p> <p>R6 – “(...) não que eu tenha conhecimento”.</p>	<p>Alguns dos entrevistados referem que alguns seguidores dão ideias, mas não especificam quais. Algumas destas ideias são retiradas através dos comentários que os seguidores colocam.</p>
--	---	--	---

	<p>A participação dos seguidores em relação à página</p>	<p>R7 – “Estamos atentos aos comentários e se virmos que tem fundamento falamos em reunião”.</p> <p>R8 – “Sim, sim. Seguidores e não só. Se houver pessoas que nós achámos que estão dentro do assunto que nós queremos tratar, que são mais capazes do que nós (...)”</p> <p>R1 – “Há, há muita participação (...) há os mesmos 4 ou 5 sempre que nós já conhecemos, conhecemos on-line que debatem a situação connosco. Se aparecer no Jornal da 8 nas notícias tens mil pessoas a responderem-te, porque foi notícia. (...) as pessoas papam tudo o que querem na televisão”.</p> <p>R1 – “(...) no dia 12 de março saiu tanta gente à rua... (...) E por ter aparecido no telejornal, as pessoas almoçaram e vieram pra rua porque se não tivesse sido noticiado... é por isso que eu te digo até certo ponto os media são positivos (...) tenho noção que 50% tinham noção que sabiam que iam aparecer na televisão. (...) porque as pessoas queriam aparecer, ponto. E depois eu perguntava-lhes “então estás a reclamar do quê?” “estás a manifestar-te contra o quê?” E eles “contra nada” (...). Podes ter 100 mil likes numa organização do que é que isso te serve se depois só te parecem 10, percebes”.</p>	<p>Existe bastante participação nas páginas do Facebook de cada um dos movimentos. Esta participação dinamiza as páginas através de comentários, de likes, partilhas, entre outros.</p> <p>R2 refere que gostaria que o Facebook não servisse apenas como ponto de informação e de difusão.</p>
--	--	--	---

		<p>R2 – “São ativos segundo os padrões do Facebook são os padrões ideais (...) nós todos os dias conseguimos colocar lá alguma coisa, temos um feed que vai aparecendo, temos gostos, etc., não é daqueles feeds escondidos. Portanto, as pessoas participam muito, põem gostos, partilhas, comentários e encaminhamento, aí funciona bem. Em termos do Facebook estamos satisfeitos (...)”.</p> <p>R2 – “(...) para que as pessoas sintam que vale a pena ter uma participação maior para além das redes sociais. Eu gostava que as redes sociais fossem um ponto de mobilização e não apenas um ponto de informação ou de difusão”.</p> <p>R3 – “(...) não tenho a certeza de que existam seguidores (...). O que estou a dizer é que provavelmente a página é consultada, ela prevê que se suscite debate, mas não diria que há propriamente seguidores do movimento ou da página”.</p> <p>R3 – “De início a participação era muito forte. Quando era Indignados Loulé estava muito ligada à Troika, depois passou a IA. A mobilização e a participação no início foram muito fortes. A página da PALP também é forte”.</p>	
--	--	--	--

	<p>Manifestações de vontade por parte dos seguidores em participar nas ações na página do Facebook <i>versus</i> participação em contexto real/local</p>	<p>R4 – “Posso ter uma página do Facebook com 200.000 likes, ok, mas só apareço no feed de notícias de 200 ou 300 pessoas. Há medida que as pessoas vão fazendo likes noutras coisas, os likes antigos vão deixando de aparecer no feed de notícias. (...) eu neste momento peço envolvimento às pessoas, mas não existe”.</p> <p>R5 – “(...) quando pedimos ações no Facebook temos bastante participação”.</p> <p>R7 – “Muitas pessoas vêm ter connosco porque já ouviram falar de nós através das redes sociais”.</p> <p>R8 – “Eu diria que o Facebook é mais dinâmico, atrai mais a atenção das pessoas e depois o blogue está ali para as pessoas verem o que é que já passou e o que virá”.</p> <p>R3 – “Está muito dependente dos contextos e das causas, das coisas que acontecem. há sempre um hiato muito grande entre as pessoas que clicam gosto num determinado evento e aqueles que aparecem no local (...)”</p> <p>R4 – “É um pau de dois bicos, um pau de dois bicos. É, como já metei um like já ajudei e isso acontece com 95%, 97% das pessoas. Meti o like,</p>	<p>Todos os entrevistados reconhecem que há um grande desfasamento entre a participação na página do Facebook e a participação em contexto real.</p>
--	--	---	--

	<p>Recursos mais utilizados pelos seguidores: comentários, imagens ou vídeos</p>	<p>já ajudei, já fiz o que tinha a fazer. Estas redes sociais enquanto as podemos usar (...) isso também vai dar uma volta. Serve só para espalhar informação”.</p> <p>R5 – “Não, nunca corresponde. Depende um bocadinho também de qual é ação. (...). Nós temos, por exemplo, 5000 likes e digamos que as pessoas que venham pelo Facebook, talvez consiga chegar aos quarenta/cinquenta (...) há uma grande diferença mesmo (...) eu acho que é muito importante as pessoas participarem e irem ao local, mas o Facebook também serve para passar a mensagem mesmo que a pessoa não vá”.</p> <p>R6 – “Sim, na altura havia muito mais gostos do que pessoas. (...). Há claramente esse desfasamento”.</p> <p>R8 – “Temos claramente a noção de que existe uma discrepância entre o número de pessoas que colocam que vão aos nossos eventos e aqueles que aparecem efetivamente”.</p> <p>R5 – “Mais comentários. Depois também se tornam um bocadinho PALP porque pesquisam e colocam também nos comentários alguns links a falar sobre o assunto, mas mais comentários, imagens e vídeos também”.</p>	
--	--	---	--



		<p>R1 – “(...) passei de longe todas as expetativas que tinha em relação a isto”.</p> <p>R1 – “(...) pá temos noção que fomos muito responsáveis por o Sócrates ter caído. Tenho muita noção, muita da responsabilidade foi nossa”.</p> <p>R2 – “(...) o que nós temos é uma coisa que exige vontade cívica e só com pressão é que se conseguem fazer essas reformas, portanto, nós somos um movimento cívico contra a corrupção”.</p> <p>R3 – “Estou convencido que isso contribui para fazer cair o governo local que era PSD (...)”</p> <p>R4 – “Teve um sucesso doido, ah ... na altura o Facebook fazia-nos o favor de ... de termos mais visibilidade. O Facebook agora anda a cortar a visibilidade às páginas amadoras que é uma coisa fenomenal (...) quem não paga não aparece (...). Eu nunca vou conseguir acabar com fenómenos como o uso de petróleo, eu nunca vou conseguir regulamentar de uma vez toda a industria farmacêutica que é outra máfia. Nunca vou conseguir que as pessoas de facto acordem. Por exemplo, parece que acordaram na Islândia, não é? (...). Uma coisa que eu gostava de fazer (...) que acho que está a fazer em Torres Vedras é a Universidade Popular (...). Fazer um núcleo de pessoas que gostam de</p>	<p>queda de protagonistas políticos. R6 redutor quanto à ação dos movimentos referindo que tem acabado em nada.</p>
--	--	---	---

	<p>Continuidade e sentido de existência do movimento</p>	<p>aprender, e outros gostam de ensinar e outros gostam de discutir. (...) eu gostava de ter uma coisa muito mais desenvolvida a nível de site para atrair (...) eu consigo multiplicar isto bastante se me dedicar a sério a isto se isto tiver outro tipo de look, se tiver outro tipo de encadeamento (...)"</p> <p>R6 – “Não tem sido especialmente bem-sucedidas também é preciso reconhecer até agora, Geração à Rasca, Que Se Lixe a Troika, Movimento Sem Emprego, acampadas, etc., tem sempre acabado em nada. Não se tem retirado grande coisa daí, mas creio eu que é mais ou menos impossível que esta fração de população não faça coisa nenhuma porque não me parece que vá aceitar passivamente tudo isto. Ou um partido político que queira aceitar passivamente tudo isto, creio que é por causa disso que tem surgido estas organizações”.</p> <p>R7 – “Através das nossas atividades conseguimos promover uma alteração legislativa e que apesar de não ser perfeita ajudou a melhorar a vida das pessoas a recibos verdes. Lentamente, mas sim”.</p> <p>R1 – “(...) houve a questão de desativar aquele grupo (...). Mas (...) o grupo GR conseguiu motivar milhares de pessoas a saírem á rua e se calhar a falarem pela primeira vez na vida. Se vamos estar a desativar</p>	<p>Todos com exceção de R5 concordam que o movimento deve continuar a sua existência mesmo que seja apenas para a partilha de informação.</p>
--	--	--	---

	<p>Em número</p>	<p>isto que foi o que deu coragem para falarem não vamos estar a desativar a vontade das pessoas (...)"</p> <p>R1 – “Continua, continua a fazer sempre sentido porque há sempre ideias novas</p> <p>Porque um movimento podes mesmo tu criá-lo (...) um movimento social é onde tu juntas um determinado número de pessoas por uma causa e faz sempre sentido nem que seja pelos animaizinhos abandonados (...)"</p> <p>R2 – “(...) sobretudo na área da sensibilização pública que é uma área crucial para que as pessoas sejam por um lado, mais informadas, mais atentas a estes problemas para que depois possam ajudar-nos a fazer pressão para as reformas políticas. É um trabalho que nós sentimos que está a dar frutos, mas dá frutos muito lentamente”.</p> <p>R2 – “Gostávamos que a associação pudesse crescer mais e ter mais membros/associados a pagar quotas, etc., mas isso também depende da organização externa que nós ainda também estamos a estruturar”.</p> <p>R3 – “(...) continua a fazer sentido como espaço de partilha e de debate no espaço público. Estão sempre a acontecer coisas, os partidos só vêm aquilo que lhes interessam (...)"</p>	
--	------------------	--	--

	<p>Existência ou não de um trabalho coletivo e articulado no que se refere às atividades/ações, união de esforços com outros movimentos</p>	<p>R5 – “Assim que a PALP alcançar o seu objetivo (prospecção de petróleo no Algarve) a Plataforma acaba, não fazendo sentido a sua continuação”.</p> <p>R6 – “Atualmente (...) a atividade autónoma do MSE basicamente não existe”.</p> <p>R6 – “Sim, para a partilha de informação. Temos também arquivo de coisas que fizemos e tudo isso”.</p> <p>R8 – “Sim, continua a fazer muito sentido”.</p> <p>R1 – “(...) não se conseguiu absorver tudo de toda a gente e dar resposta a toda a gente (..) se tivéssemos aqui a falar de uma associação, uma situação onde tu tens uma sede, onde tu tens um local onde as pessoas vão lá como há nos partidos seria diferente”.</p> <p>R1 – “No outro dia apareceu na televisão os 5 anos que apareceu a manifestação, tu não tens noção. Foram tipo mil e tal pessoas a pedirem para aderirem ao grupo (...)”</p>	<p>Existe um sentimento de banalização quanto ao número de movimentos presentes no Facebook.</p> <p>De acordo com os entrevistados, cada movimento deve trabalhar a sua problemática. No entanto, existe</p>
--	---	---	--

		<p>R1 – “Porque houve uma altura em que de 15 em 15 dias havia uma manifestação. É pá e... banalizou-se essa situação”.</p> <p>R6 – “Há muitos grupos no Facebook. (...) há grupos que são redundantes, grupos que estão a dizer basicamente a mesma coisa e perspetivas sobre os mesmos assuntos, mas prontos, há muitas coisas que interferem nisso. Há problemas de incompatibilidades pessoais, nalguns casos incompatibilidades partidárias ou de outra ordem qualquer, isso acontece e pode comprometer”.</p> <p>R1 – “Pra já é muito mais fácil trabalhar cada problemática em cada um dos núcleos, ou seja, tu não podes juntar 500 pessoas numa sala e esperar que as pessoas consigam debater umas com as outras, é tipo utópico que isso aconteça. Mas se tiveres a associação (...) eu tenho um problema vamos debater o problema e achar uma solução pra ele. (...) cada um debater a sua problemática e todos juntos depois apresentarem as soluções. Acho que faz mais sentido no sentido de organização, a meu ver”.</p> <p>R3 – “Apelávamos às pessoas para sair à rua e o apelo era que sindicatos, pessoas, partidos se juntassem à luta pela saúde no Algarve e isso surgiu efeitos. (...) A determinada altura, os partidos começam a querer controlar o processo e, portanto, começam a tratar mal os movimentos</p>	<p>cooperação entre os movimentos.</p>
--	--	--	--

	<p>Atividades/ações previstas</p>	<p>sociais, a ignorá-los, através do diz que disse, do rumor, do boato, ou seja, desqualificação social (...). Um exemplo claro dessa cooperação é a PALP que também recorrem muito às redes sociais para mobilizar as pessoas para a causa da luta contra a exploração do petróleo no Algarve. (...) a PALP é uma boa ideia de um movimento social, claríssimo”.</p> <p>R5 – “(...) há dois grupos que se destacam um em Tavira e outro grupo em Vila do Bispo, na zona da Vila do Bispo que também já organizaram os seus próprios núcleos e trabalhamos todos em conjunto (...). Temos mais um grupo em Lagos. (...). Sim, estamos em sintonia, não há problema nenhum”.</p> <p>R7 – “Nas questões da precariedade, não tenho conhecimento, pelo menos, de qualquer outro movimento que aborde estas questões da precariedade como nós. (...) não quer dizer que, os movimentos não possam fundir-se num só, mas a riqueza de cada um deles ganham pela sua diversidade (...)”</p> <p>R8 – “Não. Eu acho que não queremos centralizar nada. Ah, somos a favor do pluralismo. Devem existir vários grupos cada um a defender aquilo que acha que é a sua luta”.</p>	<p>No computo geral, as ações estão paradas/desativadas quanto a ações futuras.</p>
--	-----------------------------------	---	---

		<p>R1 – “(...) eu acho que não há grande trabalho a ser feito neste momento a nível do GR. (...). Tu podes estudar o movimento GR por aquele bocado de espaço e por aquilo que ele despoletou na sociedade (...). Se fores perguntar a quem quer que seja (...) o que é que é feito do GR, toda a gente te vai dizer o mesmo do que eu que é, o grupo GR não existe. O grupo GR foi um grupo de pessoas que se juntaram naquele momento porque havia umas problemáticas (...)”</p> <p>R2 – “Estes projetos são projetos internacionais pedidos pela rede TransparencyInternational feito a nível europeu, estão vários países europeus envolvidos onde há associações semelhantes à nossa. Nós vamos agora começar um projeto sobre contratação pública (...) para garantir que em cada passo o contrato está a ser bem desenhado e bem estruturado (...)”</p> <p>R2 – “Uma das coisas que queremos fazer é realizar encontros mais regulares com agenda onde as pessoas possam vir e participar e ficarmos mais abertos a este tipo de eventos”.</p> <p>R3 – “Neste momento não, as coisas estão muito mais desativadas”.</p> <p>R4 – “(...) nós paramos de postar então a visibilidade desceu um bocadinho (...)”.</p>	
--	--	--	--

		<p>R5 – “(...) estão marcadas várias apresentações públicas, já fomos convidados para vários locais na zona aqui do Algarve”.</p> <p>R6 – “O movimento dos desempregados é fundamental, porque um segmento da população está completamente sem representação, completamente sem organização, portanto, era fundamental que se organizasse alguma coisa, mas não está em cima mesa fazer-se isso. Não sei como é que a coisa poderia decorrer, o MSE poderia sim, voltar a reativar a atividade”.</p> <p>R7 – “Agora, por razões diferentes estamos mais parados, mas a nossa página de Facebook continua a ser o nosso principal meio de comunicação pra fora”.</p> <p>R8 – “Não, neste momento não. Agora assim .... Temos atividades sim, mas não vai ser em Portugal”.</p>	
<p>Relação com outros movimentos e/ou organizações</p>	<p>Tipo de contacto formal e/ou informal com outros movimentos nacionais e/ou internacionais</p>	<p>R1 – “(...) lá em cima os movimentos que foram criados, os contatos entre eles debatem as situações, se juntam-se e falam (...)”</p> <p>R2 – “Internacional temos uma relação formal. A nível nacional temos contacto com algumas associações (..) com outras associações como a</p>	<p>R2, R5 e R8 referem ter contacto com movimentos internacionais. R8 refere que são estes</p>

	<p>Contacto com organizações mais institucionalizadas:</p>	<p>Solidariedade Emigrante, com a SOS Racismo e até com alguns elementos informais que apoia esses ativistas. Vamos procurando associações em Portugal que tenham objetivos semelhantes aos nossos (...). Em Portugal não há grandes organizações deste género. Há um Observatório da Economia da Faculdade de Economia do Porto com quem temos alguns contactos (...). Eles são mais um ThinkTank, mais uma organização de pesquisa académica do que propriamente uma organização de mobilização de massas (...).”</p> <p>R4 – “Sim”.</p> <p>R5 – “Estamos a entrar em contato mais direto com outras associações internacionais. (...). Estamos em contacto com a Green Peace de Espanha, mas ah, ver se eles participavam connosco em algumas ações. Já tivemos também contacto com associações do sul de Espanha (...)”</p> <p>R7 – “Sim, temos”.</p> <p>R8 – “Sim, aliás são esses contactos internacionais que nos permitiram até agora ter algum reconhecimento a nível nacional e até político”.</p> <p>R2 – “Estamos a começar a montar esse tipo de relações com esse tipo de organizações. A direção quer algum tipo de cuidado com esse tipo de</p>	<p>contactos que permitiram ter reconhecimento a nível nacional.</p>
--	--	---	--

	<p>sindicatos e/ou partidos políticos</p>	<p>parcerias porque há muitas organizações que querem eventualmente fazer boa figura (...) nós queremos e precisamos fazer essas parcerias, mas com quem dê provas de quem está verdadeiramente empenhado. (...) vamos tendo contacto com partidos políticos e às vezes com pequenos partidos que não estão representados na Assembleia da Republica (AR). Estas já deram alguns contributos sobre o combate à corrupção. (...) Contactos com a Procuradoria Geral da República, com a Polícia Judiciária, e a parte que está mais avançada é com as câmaras municipais por causa do índice de transparência municipal. Temos a preocupação de ter parceiros que estejam verdadeiramente empenhados e não apenas para ficar bem na fotografia”.</p> <p>R4 – “Nada”.</p> <p>R5- “Há pessoas que pertencem a um ou outro partido político, mas ultimamente temos trabalhado com alguns, aliás, pediram-nos bastante informação quando começaram a avançar com isto na Assembleia principalmente a fazerem perguntas e a questionarem sobre o tema (...) nós também os contactamos para reunir com todos e sim, fizemos reuniões. (...) reunimos aqui também com os deputados que representam o Algarve e também com o Presidente da Câmara (...) a associação dos pescadores, eu acho que agora, neste momento, estão todos no mesmo barco (...)”</p>	<p>Praticamente não existe este tipo de contacto. R2 indica o cuidado a ter com este tipo de contactos. R8 refere que tem como princípio não estar ligado a este tipo de contacto a par da religião.</p>
--	---	---	--

		<p>R6 – “(...)O movimento sindical, eu conhecia sindicalistas cheguei a falar com eles mas não era uma relação orgânica, não”.</p> <p>R7 – “Os sindicatos começaram há pouco tempo a tratar dessa matéria de uma forma setorial, mesmo os sindicatos um bocadinho mais alternativos como o sindicato dos callcenters”.</p> <p>R8 – “Temos como princípio não estar ligados a nenhum partido político ou religião enquanto organização, aliás, está nos nossos estatutos”.</p>	
Participação e mobilização social	Cultura portuguesa quanto à participação	<p>R1 – “(...) é uma cultura muito nossa portuguesa é muito fácil estar sentado por trás de um computador e estás a escrever ... ali toda a gente fala e diz (...)”</p> <p>R1 – “(...) porque as pessoas não têm interesse, porque o português é assim, porque o português interessasse por o que é mediático na televisão, por... se der muito trabalho o português não se mexe”.</p> <p>R1 – “É pá, desliga a TVI e pensa”.</p> <p>R1 – “(...) o português é preguiçoso, tem o cérebro preguiçoso”.</p>	No que se refere à cultura portuguesa quanto à participação, os entrevistados referem que os portugueses não se mobilizam, são acomodados, e que não se esforçam. R4 refere também a dificuldade que existe

	<p>Ativismo em Portugal</p>	<p>R1 – “Isto do movimento social é um trabalho participativo de um grupo de pessoas (...) tem que ser de uma população (...) Porquê que as pessoas se rodeiam à volta de um clube de futebol (...) E ainda pra mais pagam para ver um jogo de futebol, percebes. Porque não pagam para ter uma associação onde todos contribuem com 10 euros por mês e essa associação tem o poder nem que seja para ter alguém que vá a Lisboa apresentar a causa deles. Olha, por causa da situação da Ria Formosa que estão a deitar as casas abaixo (...) Toda a gente se juntou em prol de uma questão, mas fora aquilo (...) não fazem mais nada e vai cada um pro seu caminho outra vez e acabou. (...)”</p> <p>R4 – “(...) nós tínhamos todos que deixar de prestar menos atenção aos realty shows. Um bocadinho menos à bola, ah, um bocadinho menos temos um perfume, ou o blusão da marca tal, ou não sei o quê e prestarmos mais atenção a coisas que nos interessam mais ou que nos deviam interessar mais porque essas é que nos afetam e afetam bastante. (...) olhando pra qualquer coisa, é pá vou contribuir para que aquilo acontecesse achava fantástico, mas lá está, tínhamos que ser muitos mais, e muitos mais na ordem dos duzentos, trezentos, quatrocentos bem organizados e organizar dez em Portugal não se consegue. (...). Tanta gente em Portugal, eu acho chocante ninguém andar a traduzir o que é que o Wikileaks posta (...)”.</p>	<p>em organizar algo como deve ser.</p>
--	-----------------------------	---	---

	Oportunidades/Dar voz	<p>R4 – “Em Portugal, em 2012, salvo erro, havia manifestações semanais praticamente na AR. Houve uma carga policial, acabou-se. Porquê? Ninguém está organizado (...) tem que haver um bocadinho de método, e de estratégia. E tem que haver pessoas ensinadas a fazer certas coisas. (...) Grande parte da responsabilidade do panorama ativista em Portugal, um marasmo completo, a culpa é dos ativistas. Não se organizam, não são capazes de trabalhar uns com os outros e principalmente, noto isto tanta vez, tanta vez, que é o sentimento de apego ao nome do próprio grupo (...). Existe um comportamento de apego ao quintalzinho de que as pessoas são donas que é uma coisa absolutamente impressionante (...) uma pessoa que vem de fora quer se envolver até quer ajudar (...) a pessoa põe-se a caminho nunca mais olha para trás (...) Não é que nós não tenhamos em Portugal pessoas que saibam (...) Só que colocar essas pessoas a trabalhar juntas quando está tudo nos quintalinhos diferentes, meu Deus, é uma chatice (...) eu vejo noutros movimentos sociais (...) a necessidade de discutir tudo (...) é tudo bonito, nós temos plataforma na horizontal (...) mas as coisas para terem resultados nós temos que nos organizar. (...) temos que ter um organigrama, nós temos que ter pessoas responsáveis para determinadas funções (...) não existe nenhuma plataforma onde as coisas estejam organizadas dessa forma, portanto, é as guerrinhas uns com os outros que é uma coisa impressionante. Grande culpa do ativismo em Portugal estar como está é dos próprios ativistas. (...) é fácil dizer, ah, o pessoal é ovelha e só segue a bola e a telenovela,</p>	<p>R4 refere que não há método, estratégia e organização por parte dos ativistas portugueses.</p>
--	-----------------------	---	---

		<p>não é só isso, não é só isso. Nós é que também não somos capazes de mostrar algo que está a ser feito como deve de ser (...).”</p> <p>R1 –“(...) o Facebook foi uma forma de dar voz às pessoas que estavam descontentes com aquilo que se estava a passar no país”.</p> <p>R1 – “Dizerem o que lhes apetecia, o que lhes vai na alma, porque acho que é isso que falta é as pessoas não terem voz (...) Eu acho que o que falta é as pessoas serem ouvidas”.</p> <p>R1 –“(...) conseguimos tirar pessoas de casa que chegaram ao pé da gente e disseram “eu nunca tive a oportunidade de manifestar pró que quer que fosse” (...).”</p> <p>R1 –“(...) as pessoas encontraram naquele cantinho que foi criado ali um sítio onde se podem expressar, onde podem falar porque não há manifestações todos os dias (...).”</p> <p>R1 – “É o facto de conseguires chegar a um número sem fim de pessoas neste mundo e teres a liberdade para o fazer, não depender... acho que o Facebook veio combater muito os meios de comunicação tradicionais”.</p>	<p>R1 é o entrevistado que refere várias vezes que as pessoas têm necessidade de ser ouvidas e que precisam das redes sociais para se poderem manifestar que de outra forma não o fariam.</p>
--	--	--	---

	<p>Diferenças do Facebook face a outros meios de mobilização</p>	<p>R3 – “(...) estrategicamente recorremos a outros suportes de mobilização. Cartazes na rua, panfletos, os meios de comunicação social (...) mas só as redes sociais não chegam. As redes sociais têm um papel importantíssimo em determinados momentos e acontecimentos para mobilizar pessoas”.</p> <p>R1 – “Foi excelente semanas depois da situação, as pessoas falavam no café, haviam problemas, as pessoas debatiam os problemas. (...). Porquê que não falam de política? Porquê que não pressionam as situações? Foi isso que aconteceu no dia 12 de março, mas depois acabou”.</p> <p>R2 – “(...) acontece que as pessoas nos contactam a perguntar e nós não temos imediatamente resposta para lhes dar porque o trabalho que nós fazemos é um trabalho um pouco especializado, de pesquisa ou de (...) portanto, pra nós ainda é uma incógnita (...) É arranjar mecanismos, iniciativas, para que estas quarenta e tal mil pessoas que nos seguem no Facebook, caso queiram, possam fazer um bocado mais para além disso e mesmo aquelas que nunca pensaram que se sintam mais motivadas para ter ação no Facebook (...). Como não temos resposta pra isso, é tentar arranjar mecanismos de comunicação e outros pontos de encontro (...) não estamos ainda a conseguir propriamente motivá-las ou mobilizá-las a partir das redes sociais. Acho que isso vai ser um grande desafio”.</p>	<p>O Facebook é sem dúvida um grande mobilizador de massas em comparação com outros meios de mobilização. Todos os entrevistados reconhecem este facto. Para além de contribuir para a mobilização, também permite a difusão da informação, dar conhecimento e projeção às atividades.</p>
--	--	--	--

		<p>R2 – “O Facebook (...). Tem essa capacidade de ser relativamente abrangente. O Twitter (...) não é tao abrangente como o Facebook nem de perto nem de longe, mas tem algum público que também seria interessante pra nós, jornalistas, deputados (...) O Facebook tem mais projeção e estamos mais à vontade. (...) o Twitter não é gerido com todas as suas potencialidades... (...). Exige mais regularidade e até um pouco mais de interação com os outros utilizadores”.</p> <p>R3 – “(...) as redes sociais serviram claramente para mobilizar as pessoas que deram origem a manifestações aqui em Loulé (...) com a intervenção da Troika de facto começou a haver uma agressão às populações em todo o lado, na área da saúde, na área da educação, nos cortes dos rendimentos, das reformas e as redes sociais serviram de alguma forma para ... pra já como um espaço de discussão pública com outras pessoas em torno das coisas que estavam a acontecer e depois também como espaço de mobilização para a ação. (...) A via do Infante muitas vezes... embora aí já estejam implicados partidos políticos como o BE e o PCP que mobilizavam também as pessoas não só pelas redes sociais, mas também pelos meios tradicionais (...)”</p> <p>R3 – “Eu não tenho dúvidas nenhuma quanto a isso (...) há coisas que são discutidas que de outra forma não eram discutidas e a forma como</p>	<p>R3 refere algo importante como o espaço público, este foi ampliado e está fora da esfera política. O Facebook constituiu um espaço de discussão pública.</p>
--	--	---	---

	Participação no Algarve	<p>são... não só a forma (...) mas a forma como são colocadas que estão fora do controlo da esfera dos partidos políticos que controlam o jogo e colocam questões (...) as redes sociais vêm baralhar o jogo e (...) tem um papel muito importante porque alargam o espaço público. Entram pessoas na discussão pública que de outra forma estavam afastadas dela até porque as cidades deixaram um pouco de cumprir essa função, não é, de promover o debate público e político sem ser a do café”.</p> <p>R4 – “(...) já acreditei mais no poder de mobilização através das redes sociais pelo menos em Portugal”.</p> <p>R6 – “Pelo menos permite duas coisas (...) Permite esta coisa de contacto em permanência (...) aceder a muito mais pessoas do que se estivesse a falar no meio da rua ou no meu círculo de amigos. Tem um efeito de desmultiplicação bastante grande que é interessante”.</p> <p>R7 – “Ajuda bastante. Ajuda a divulgar as iniciativas, a tornar as coisas virais, a partilhar informação de uma forma bastante rápida, mas o ativismo no Facebook por si só está limitado. O trabalho que nós fazemos não pode ser meramente virtual. As nossas ações de protesto têm que ser físicas”.</p> <p>R8 – “O Facebook tem como finalidade partilhar as nossas atividades e divulgar a informação. O blogue tem como finalidade essa função</p>	
--	-------------------------	---	--

		<p>também, mas tem sobretudo uma função de guardar esses dados de uma maneira mais estável”.</p> <p>R1 – “Neste momento para te ser sincero com muita pouca frequência aqui no Algarve”.</p> <p>R1 – “(...) aqui no Algarve, infelizmente, fiquei... ficamos um bocado sozinhos (...) eles em Lisboa continuam a fazer as tais assembleias, continuam a apelar (...)”</p> <p>R1 – “Explica-te muito o que é que acontece aqui no Algarve chegámos à situação de sermos os mesmos dez ou os mesmos quinze (...). Faz falta vir alguém de fora e isso não aconteceu, infelizmente e aqui morreu muito por isso”.</p> <p>R1 – “(...) neste momento aqui a nível regional eu sozinho não consigo fazer muita coisa (...)”</p> <p>R3 – “(...) manifestações aqui em Loulé onde estiveram mil e tal pessoas que por duas ou três vezes vieram para a rua impedir que as urgências fechassem”.</p>	<p>A nível regional, a participação é reduzida. R5 relativamente à prospeção do petróleo refere que que existe união e participação entre várias entidades e partidos políticos.</p>
--	--	---	--

		R5 – “Associações, empresas, partidos, mas prontos, partidos, mas aqui no Algarve até os partidos estão todos unidos, só em Lisboa é que me parece que não”.	
Vontade de mudança	Apresentação de soluções/propostas	<p>R1 – “Há muita vontade da parte das pessoas de fazer alguma coisa diferente no sentido de um movimento social há, mas se não houver alguém que dê um empurrão na situação também não se faz milagres (...)”</p> <p>R1 – “É o poderes debater, é o poderes saber o que é que se passa, o que é que não se passa. O que é que se pode... que soluções, objetivos, o máximo de soluções. Não é só dizer isto está mal, isto está mal, tentar apresentar propostas que é o não é feito hoje em dia”.</p> <p>R1 – “Chega lá uma caixa com as propostas (...) mas não houve tempo para vê-las, elas são arquivadas, aliás, hoje em dia as propostas podem ser consultadas por ti ou por qualquer pessoa no mundo lá no arquivo deles, mas ahhh estão em arquivo. E de que é que servem em arquivo?”</p> <p>R1 – “(...) Uma das questões que se falou bastante foi a dos falsos recibos verdes (...). Foram apresentadas duas propostas na Assembleia da República para tentar contornar, uma delas foi aceite, mudou um pouco a situação do que são os recibos verdes, mas, eles contornaram a</p>	O sentimento geral é que as propostas não chegam onde devem chegar, ou seja, à AR.

		<p>conversa como quiseram, mudaram uma vírgula, um ponto final, mas aquilo depois, ah mudou, não, não mudou nada foi dar exatamente à mesma coisa”.</p> <p>R1 – “Tu podes apresentar mil propostas por semana, mas elas vão ser sempre vetadas, percebes”.</p>	
Partidos políticos e/ou Governo	<p>Adaptação às redes sociais</p> <p>Desmobilização</p> <p>Estratégias</p> <p>Represálias</p>	<p>R3 – “Há um grande desconforto por parte dos partidos políticos todos da esquerda à direita e que depois fora da esfera partidária intervêm na arena pública. Tradicionalmente os partidos políticos controlavam o jogo com a utilização da palavra e das questões políticas e sociais e as redes sociais vêm de certa forma complexificar esse jogo. Os partidos políticos ou não se adaptaram ainda ao alargamento desse espaço público com outras pessoas a intervir, por outro lado, não têm interesse que outras pessoas fora da esfera partidária coloquem as coisas de uma determinada forma que depois de facto não interessa aos partidos políticos, não é. E, nesse sentido, quer os partidos, quer os sindicatos, ainda não se adaptaram bem à era das redes sociais”.</p> <p>R1 – “(...) aqui houve um grande entrave. (...) os partidos políticos, (...) uma das formas que eles tiveram pra rebaixar um bocado este movimento foi “ah eles fazem parte do bloco de esquerda, eles são comunistas (...) As pessoas que não eram desses partidos, (...)”</p>	<p>R3 refere que os partidos políticos não se adaptaram à nova realidade das redes sociais e que estas vieram complexificar o espaço público.</p> <p>Denota-se através das afirmações dos que existem represálias por</p>

	<p>Poder</p>	<p>começaram a pôr este movimento de parte percebes? Ou seja, eles foram tentando destruir isto aos poucos. Se conseguiram? Para te ser sincero conseguiram porque fez desmobilizar, as pessoas tiveram mobilizadas durante o primeiro mês”.</p> <p>R1 – “(...) uma delas trabalha aqui em baixo na minha casa que é bombeiro e foi aconselhado a acalmar-se, ahhh e outras duas são funcionárias públicas e tiveram um convite para se acalmar”.</p> <p>R1 – “(...) tens a tua vida toda investigada, se estiveres a dever alguma coisa às finanças estás lixado, é pá é muito complicado. As pessoas não têm noção nenhuma (...)”</p> <p>R1 – “(...) tens tudo aquilo que eles te podem tirar. E as pessoas não têm noção de como é que as coisas funcionam. (...) tu aqui vives numa democracia ditatorial. (...). É por isso que as pessoas não fazem, percebes. É por isso que ninguém se chega à frente porque as pessoas vão tomando consciência de como é que isto funciona. Tu chegaste à frente és abatido (...)”</p> <p>R1 – “É complicado, é muito complicado fazer parte de um movimento social e dares a cara por um movimento social, porque és sempre um alvo a abater e as pessoas não tem noção nenhuma disso e tu ou te afastas</p>	<p>parte do Governo ou dos partidos políticos. As represálias estão relacionadas com a diminuição da participação e da mobilização por parte dos cidadãos por medo.</p> <p>R1 refere “democracia ditatorial”</p> <p>A não aceitação por parte dos atores políticos pode estar relacionada à não adaptação destes ao alargamento do espaço público onde todos podem intervir.</p>
--	--------------	--	--

		<p>e te defendes ou continuas a dar a cara e sofres as represálias disso. Eu tive que ficar no meio da situação. Vou fazendo coisas, mas sempre com um pé atrás”.</p> <p>R1 – “(...) pelos vistos sou militante do PS desde os meus 18 anos e tenho quotas pagas até hoje. Eu nunca...”</p> <p>R3 – “Antes dos IA houve uma coisa que se chamou de Indignados de Loulé que foi censurada e que foi abatida nas redes sociais. (...) isto tem muitos custos para a vida das pessoas, são penalizadas por partidos políticos, trabalho, etc., portanto, as pessoas foram-se afastando progressivamente. (...) até determinada altura tive até que fechar os comentários porque os partidos políticos fizeram um ataque tão feroz. (...). Mas as coisas foram-se desfazendo, o poder político não foi dando respostas, as pessoas foram sendo esmagadas, muitas foram penalizadas nas suas vidas, no trabalho, pessoal, no diz que disse, da difamação a todos os níveis. (...) a agressão foi tanta e de tantos os lados, que também percebi que estar a fazer lutas que muitas vezes são do interesse de todos, quando são os próprios interessados que se viram contra quem participam nestas coisas. Já não basta o ataque fortíssimo dos partidos políticos (...). Começou a entrar muita gente no movimento da PALP (...) E quando começou a haver gente dos partidos eu decidi afastar-me por causa das manipulações. Tinha pessoas que defendiam que só</p>	
--	--	--	--

		<p>podíamos fazer esta luta pela via institucionalizada (...) eu defendo todas as vias desde que sejam democráticas e todas elas são legítimas (...)”</p> <p>R4 – “Nós notamos que existem grupos e existem pessoas que devem ser pagas por alguém com certeza para andar a desmentir tudo (...) cada vez mais quem nos quer mal também anda a usar as redes sociais então nós temos um grupo grande de pessoas mesmo com perfis falsos que é para poderem serem abatidos. (...). Eu também sei que muitas vezes as pessoas ou não partilham para o Facebook delas ou, ou porque estão os chefes a ver, porque está a família a ver, estão os colegas a ver, ok e não convêm (...). Se for o RiseUp disto, ou os Indignados daquilo, ou os anónimos do cozido não é, a pessoa já pode partilhar. (...). Eu não tenho nada na Internet com a minha imagem. (...) eu não tenho um perfil, eu não ponho a minha cara, nada. Pois, eu não sou João e muito menos Henriques. (...) e as pessoas estão muito desprotegidas”.</p> <p>R4 – “É claro que quando nós os ouvimos todos a falar na televisão, ah, é claro, que se simpatiza muito mais com a esquerda do que com a direita. Mas quando sabemos que quem controla grande parte da direita são certos escritórios de advogados que depois tem certos clientes que lucram com as leis que são feitas na Assembleia da República (AR), ou seja, não somos nós que estamos representados são os clientes dessas sociedades de advogados. (...) eu vivi décadas numa cidade em que a</p>	<p>R4 refere a relação promiscua entre a direita e os escritórios de advogados, contudo, também não acredita em outros partidos políticos.</p>
--	--	--	--

		câmara era dominada pelo Partido Comunista (PC) e não tenho assim muitas coisas boas pra dizer (...) Quando vejo um candidato do PC à Presidência da República (PR) na televisão não ser capaz de dizer que a Coreia do Norte é uma ditadura, mete-me medo. Ou (...) não conseguirem condenar a prisão dos rapazes em Angola (...). Também notámos que o BE quando entra em qualquer coisa, ah, ou domina, ou seja, ou toma conta ou não se mete (...)"	
Sentimentos	<p>Desilusão</p> <p>Satisfação</p> <p>Frustração</p>	<p>R1 – "(...) é fazer aquilo que devia ser feito na Assembleia da República (AR) (...) estão ali é pra debaterem os assuntos entre eles (...)"</p> <p>R1 – "Aqueles filhos de uma puta, não fazem nada ... porquê que não tentamos nós arranjar uma solução".</p> <p>R1 – "Se tu apareceres com uma solução, vai haver um dos partidos que de certeza que se interessa por essa solução e infelizmente isso não acontece".</p> <p>R1 – "Daí eu estar-te a dizer que fiquei muito contente com o que aconteceu porque tiramos cerca de 8.000 pessoas de casa".</p> <p>R3 – "A minha perceção é que os partidos políticos não ouviam as pessoas. Havia um descontentamento generalizado, as pessoas sentiam</p>	<p>Os sentimentos referidos pelos quatro dos entrevistados vão ao encontro no que se refere a sentimentos negativos como a frustração, a descrença e a desilusão. No entanto, R1 refere um sentimento de satisfação porque tiraram as pessoas de casa para participar.</p>

	Descrença	<p>que eles não defendiam os seus interesses. Os partidos políticos são fundamentais para o funcionamento da democracia, mas o modo como eles funcionam, não respondem áquilo que muitas vezes são as necessidades das populações”.</p> <p>R6 – “Não conseguem ter uma casa, dividem uma com três ou quatro pessoas, não conseguem constituir família, não conseguem ter filhos, não conseguem autonomizar-se definitivamente dos pais. Começam e precisam de intervir politicamente, não porque tenham uma grande politização, basicamente a política mete-se pela vida delas adentro através das relações de trabalho (...) precisam de participar, isto é inviável uma vida assim, é insuportável e então, têm tentado, tentado ao longo dos últimos anos criar organizações que lhes permitam contrabalançar essa situação”.</p> <p>R2 – “(...) até por causa da crise, estão mais atentas a esta questão da corrupção, mas é preciso convencê-las que há possibilidade de haver reformas, de haver alterações e isso demora mais tempo até porque as pessoas são muito descrentes em relação ao sistema político”.</p>	
Incentivo à investigação	Avisos  Motivação	R1 – “Vais-te desiludir muito, eu vou-te ser muito sincero”.	As palavras de R1 serviram de incentivo e de motivação à

	Pertinência do tema	<p>R1 – “Mas dou-te os parabéns pelo que tu estás a fazer. Vais ter uma luta muita grande, mas se conseguires que essa luta seja bem-sucedida, possivelmente isso que tu tens aí vai ser objeto de estudo”.</p> <p>R1 – “(...) vais sentir muita dificuldade em obter a informação das pessoas, (...) acredita que vais ter muitas dificuldades, mas essas dificuldades vão ser as que te vão dar mais gozo para teres um trabalho final muito bom”.</p> <p>R1 – “(...) o título da tua tese, dissertação devia ser “desliga a TVI e pensa” é uma proposta que eu te faço”.</p>	realização deste trabalho indicando alguns obstáculos quanto à obtenção da informação.
Perfil dos entrevistados/as	<p>Género</p> <p>Idade</p> <p>Estado Civil</p> <p>Nacionalidade</p> <p>Área de residência</p> <p>Situação profissional</p> <p>Profissão</p> <p>Estudante</p> <p>Habilitações literárias</p>	<p><b>R1</b> – Masculino</p> <p>31 anos</p> <p>União de Facto</p> <p>Portuguesa</p> <p>Faro</p> <p>Empregado - Administrativo</p> <p>Não Estudante - Licenciatura Ciências da Comunicação</p> <p><b>R2</b> – Masculino</p> <p>37 anos</p> <p>Solteiro</p> <p>Portuguesa</p> <p>Cascais - Lisboa</p> <p>Desempregado</p>	Dos oito entrevistados apenas dois são do género feminino. Seis dos entrevistados tem habilitação superior em áreas diversas e dois tem o secundário. Idades compreendidas entre os 28 e os 46 anos. A maior parte dos entrevistados encontra-se

		<p>Não Estudante - Licenciado em História</p> <p><b>R3</b> – Masculino  46 anos  Casado  Portuguesa  Loulé  Empregado - Professor Universitário</p> <p>Não-estudante - Sociologia</p> <p><b>R4</b> – Masculino  41 anos  Solteiro  Portuguesa  Irlanda  Empregado - Hotelaria  12º ano - Não-estudante</p> <p><b>R5</b> – Masculino  42 anos  Solteiro  Portuguesa  Faro  Empregado- Turismo  Não-estudante</p> <p><b>R6</b> – Masculino</p>	<p>empregado. são todos de nacionalidade portuguesa e as suas áreas de residência são em Faro, Loulé, Lisboa e Irlanda.</p>
--	--	--	---

		<p>28 anos Solteiro Portuguesa Lisboa Empregado - Precário Não Estudante - Mestrado História</p> <p><b>R7</b> – Feminino 32 anos União de facto Portuguesa Lisboa Empregada - Investigadora Licenciada em Biologia - A frequentar Doutoramento em Sociologia</p> <p><b>R8</b> – Feminino 38 anos Divorciada Portuguesa Queluz Desempregada Licenciada em Artes - Mestre em educação intercultural</p>	
--	--	---	--

## Anexo VIII – Amostra de 8 MSD de 16 analisados previamente

Denominação	Caraterização	Estratégias	Debates/Ideias/Apelos	Forma de adesão	Normas de utilização	Número de seguidores	Atualização	Conteúdo partilhado	Participação
<b>Geração à Rasca</b>	<p>Página Oficial do Facebook</p> <p>Sem sítio de Internet associado</p> <p>Grupo público</p> <p>Data de criação – Não refere</p> <p>Âmbito nacional</p> <p><sup>1</sup><u>Várias páginas de Facebook de Comunidades com a designação semelhante, com pouca expressão no número de gostos (1.000/2.000)</u></p>	<p>Promove e organiza manifestações de rua – Manifestação “Geração à Rasca” em 12 de março de 2011</p>	<p>Ser um local de encontro de pessoas onde se pode debater a situação do nosso país.</p> <p>Premissas: Votar em branco é um erro. Os partidos maiores vão sempre ganhar com a situação pois como tem uma enorme massa de militantes ate lhes damos uma ajuda na vitória.</p>	<p>Autorização do grupo</p>	<p>“ATENÇÃO! ESTE É APENAS UM GRUPO DE DEBATE DA GERAÇÃO A RASCA!”</p>	<p>16.073 Membros a 25.01016</p>	<p>Publicações constantes e atualizadas diariamente</p>	<p>Imagens (maioritariamente satíricas e imagens de apelo à conscientização – voto, participação, revolução, citações)</p> <p>Artigos de opinião dos membros sobre os mais variados assuntos (política, cidadania, igualdade de género, políticas governamentais/políticas públicas,</p>	<p>Participação elevada por parte dos membros</p> <p>Número elevado de contributos por parte dos membros (imagens, notícias, comentários)</p>

<sup>1</sup> Páginas de Facebook de “Comunidades” são páginas onde apenas se coloca o GOSTO e a partir daí seguem-se as publicações colocados por essa comunidade ou pelos amigos que gostam da página, não sendo necessário efetuar o pedido de adesão ao grupo.

	<b>Administradores da página Facebook:</b>  Tânia Martins Élio Arenga		Informem-se sobre os vossos direitos e deveres como cidadãos para ajudarem a melhorar os pais.  Não basta estar sentado no sofá a reclamar... Saiam de casa... Votem, falem, reivindicuem, exijam e criem.					material e planos de ação reivindicativa, entre outros)  Partilha de notícias essencialmente sobre política e medidas adotadas pelo Governo.  Partilha de notícias dos meios de comunicação social.  Partilha de vídeos reduzida expressão.	Número elevado de partilhas e de gostos das publicações do grupo.
Denominação	Caraterização	Estratégias	Debates/Ideias/Ape- los	Forma de adesão	Normas de utilização	Número de seguidores	Atualização	Conteúdo partilhado	Participação
<b>RiseUp Portugal</b>	Página Oficial do Facebook  Sem sítio de Internet associado  Outras páginas de Facebook associadas - <a href="http://www.facebook.com/RiseUpAroundtheWorld">www.facebook.com/RiseUpAroundtheWorld</a> (Mundial)	Promove e organiza eventos com reduzida expressão	Por mim, por ti, pelos meus, pelos teus, por todos!	Clique GOSTO	Não refere	60.290 Gostos a 25.01.2016	Publicações constantes e atualizadas diariamente	Imagens (maioritariamente satíricas)  Partilha de notícias essencialmente sobre política e medidas adotadas pelo Governo.	Participação razoável relativamente a comentários, partilhas e gostos nas

	<a href="http://www.facebook.com/RiseUpEco">www.facebook.com/RiseUpEco</a> (Ecologia) <a href="http://www.facebook.com/groups/GrupoRiseUp">www.facebook.com/groups/GrupoRiseUp</a> (grupo fechado)  Comunidade  Data de criação – 01.07.2012  Âmbito nacional  <b>Sem indicação de administradores da página Facebook</b>							Partilha de notícias dos meios de comunicação social e artigos de opinião (colunas de jornais) com elevada expressão.  Partilha de vídeos com elevada expressão.	publicações .  Número elevado de partilhas das publicações da comunidade.
Denominação	Caraterização	Estratégias	Debates/Ideias/Apelo	Forma de adesão	Normas de utilização	Número de seguidores	Atualização	Conteúdo partilhado	Participação
<b>Precários Inflexíveis</b>	Página Oficial do Facebook  Com sítio de Internet associado - Associação de Combate à Precariedade <a href="http://www.precarios.net/?page_id=3977">http://www.precarios.net/?page_id=3977</a>  Correio eletrónico <a href="mailto:precariosinflexiveis@gmail.com">precariosinflexiveis@gmail.com</a>  Contactos: 961915114	<b>“A combater a precariedade, rebeldes nos terão”.</b>  Organiza sessões de esclarecimentos, workshops	Movimento de trabalhadores precários abertos à participação de todos os que quiserem lutar contra a precariedade e a exploração laboral.	Clique GOSTO	Não refere	14.229 Gostos a 25.01.2016	Publicações constantes e atualizadas diariamente	Partilha de notícias essencialmente sobre política e medidas adotadas pelo Governo maioritariamente por questões laborais.  Partilha de notícias dos meios de comunicação social	Participação elevada por parte dos amigos  Número elevado de contributos por parte dos amigos (imagens, notícias,

	<p>Organização Política</p> <p>Data de criação - 2007</p> <p>Âmbito nacional</p> <p><b>Sem indicação de administradores da página Facebook</b></p> <p><b>Direção da Associação:</b></p> <p>Presidente - Ana Feijão  Vice-presidente - Marco Marques  Tesoureiro - Ricardo Vicente  Tesoureira suplente - Sara Simões  Vogais - João Camargo, Carla Prino, Miguel Heleno, Joana Campos, Jorge Paiva, Márcia Silva, Hermenegildo Martins</p> <p>Suplentes: Adriano Campos, Inês Milagre, Tatiana Moutinho, Sílvia Lino, Frederico Aleixo</p> <p>Mesa da Assembleia Geral</p> <p>Presidente - Hugo Evangelista  Vice-presidente - Inês Farias  Secretária - Patrícia Castro</p>	<p>de combate à precariedade, protestos, fóruns, discussões públicas sobre a legislação do trabalho, debates, entre outros.</p>					<p>e artigos de opinião (colunas de jornais) com elevada expressão.</p> <p>Elevada partilha de notícias no que respeita às questões do trabalho.</p> <p>Vídeos sobre as iniciativas de rua.</p> <p>Imagens e fotos maioritariamente das iniciativas da PI – manifestações, fóruns, debates.</p> <p>Imagens satíricas sobre os políticos.</p> <p>O tema sobre Recibos Verdes com elevada expressão.</p>	<p>comentários)</p> <p>Número elevado de partilhas e de gostos das publicações da organização</p>
--	--	---	--	--	--	--	--	---

	<p>Suplentes: Rita Gordo, Luís Gonçalves</p> <p>Conselho Fiscal</p> <p>Presidente - Sofia Roque Vogais - Sara Gamito, João Antunes</p> <p>Suplentes: Eliana Sales, João Curvêlo</p>								
Denominação	Caraterização	Estratégias	Debates/Ideias/Apelos	Forma de adesão	Normas de utilização	Número de seguidores	Atualização	Conteúdo partilhado	Participação
<b>Indignados Algarve</b>	<p>Página Oficial do Facebook</p> <p>Sem sítio de Internet associado</p> <p>Comunidade</p> <p>Data de criação – Não refere</p> <p>Âmbito Regional – Algarve</p> <p><b>Sem indicação de administradores da página Facebook</b></p>	<p>Promove e organiza eventos - “25 abril em Loulé – Obviamente Demitámo-nos!” em 2013</p> <p>Petição - Abaixo-Assinado “Alto-Vamos</p>	<p>Esta página pretende ser uma plataforma onde se possa reunir todos os movimentos e cidadãos indignados com as políticas que estão a ser levadas a cabo por este governo e pelas instâncias internacionais.</p>	<p>Clique GOSTO</p>	<p>Não refere</p>	<p>332 Gostos a 25.01.2016</p>	<p>Publicações constantes e atualizadas diariamente</p>	<p>Partilha de notícias dos meios de comunicação social e artigos de opinião (colunas de jornais) com elevada expressão. Sem vídeos.</p> <p>Notícias de âmbito regional.</p>	<p>Participação reduzida relativamente a comentários, partilhas e gostos nas publicações da comunidade.</p>

		<p>Recuperar o Vigário” in <a href="http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT7796">http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT7796</a></p> <p>Protesto em Loulé – Pelo fim das portagens na via do Infante</p>							
<b>Denominação</b>	<b>Caraterização</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Debates/Ideias/Apelo</b>	<b>Forma de adesão</b>	<b>Normas de utilização</b>	<b>Número de seguidores</b>	<b>Atualização</b>	<b>Conteúdo partilhado</b>	<b>Participação</b>
<b>Transparência e Integridade, Associação Cívica</b>	<p>Página Oficial do Facebook</p> <p>Com sítio de Internet associado – <a href="https://transparencia.pt/">https://transparencia.pt/</a></p> <p>Correio eletrónico – <a href="mailto:secretariado@transparencia.pt">secretariado@transparencia.pt</a></p> <p>Contactos - 21 752 2075</p> <p>Organização Sem Fins lucrativos</p>	<p>Seminários, conferências apresentações, encontros, debates, entre outros.</p>	<p>Trabalhar por um Portugal mais justo, íntegro e responsável, onde os negócios públicos e privados sejam transparentes e livres da mancha da corrupção.</p> <p>A Transparência e Integridade,</p>	<p>Clique GOSTO</p> <p>Opção para Registo de Associações -</p>	Não refere	<p>38.096 Gostos a 25.01.2016</p>	<p>Publicações constantes e atualizadas diariamente</p>	<p>Partilha de notícias essencialmente sobre política e medidas adotadas pelo Governo.</p> <p>Partilha de notícias dos meios de comunicação social e artigos de opinião (colunas de jornais) com elevada</p>	<p>Participação elevada por parte dos amigos.</p> <p>Número elevado de contributos por parte dos amigos (imagens,</p>

	<p>Data de criação - 2010</p> <p>Âmbito nacional</p> <p><b>Sem indicação de administradores da página Facebook</b></p>		<p>Associação Cívica, é o ponto de contacto português da Transparency International, a coligação global contra a corrupção, considerada a mais influente ONG mundial. A visão da TIAC é um Portugal transparente, justo, equitativo e responsável. A nossa missão é a promoção da transparência e o combate à corrupção, com base em investigação empírica e ativismo cívico.</p> <p>A TIAC - Transparência e Integridade, Associação Cívica procura uma mudança positiva</p>	<p>Membro da TIAC</p> <p>Quotas 12 euros por ano – 1€/mês</p>			<p>expressão. Poucos vídeos.</p> <p>Imagens e fotos maioritariamente das iniciativas da TI – AC.</p>	<p>notícias, comentários)</p> <p>Número elevado de partilhas e de gostos das publicações da organização</p>
--	--	--	---	---	--	--	--	---

			de valores na sociedade. Tem como objetivo o fortalecimento da cidadania e a qualidade da governança em Portugal, através da promoção da transparência, da integridade e da responsabilidade						
Denominação	Caraterização	Estratégias	Debates/Ideias/Apelo	Forma de adesão	Normas de utilização	Número de seguidores	Atualização	Conteúdo partilhado	Participação
<b>Academia Cidadã</b>	<p>Página Oficial do Facebook</p> <p>Com sítio de Internet associado – <a href="http://academiacidada.org/">http://academiacidada.org/</a></p> <p>Correio eletrónico – <a href="mailto:info@academiacidada.org">info@academiacidada.org</a></p> <p>Contactos - 910 124 800</p> <p>Organização/Associação</p> <p>Data de criação –15 de maio de 2012</p>	Tertúlias, workshops, apresentações, encontros, debates, entre outros.	A Academia Cidadã promove o aprofundamento da democracia, a dignidade da pessoa humana na sua diversidade, a multiculturalidade, a interculturalidade e a construção de uma sociedade universalmente livre, justa, consciente, crítica, solidária e fraterna.	<p>Clique GOSTO</p> <p>Associação com quotas 12 euros por ano – 1€/mês</p>	Não refere	4.667 Gostos a 25.05.2016	Publicações constantes e atualizadas diariamente	<p>Partilha de notícias essencialmente sobre política e medidas adotadas pelo Governo.</p> <p>Partilha de notícias dos meios de comunicação social e artigos de opinião (colunas de jornais) com elevada expressão. Poucos vídeos.</p>	<p>Participação elevada por parte dos amigos.</p> <p>Número elevado de contributos por parte dos amigos (imagens, notícias, comentários)</p>

	<p>Âmbito nacional</p> <p><b>Sem indicação de administradores da página Facebook</b></p> <p><b>ÓRGÃOS SOCIAIS DA ASSOCIAÇÃO:</b></p> <p>Direção:</p> <p>Presidente – João Labrincha Vice-Presidente – Raquel Freire Secretário – Pedro Santos Suplente – Francisco Venes</p> <p>Conselho Fiscal:</p> <p>Presidente – Valérie Mitteaux Vice-Presidente – Diogo Gaivoto Secretária – Raquel Moreno</p> <p>Assembleia Geral:</p> <p>Presidente – Alexandre de Sousa Carvalho Secretária – Adriana Alcântara Secretária - Ana Margarida Fernandes Esteves</p>							Imagens e fotos maioritariamente das iniciativas.	Número elevado de partilhas e de gostos das publicações da organização
<b>Denominação</b>	<b>Caraterização</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Debates/Ideias/Apelo</b>	<b>Forma de adesão</b>	<b>Normas de utilização</b>	<b>Número de seguidores</b>	<b>Atualização</b>	<b>Conteúdo partilhado</b>	<b>Participação</b>
<b>Plataforma Livre de</b>	Página Oficial do Facebook	Tertúlias, workshops,	O movimento social Plataforma	Clique GOSTO	Não refere	7.639 Gostos a	Publicações	Partilha de notícias essencialmente	Participação elevada

<b>Petróleo do Algarve (PALP)</b>	<p>Com sítio de Internet associado – <a href="http://www.palp.pt/">http://www.palp.pt/</a></p> <p>Correio eletrónico – <a href="mailto:palpalgarve@gmail.com">palpalgarve@gmail.com</a></p> <p>Comunidade</p> <p>Data de criação – março de 2015</p> <p>Âmbito regional - Algarve</p> <p><b>Sem indicação de administradores da página Facebook</b></p>	apresentações, encontros, debates, entre outros.	Algarve Livre de Petróleo (PALP) está aberta a participação e ao envolvimento de todos os cidadãos da região e do país que queiram juntar-se na defesa de um Algarve Sustentável e contra a exploração de hidrocarbonetos na região. Esta plataforma pretende alertar toda a população da região do Algarve para os riscos inerentes à exploração de hidrocarbonetos na costa algarvia.			25.05.2016	constantes e atualizadas diariamente	<p>sobre prospeção de gás e petróleo.</p> <p>Partilha de notícias dos meios de comunicação social e artigos de opinião (colunas de jornais) com elevada expressão sobre a temática. Poucos vídeos.</p> <p>Imagens e fotos maioritariamente das iniciativas.</p>	<p>por parte dos amigos.</p> <p>Número elevado de contributos por parte dos amigos (imagens, notícias, comentários)</p> <p>Número elevado de partilhas e de gostos das publicações da comunidade</p>
<b>Denominação</b>	<b>Caraterização</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Debates/Ideias/Apelo</b>	<b>Forma de adesão</b>	<b>Normas de utilização</b>	<b>Número de seguidores</b>	<b>Atualização</b>	<b>Conteúdo partilhado</b>	<b>Participação</b>
<b>Movimento Sem Emprego (MSE)</b>	<p>Página Oficial do Facebook</p> <p>Grupo público</p>	Ações de rua, manifestações,	Somos um grupo de trabalhadores que alterna a sua condição entre o	Autorização do grupo	Não refere	8.177 Membros	Publicações constantes	Partilha de notícias essencialmente sobre política e	Participação elevada por parte

	<p>Data de criação – não refere</p> <p><b>Administradores da página Facebook:</b>  Nuno Santos  Renato Teixeira  Bruno Cardiga  Renato Guedes  João Vilela  Luís Barata  Anninka Raja  Ivo Silva</p> <p>Âmbito nacional</p>	<p>plenários, apresentações, debates, entre outros.</p>	<p>desemprego, o subemprego ou a precariedade, e estamos empenhados na criação de um movimento para o combate político e para a defesa dos nossos direitos.</p> <p>Este fórum existe para a discussão do problema do desemprego, precariedade e ataque aos direitos dos trabalhadores. Solicitações, comentários xenófobos, homofóbicos, insultos, etc. serão removidos sem aviso.</p>			<p>25.05.2016</p>	<p>atualizadas diariamente</p>	<p>medidas adotadas pelo Governo.</p> <p>Partilha de notícias dos meios de comunicação social e artigos de opinião (colunas de jornais) com elevada expressão. Poucos vídeos.</p> <p>Imagens e fotos maioritariamente das iniciativas.</p>	<p>dos amigos.</p> <p>Número elevado de contributos por parte dos amigos (imagens, notícias, comentários)</p> <p>Número elevado de partilhas e de gostos das publicações da organização</p>
--	---	---	--	--	--	-------------------	--------------------------------	--	---

### 8 Grupos/movimentos sociais (não foram analisados grupos de partidos políticos)

**10 Variáveis** – Designação, caracterização, debates/ideias/apelos, forma de adesão, normas de utilização, número de seguidores, atualização, conteúdo partilhado, participação.

## Anexo IX – Grelha de Convites para as Entrevistas

Organização		Tentativas de contacto Forma <sup>2</sup> , Dia e Hora	Contacto finalizado Dia e Hora	Realização da entrevista Local, Recurso <sup>3</sup> , Dia e Hora	Duração da entrevista	Entrevistados (Administradores)
1	<b>Geração à Rasca</b>	16.03.16 às 14.02h através de MPF	22.03.2016 às 19.30h MPF	22.03.2016 às 19.30h Pessoalmente em Faro	02:45:06	Élio Arenga (R1)
2	<b>Que se Lixe a Troika – Queremos as nossas vidas – A luta vai continuar</b>	16.03.16 às 14.152h através de MPF	Sem resposta	Sem resposta	n.a	n.a
		Nova tentativa a 18.04.2016 às 20.34h através de MPF				
3	<b>RiseUp Portugal</b>	16.03.16 às 14.47h através de MPF	07.04.2016 às 16.30h MPF	08.04.2016 às 21h Skype	01:45:39	João Henriques (R4)
4	<b>Precários Inflexíveis</b>	16.03.16 às 14.07h através de MPF	18.05.2016 às 11:55h CE	31.05.2016 às 22h Skype	00:35:10	Joana Louca (R7)
		Nova tentativa a 18.04.2016 às 20.25h através de MPF				
5	<b>Indignados Algarve</b>	16.03.16 às 14.09h através de MPF	João Martins 16.03.2016 às 14.23h MPF	28.03.2016 às 17.30h pessoalmente em Loulé	01:05:08	João Martins (R3)

<sup>2</sup>Forma de convite - Correio eletrónico (CE), mensagem privada do Facebook (MPF), Chat do Facebook, telefone.

<sup>3</sup>Recurso utilizado – Videochamada por Telefone ou por Facebook, Skype, pessoalmente.

6	<b>TugaLeaks</b>	16.03.16 às 14.46h através de MPF	23.03.2016 às 22.53h por CE	Não tem interesse em realizar a entrevista	n.a.	Rui Cruz
7	<b>Transparência e Integridade, Associação Cívica</b>	16.03.16 às 14.11h através de MPF	21.03.2016 às 16.40h por CE	24.03.2016 às 16h pessoalmente no Lumiar em Lisboa	01:30:11	João Batalha (R2)
8	<b>Indignados Lisboa</b>	22.03.16 às 23.51h através de CE	Sem resposta	Sem resposta	n.a.	n.a.
		Nova tentativa a 18.04.2016 às 20.21h através de CE				
9	<b>Academia Cidadã</b>	24.03.16 às 20.11h através de CE	19.05.2016 às 10:59h CE	01.06.2016 às 19h Skype	00:35:12	Joana Dias (R8)
		Nova tentativa a 18.04.2016 às 20.06h através de MPF				
10	<b>Movimento 12M</b>	24.03.16 às 20.18h através de CE	Sem resposta	Sem resposta	n.a.	n.a.
		Nova tentativa a 18.04.2016 às 20.12h através de MPF				
11	<b>Plataforma Livre de Petróleo Algarve (PALP)</b>	28.03.16 às 20.12h através de MPF	07.04.2016 às 18.10h Telefone	09.04.2016 às 15h pessoalmente em Faro	00:39:29	Fernando Dias (R5)
12	<b>Associação Portuguesa de Cidadania Activa</b>	29.03.2016 às 20.03h através de MPF	Sem resposta	Sem resposta	n.a.	n.a.
		Nova tentativa a 18.04.2016 às 20.15h através de CE				

13	<b>Agora Pensamos Juntos</b>	29.03.2016 às 20.10h através de MPF	Sem resposta	Sem resposta	n.a.	n.a.
		Nova tentativa a 18.04.2016 através de CE				
14	<b>Acratas</b>	18.04.2016 às 20.02h através de MPF	Sem resposta	Sem resposta	n.a.	n.a.
15	<b>15 Outubro</b>	18.04.2016 às 21.12h através de MPF	Sem resposta	Sem resposta	n.a.	n.a.
16	<b>Movimento Sem Emprego (MSE)</b>	19.04.2016 às 14.48h através de MPF	20.04.2016 às 19.10h MPF	22.04.2016 às 15h vídeo chamada do Facebook	24m16s	João Vilela (R6)

Texto para o convite:

Boa tarde, o meu nome é Adriana Sousa e estou a realizar a dissertação do Curso de Mestrado de Educação Social da Universidade do Algarve intitulada: “Movimentos Sociais Digitais em Portugal. Neste âmbito, venho solicitar a vossa colaboração, que consiste na realização de uma entrevista on-line (+/- 40 min) em data que mais lhe convier, através da plataforma Skype/ou outra alternativa possível. Posteriormente e assim que oportuno gostaria de contar com o vosso apoio no apelo e à divulgação de questionários junto dos vossos seguidores. Antecipadamente grata pela vossa disponibilidade. Mais informo que, dada a representatividade do vosso grupo seria muito importante o vosso contributo. Obrigada Adriana Sousa

Correio eletrónico - [movimentosdigitaisportugal@gmail.com](mailto:movimentosdigitaisportugal@gmail.com)

Página Facebook - <https://www.facebook.com/profile.php?id=100011135718030>